

Blumenau

BLUMENAU em CADERNOS

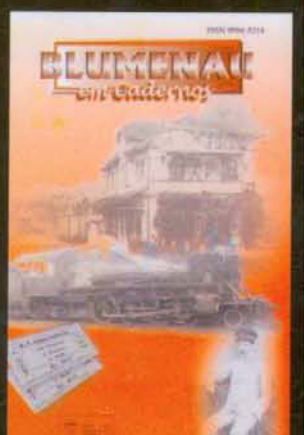
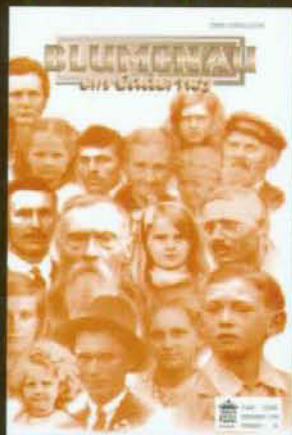
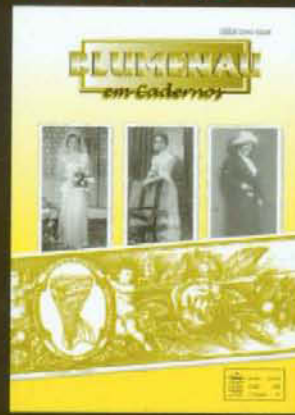
BLUMENAU

ISSN 0006-5218

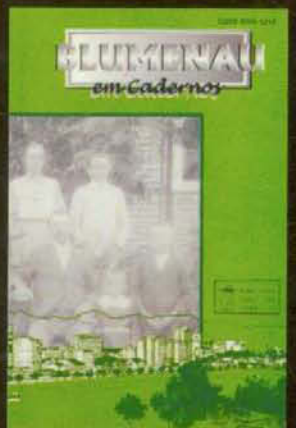
1957 - 2002

BLUMENAU em Cadernos

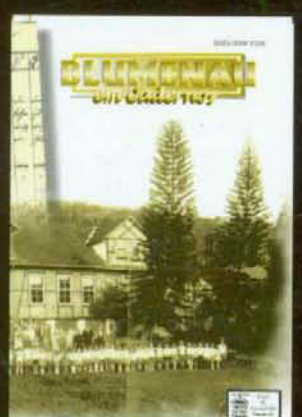
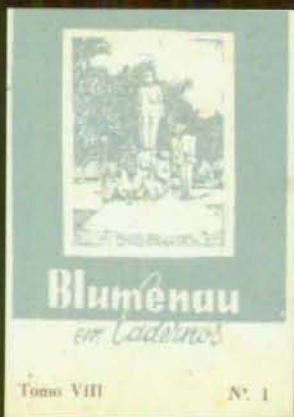
BLUMENAU em CADERNOS



Edição Especial 45 ANOS 1957 - 2002



FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XLII
Novembro/Dezembro 2002
NÚMERO 11/12



BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura

Vilarino Wolff



**Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História - edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"

ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC

Fone/fax: (47) 326-6990

E-Mail: *funculbl@terra.com.br*

CAPA

Retrospectiva dos 45 anos da Revista Blumenau em Cadernos - 1957 - 2002

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Ivo Marcos Theis (Presidente)

Annemarie Fouquet Schünke,

Cezar Zillig, Cristina Ferreira,

Méri Frotscher

Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO

Marilu Antunes

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

Editorial	007
Apresentação	009
Documentos originais - Artigos	
Erlebnis von Klara Hermann As vivências de Klara Hermann <i>Klara Hermann</i>	011
Artigos	
Natureza na Literatura Teuto-brasileira: Paraíso Natural x Paraíso Construído <i>Prof. Dra. Valburga Huber</i>	034
Rua Araranguá: memória e origem <i>Evemara Faustino</i>	044
História & Historiografia	
Trabalho, casa e fábrica: estudo das formas de sociabilidade das mulheres operárias de Blumenau <i>Cristina Ferreira</i>	056
Entrevista	
História de Vida - Ingo Armim Bohn <i>Isabel Mir Brändt</i>	071
Memórias	
Meus Tempos de Colégio VI - Um incidente quase às vias de fato <i>Armando Luiz Medeiros</i>	088
Histórias de Blumenau <i>Loure Elsa Holetz</i>	090

A saúde em Blumenau
Grete Baumgarten Medeiros 094

Talvez o melhor dos meus natais
Alberto Plínio Baumgarten 098

A festa do Natal
Affonso Balsini 100

Crônicas do Cotidiano

Esse Velho Companheiro
Urda Alice Klueger 103

Esporte & Lazer

Três colunas marcantes de Mano Jungo
Aurélio Sada 105

Burocracia & Governo

Documentos da Colônia de Blumenau para o Presidente
da Província Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves, em 1965:
Doc. 597 ao 599 109
Doc. 601 112

Autores Catarinenses

Notícia sobre um conto / Colecionador apaixonado /
Quem escreve o quê e onde
Enéas Athanázio 113

Índice da Revista Blumenau em Cadernos - 2002 121

EDITORIAL

Dá para imaginar que uma revista – que se dedica a cultivar, desde os seus primórdios, a memória de um lugar e de sua gente, publicada no interior de um país que se acusa freqüentemente de desprezar seu passado – sobreviva por 45 anos? Pois é...

Em novembro de 1957, quando José Ferreira da Silva fundou *Blumenau em Cadernos*, poucos poderiam imaginar que a emergente publicação pudesse ter vida tão longa. Já no seu início, mostrou-se um empreendimento ambicioso, ousado, chamando logo atenção pela qualidade de seus textos e pelo cuidado no seu formato – que com o tempo só melhoraria. Do ponto de vista do conteúdo, a ênfase recaiu sobre a memória de Blumenau – e de sua gente –, razão, aliás, por que veio à luz. Todavia, *Blumenau em Cadernos* também abrigou em suas páginas registros de viagens e viajantes, transcrições de documentos, entrevistas, análises literárias, biografias e artigos e comunicações sobre o que se passou e passava, tanto em Blumenau quanto alhures. Para se ter uma idéia melhor do que foi a revista nos seus 38 anos iniciais, pode-se conferir um belo *Índice da Revista “Blumenau em Cadernos”: Referências de Autores e Títulos, 1957-1995*, publicado em 1996.

Sempre com o propósito de servir de instrumento de difusão da cultura e da memória locais, com essa preocupação de melhorar continuamente sua qualidade, foram introduzidas nos anos recentes novas mudanças, sobretudo de formato, além da alteração da periodicidade, que passou a ser bimestral.

Daí resultara, já em 1998, o *Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux*, conferido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. O reconhecimento da importância de *Blumenau em Cadernos* foi novamente reiterado neste mês de novembro com a concessão do **Prêmio Destaque – 2002**, conferido pela Academia Catarinense de Letras.

Que nestes 45 anos a revista garantiu seu lugar na cabeceira de muita gente boa, que freqüenta muitas estantes e bibliotecas disputadas, isso está fora de dúvida. Aliás, acredite-se, *Blumenau em Cadernos* está fazendo escola. Pelo menos “*Rio do Sul: nossa história em revista*”, publicada pela Fundação Cultural de Rio do Sul, não esconde – aliás, se esforça para isso! – que quer se parecer quanto puder com sua homônima premiada. Não deve ser a única.

O que importa, contudo, é que os primeiros 45 anos comemorados por *Blumenau em Cadernos* vêm sendo muito bem vividos: quem diria que esse ousado empreendimento de José Ferreira da Silva conseguiria chegar onde chegou? O desafio, agora, está em encarar outros 45 anos. Pensando bem, pelo que se tornou, isso até que não vai ser difícil...

Ivo Marcos Theis

Presidente

Conselho Editorial



APRESENTAÇÃO

No momento em que a revista *Blumenau em Cadernos* celebra os seus quarenta e cinco anos de publicação aproveitamos a ocasião, para cumprimentar e simbolicamente homenagear a todos aqueles que na condição de assinantes, articulistas, colaboradores, tradutores e ou patrocinadores contribuem ou contribuíram para o sucesso da revista.

Blumenau em Cadernos com seus registros têm proporcionado aos seus leitores subsídios para diversos temas, fazendo-os localizar-se no tempo em que vivemos de forma mais consciente e informada. Dentro desta perspectiva publicamos nesta edição para o âmbito das discussões, os seguintes temas:

Na coluna *Documentos Originais*, a qual está editada em versão bilíngüe (alemão-português), como o texto intitulado “**Vivências de Klara Hermann**”, a autora, com muita propriedade e riqueza de detalhes conta a sua história de vida, motivações que a trouxeram ao Brasil no início do século passado e suas primeiras impressões. Daremos continuidade às suas lembranças e vivências no decorrer dos próximos números.

Desde os tempos da colonização do Brasil, a natureza brasileira sempre exerceu um forte fascínio nos viajantes estrangeiros que aqui passaram e deixaram este registro em telas, gravuras, publicações, diários, cartas ou memórias. Com a chegada dos imigrantes que vieram para ficar, não foi diferente. Ao tomar conhecimento da diversidade da natureza, das “verdejantes florestas”, da magia de um mundo praticamente selvagem, eles são acometidos por um sentimento de encantamento que é muitas vezes narrado sob a forma de poemas. Trabalhando com a temática da imigração alemã e sua literatura, a pesquisadora e professora Dra. Valburga Huber, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, traduz o espírito da época com o artigo “**Natureza na Literatura Teuto-Brasileira: paraíso natural x paraíso construído**”. Com muita clareza e domínio, revela para o leitor de *Blumenau em Cadernos* um tema até então distanciado do acesso do grande público, por estar publicado na língua alemã.

Outra temática inserida neste bloco de artigos tem como epígrafe “**Rua Araranguá: memória e origem**”. A professora Evemara Faustino, ao produzi-lo, fez uso de uma pesquisa iniciada em uma das disciplinas do seu curso universitário, dentro da micro-história, investigando e recolhendo a partir daí depoimentos de pessoas que a auxiliaram a penetrar em questões comunitárias até então contidas nas memórias dos mais velhos.

No bloco da revista onde estão classificados os textos que versam sobre *História e Historiografia*, centramos o artigo da professora Cristina Ferreira, intitulado “**Trabalho, casa e fábrica: estudo das formas de sociabilidade**”. Segundo a autora, “o objetivo do artigo é dar visibilidade às mulheres operárias enquanto sujeitos que constroem a sociedade e estudar as possíveis reações das mesmas frente às imposições da economia industrial e domésticas”. A intenção é “tornar visíveis as mulheres criadoras de práticas de sociabilidades e lazer para enfrentar o disciplinamento presente na sociedade

blumenauense das décadas de 50 a 70”.

Lembranças de pessoas que vivenciaram, ou participaram de atividades que fazem parte da construção da sociedade, são fortes componentes de que a História Oral se utiliza como fontes de pesquisa. Isabel Mir Brandt, buscou nas falas de Ingo Armim Bohn retratar a sua história de vida e atuação como empresário de cinema na região do alto Vale do Itajaí.

Por outro lado, na coluna *Memórias*, os colaboradores têm procurado registrar na revista as suas recordações. Armando Luiz Medeiros, lembrando seu tempo de estudante, escreve **“Meus Tempos de Colégio – VI: Um incidente às vias de fato”**.

Neste mesmo bloco, Grete Baumgarten aborda **“A Saúde em Blumenau”**. Fala das epidemias de malária que assolaram a região nos anos 40, bem como os tratamentos realizados para minimizar o problema, valorizando aí o trabalho e a dedicação dos farmacêuticos da época.

Rememorando as festividades natalinas do seu tempo de criança, o Sr. Alberto Plínio Baumgarten produziu o texto **“Talvez o melhor dos meus Natais”**.

Urda Alice Klueger, com suas Crônicas do Cotidiano, nos traz uma temática que normalmente poderia passar despercebida, porém, ao ler “Esse velho companheiro”, os leitores naturalmente passarão a olhar a novidade do “plástico” como um processo de mudança que entrou no Brasil nos anos 50, alterando muitos hábitos da vida das pessoas.

Voltando com a coluna *Esporte & Lazer*, trazemos para o leitor o texto de Aurélio Sada, o qual reporta-se ao jornalista Mano Jango, responsável por uma coluna diária num jornal local, intitulada “Espiondo a Maré”. Revendo algumas destas crônicas, o autor escreveu o texto **“Três colunas marcantes de Mano Jango”**. Esperamos que os leitores e leitoras de *Blumenau em Cadernos* divirtam-se com o texto.

Em *Burocracia & Governo*, trazemos a publicação de documentos da administração pública referente a **Blumenau Colônia Império**. A importância destas publicações deve-se ao fato de estarmos não apenas socializando o seu teor como também garantindo a preservação desta fonte documental em outro suporte.

O escritor Enéas Athanázio, em *Autores Catarinenses*, faz a análise e comentários referentes à produção literária e obras editadas pelos autores do nosso Estado. Comenta: **“Notícia sobre um conto”, “Colecionador Apaixonado” e “Quem escreve o quê e onde”**.

Finalizando esta edição, que registra o marco dos quarenta e cinco anos de “Blumenau em Cadernos”, desejamos que esta revista que é hoje um referencial da historiografia do Vale do Itajaí, continue a vencer todos os desafios de publicização de um periódico com o perfil de Blumenau em Cadernos.

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

**Documentos
Originais –
Artigos**

**As vivências de
Klara Herman**

TEXTO:
*KLARA HERMAN**



Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

Vivências de Klara Hermann

Em 1903, encontrava-me em uma propriedade rural em Hessen (Alemanha) para substituir a dona da casa, que estava adoentada. Em pouco tempo esta se tornou uma amiga estimada e, falava freqüentemente sobre seu irmão do Brasil. Ele administrara a propriedade paterna na Alemanha, mas o outono e o inverno eram prejudiciais à sua saúde.

Após a morte de seu pai ele resolveu viajar, recobrando sua saúde no sul do Brasil. Estava lá há quatro anos, desbravou terra e vivia como um colono. Porém, não conseguiu achar uma companheira, pois era bastante exigente.

Pretendia voltar à Alemanha no próximo verão, a fim de encontrar uma esposa. Ao retornar seu irmão de Berlim lhe apresentou muitas jovens, porém nenhuma lhe convinha.

Certo dia pela manhã, o “brasileiro” veio visitar sua irmã e seu cunhado. A alegria foi muito grande, mas, à primeira vista não simpatizei com ele. Durante o almoço eu estava sentada à sua frente, queria observá-lo melhor, foi quando percebi que estava sendo observada, algo bastante constrangedor para mim e resolvi apenas ouvir. Afinal, isto também foi bem interessante, pois o meu conceito sobre o Brasil era muito vago.

Gostei do seu relato e, após três dias também estava gostando do homem, tornando-me sua noiva, motivo de alegria para sua irmã. O casamento seria realizado dentro de quatro semanas, pois meu noivo não queria deixar sua colônia durante muito tempo aos cuidados de uma pessoa estranha.

* Tradução: Annemarie Fouquet Schünke

Erlebnis von Klara Hermann

1903 war ich auf einem Gute in Hessen zur Vertretung der leidenden Hausfrau. Bald wurde mir diese eine sehr liebe Freundin und sie erzählte mir viel von ihrem Bruder in Brasilien. Dieser hatte das väterliche Gut in Deutschland bewirtschaftet, konnte aber nicht den Herbst und Winter vertragen.

Nach dem Tode des Vaters war er auf Reisen gegangen und in Süd-Brasilien hatte er seine alte Gesundheit wieder erlangt. Nun war er schon vier Jahre dort, hatte Land urbar gemacht und führte das Leben eines Kolonisten. Eine passende Lebensgefährtin konnte er dort nicht finden, da er allerlei Ansprüche dabei erhob.

Im nächsten deutschen Sommer wollte er zurück kommen und sich hier eine Frau suchen. So kam es dann auch und sein Bruder in Berlin gab sich große Mühe, um ihm eine Anzahl netter junger Damen vorführen zu können zur Auswahl, doch die richtige war nicht dabei.

Eines frühen Morgens kam unser Brasilianer zu uns nach Hessen um seine Schwester und Schwager zu besuchen. Die Freude war groß, aber mir gefiel er garnicht auf den ersten Blick.

Beim Mittagessen saßen wir uns gegenüber und wollte ich mir den Gast jetzt genau betrachten, aber wie ich damit beginnen wollte, sah ich, daß ich beobachtet wurde, das war peinlich, aber nicht zu ändern und so begnügte ich mich mit dem zuhören, was schließlich auch interessant war, denn Brasilien war mir damals ein entfernter Begriff.

Die Erzählungen unseres Besuchers gefielen mir recht gut. Nach drei Tagen gefiel mir der ganze Mann und ich wurde seine Braut, worüber seine Schwester sich sehr freute. In 4 Wochen sollte Hochzeit sein, mein Verlobter wollte seine Kolonie nicht so lange allein lassen, unter fremder Obhut.

Aber es ging nicht so glatt, zuerst erzürnte sich mein Bräutigam mit dem Standesbeamten, der eine Veröffentlichung des Aufgebotes in Brasilien verlangte, was einige Monate gedauert hätte. Darauf reiste ich nach meinem Geburtsort in der Mark, dort erhielt ich dieselbe Auskunft. In der Heimat meines Verlobten war es dasselbe, aber der Bürgermeister, der ihn genau kannte, reichte ein Gesuch ein für unsere Heirat ohne Aufgebot in Brasilien. Herr Direktor Sellin, von der Hamburg Kolonial Gesellschaft, der meinen Verlobten in Brasilien besucht hatte, bestätigte freundlichst daß er unverheiratet sei. So kam nach Wochen ein großes Aktenbündel zurück, mit der Erlaubnis zur Heirat.

Mas não foi tão fácil assim. Meu noivo ficou enfurecido com o oficial do registro civil, que exigiu a publicação do proclama no Brasil, algo que demoraria alguns meses. Por este motivo viajei para minha cidade natal, onde obtive a mesma informação. Na cidade natal de meu noivo foi a mesma coisa, mas o prefeito o conhecia bem e entrou com uma petição para que nosso casamento pudesse ser realizado sem o devido proclama. O sr. Sellin, da Sociedade Colonial Hamburguesa gentilmente confirmou que ele era solteiro, pois o havia visitado no Brasil. Após algumas semanas recebemos um grande volume de documentos com a autorização para o casamento.

Recebemos a bênção matrimonial na propriedade do irmão mais velho do meu noivo, exatamente oito semanas depois do noivado. Nossa bagagem estava pronta para o embarque, agora só faltava conseguir um navio. Pretendíamos partir de Hamburgo, pois lá meu marido conhecia os administradores e agentes, que se encarregariam do despacho do gado. Tínhamos um touro malhado holandês, um bode, duas cabras e galinhas de raça. Tudo isto iria conosco para o Brasil. Durante semanas esperamos por um navio em Berlim, prontos para o embarque, enquanto nossos animais aguardavam em Hamburgo. Quase conseguimos embarcar em um navio com carregamento de sal, mas este estava impedido de levar passageiros, pois não mais oferecia segurança, tanto que mais tarde afundou.

Enfim, em 30 de novembro de 1904 haveria um navio para o Brasil e que aportaria em São Francisco. Desta maneira pudemos viajar. Quando nossa bagagem estava para ser embarcada em Hamburgo, constatou-se que faltavam oito caixotes. Meu marido e meu cunhado andaram um dia inteiro de uma estação de trem para outra sem achá-los.

Trago comigo más lembranças de Hamburgo, o tempo nublado e úmido de novembro contribuiu ainda mais para o desânimo. Nem a ida ao teatro conseguiu levantar o ânimo. Eu estava congelada, o fogão de ferro do hotel queimou um buraco no meu vestido de viagem, mas não conseguiu me esquentar. Só sobrava a esperança de um sol quente no Brasil.

Assim, viajamos sem os caixotes desaparecidos. Meu marido estava totalmente envolvido com a acomodação dos animais no convés, pois as gaiolas foram colocadas lá e precisavam de proteção contra o mau tempo. Eram bem estofadas por dentro, o que a princípio achei engraçado, porém mais tarde, durante as tempestades protegeu os animais.

Genau acht Wochen nach unserer Verlobung wurden wir auf dem Gute des ältesten Bruders meines Verlobten getraut. Unsere Koffer und Kisten waren fertig zur Reise, jetzt fehlte das passende Schiff. Wie wollten von Hamburg abreisen, mein Mann war dort mit den Herren der Verwaltung bekannt und mit dem Agenten, der die Beförderung unseres Viehes, daß wir mitnehmen wollten, übernommen hatte. Ein schwarzweißer junger Holländer Bulle, ein Bock und zwei Schweizer Ziegen und Rassehühner und Hähne sollten mit uns nach Brasilien. Aber Woche um Woche verging, wir waren abreisebereit in Berlin, unser Vieh in Hamburg. Beinahe durften wir mit einem salzbeladenen Schiff fahren, aber dies war schon zu wacklig und sackte später auch ab, da durfte kein Passagier mit.

Endlich am 30 November 1904 fuhr wieder ein Schiff nach Brasilien, daß in São Francisco anlief und wir konnten reisen. Als in Hamburg unsere Fracht verladen werden sollte, stellte sich heraus, daß 8 Kisten mit meiner Aussteuer fehlten. Einen Ganzen Tag liefen mein Mann und mein Schwager, der uns begleitet hatte, von einem Bahnhof zum anderen ohne sie zu finden.

Hamburg ist für mich eine schlechte Erinnerung, das trübe, naße Novemberwetter drückte die Stimmung immer weiter herunter, auch der Theaterbesuch am Abend konnte sie nicht heben. Ich war wie erfroren, der eiserne Ofen im Hotel brannte mir wohl ein großes Loch in mein Reisekleid, aber erwärmen konnte er mich auch nicht, da blieb nur die Hoffnung auf die warme Sonnen in Brasilien.

So reisten wir ohne unsere Kisten ab, mein Mann war ganz in Anspruch genommen, bei der Unterbringung der Tiere auf Deck, die dort mit ihren Käfigen aufgestellt wurden und noch allerlei Schutz gegen Wetter und Wind brauchten. Die Käfige waren innen gepolstert, was mir zuerst komisch vorkam, sich aber gut bewährte, als wie später stürmisches Wetter bekamen.

Der Bulle war bald so schlau, daß er sich beim größere Schaukeln des Schiffes hinlegte. Deutsches Futter und Wasser hatten wir für ihn, bis er in seinem Stall in Brasilien stand. Die Ueberfahrt dauerte vier Wochen, ebenso meine Seekrankheit, die mir alles Interesse für meine Umwelt raubte, ich war froh, wenn ich ruhig in meinem Faulenzer liegen konnte.

Weihnachten waren wir noch an Bord und sah ich hier zum letztenmale ein deutsches Weinachtsbäumchen, das die Reise der Heimat mitgemacht hatte. Der Abschied von der Heimat war mir in all dem Trubel garnicht so recht zum Bewußtsein gekommen, auf dem Schiff war ja auch noch Deutschland. Aber als wir

O touro, muito esperto, se deitava quando o navio balançava. Trouxemos ração e água suficientes até que estivesse no estábulo no Brasil.

A travessia durou quatro semanas e o meu enjôo também, tanto que eu não tinha interesse sobre o que acontecia à minha volta. Sentia-me bem quando podia ficar deitada na cadeira de preguiça.

No Natal ainda nos encontrávamos a bordo e, foi a última vez que vi uma árvore de Natal alemã, a qual havíamos trazido conosco. Em meio ao tumulto dos preparativos da viagem nem me dei conta da despedida da pátria mãe, pois no navio também ainda era a Alemanha. Mas, quando estávamos no porto em São Francisco vendo o navio afastar-se mais e mais, aí sim, eu senti com pesar que havia deixado tudo para trás e que estava em um país desconhecido.

Em São Francisco nos alojamos em um velho convento de outrora. O calor era escaldante. Quando é que foi que meu cunhado me trouxe a última rosa coberta de neve? Eu estava confusa. Na sala havia um pinheiro enfeitado com papel colorido. Perguntei à dona da hospedaria o que isto significava. Ela me olhou como se eu não tivesse as idéias no lugar e disse que um clube havia realizado uma festa. Não entendi nada e só depois me dei conta que era para ser uma árvore de Natal. Muitas vezes me lembrei deste fato, principalmente nos primeiros anos, quando enfeitava o candeeiro suspenso com galhos verdes, porque aqui não tínhamos a árvore de Natal.

Aguardamos alguns dias em São Francisco por causa da alfândega. Meu marido havia misturado as peças de todo o bonito enxoval, receando a taxa de importação. A prataria eu colocara na bagagem de mão. E os oito caixotes desaparecidos estavam em algum lugar em Hamburgo.

Bem, não foi tão difícil, só que não foi muito bom pagar a taxa de importação sobre o touro. Afinal, ele serviria de reprodutor para as vacas de outros colonos, mas para isso os funcionários públicos não tinham compreensão.

O Sr. von Lasperg, que trabalhava em São Francisco ajudou-nos da melhor maneira possível no transporte dos animais via fluvial. Um comerciante alemão colocou, gratuitamente, à nossa disposição sua lancha até Joinville. Este Sr. foi o único que nos ajudou desinteressadamente.

Chegamos à noite em Joinville e nossos animais não puderam mais ser descarregados, tivemos de deixá-los na lancha, apesar da preocupação. Nós viemos com uma pequena embarcação. Lá, tomei cerveja brasileira, mas, esta

in São Francisco do Sul standen und das Schiff den Hafen verließ, immer weiter und weiter unseren Blicken entschwand, da empfand ich schwer, jetzt sind alle Brücken abgebrochen und Du bist in einem fremden Lande.

In einem früheren alten Kloster in São Francisco do Sul logierten wir, glühende Hitze umgab uns, wann war es, als mir mein Schwager in Deutschland die letzte Rose holte, bedeckt mit dem ersten gefallenem Schnee? Ich fand mich garnicht zurecht. Im Saal stand ein Pinienbaum ganz mit bunten Papier behangen. Ich mußte die Wirtin fragen, was das bedeuten soll. Die sah mich an, als ob ich nicht klug sei und meinte ein Club habe hier sein Fest gefeiert! Dadurch war ich noch nicht weiter gekommen und später erst wurde es mir klar, daß dies ein Weihnachtsbaum sein sollte. Oft mußte ich noch daran denken, besonders in den ersten Jahren, da ich meine Hängelampe mit grünen Zweigen besteckte, weil es hier keinen Weihnachtsbaum gab.

In São Francisco do Sul hatten wir einige Tage zu warten, wegen der Zollabfertigung. Mein Mann hatte meine schöne Aussteuer bunt durcheinander gepackt, aus Sorge vor hohem Zoll. Meine Silbersachen hatte ich im Hangepäck durchbekommen und acht Kisten waren ja noch irgendwo in Hamburg.

Also wurde die Sache nicht so schmerzlich. Nur daß mein Mann für den Bulle noch Einfuhrzoll zahlen mußte, war wenig schön, denn der Bulle sollte auch als Deckbulle für andere Siedler dienen, aber dafür hatten die brasilianischen Beamten kein Verständniss.

Herr von Lasperg, welcher in São Francisco eine Anstellung hatte, half uns mit Rat und Tat soviel er konnte, bei der Weiterbeförderung unsere Tiere auf dem Wasserwege. Ein deutscher Kaufmann stellte uns unentgeltlich seine Lancha bis Joinville zur Verfügung, dieser Herr war der Einzige, der in uneingenütziger Weise uns geholfen hat.

Abends kamen wir in Joinville an und unsere Tiere konnten nicht mehr ausgeladen werden, sorgenvoll mußten wir sie auf der Lancha im Wasser lassen. Wir waren mit dem kleinen Dampfer gefahren, dort lernte ich brasilianisches Bier kennen, mir schmeckte es wie ganz schales, abgestandenes laues Flaschenbier, zum wegschütten, aber die Leute tranken es.

In Joinville hatten wir nun entgültig festen Boden unter den Füßen, die Schaukelei auf dem Wasser war überstanden. Im Hotel gab es ein ziemlich deutsches Abendessen, danach wollten wir einen gründlichen Schlaf tun, vorher machte ich weit das Fenster auf, um frische Luft herein zu lassen, aber ebenso schnell machte

não tinha gosto, mais parecia uma cerveja estagnada, no entanto as pessoas a tomavam.

Em Joinville estávamos definitivamente em terra firme, havíamos superado o balanço do mar. O jantar no hotel era tipicamente alemão e, após queríamos dormir um bom sono. Resolvi abrir a janela para o ar puro entrar, mas meu marido rapidamente a fechou para deixar os mosquitos de fora. Então resolvi colocar meus sapatos fora da porta, mais uma vez meu marido foi buscá-los depressa, comentando que aqui não se tinha este hábito e, talvez amanhã não estivessem mais lá. Pensei: país esquisito este! No dia seguinte os calcei mais ou menos limpos.

Em São Francisco me senti como se estivesse em um país estrangeiro, mas, Joinville tirou esta impressão, aqui só se ouvia falar alemão e a cidade tinha o aspecto de uma cidadezinha alemã. O que nos transmitia esta impressão certamente eram os jardins ao redor das casas com suas flores exuberantes. Também havia belas rosas. Cada qual procurava reproduzir um pouco a pátria mãe. Apenas a bela Alameda das Palmeiras lembrava o Brasil.

Em Joinville havia a editora do jornal Kolonie-Zeitung (Jornal da Colônia), já publicado na época. Tive a felicidade de conhecer a proprietária do referido jornal, a simpática Sra. Boehm, já bem idosa. Sempre a visitava em minhas idas a Joinville. Há tempo ela descansa desta vida atarefada. Seus netos prosseguem com seu trabalho. Conheci mais algumas famílias de alemães e notei que todos estavam bem e satisfeitos. Todos se conheciam e as diversas sociedades eram responsáveis pelo divertimento. Mas, nós não iríamos ficar aqui em Joinville. Estávamos a 87 km do nosso destino, por isso precisávamos seguir. Enquanto isso o ajudante de meu marido, André, chegou para nos buscar. Foi bom ter um carro com molas e cobertura para as estradas esburacadas, mas eu achei os cavalos muito pequenos e magros. Pelo jeito que André me olhou, provavelmente deve ter achado o mesmo de mim, pois eu mal alcançava o ombro do meu marido, além disso, eu parecia mais jovem do que era com meus cabelos loiros claros. Certamente eu não dava a impressão de uma verdadeira agricultora mas, nesta, ainda queria me transformar.

Primeiro começamos a carregar nossa bagagem. Uma carroça, aqui chamada de carreta, porque trazia os carregamentos das colônias e lugarejos transportou alguns caixotes. O touro e as galinhas foram colocados em outra carroça, as cabras vieram conosco no nosso carro, e assim prosseguimos viagem.

mein Mann es wieder zu um die Moskitos draußen zu lassen. Nun stellte ich noch schnell meine Schuhe vor die Türe, zum putzen, aber noch schneller holte mein Mann sie wieder, mit der Bemerkung, so etwas giebt es hier nicht und wer weiss, ob die Schuhe morgen überhaupt noch da sind. Komisches Land dachte ich und zog meine Schuhe am nächsten Tag, ein bischen abgewischt wieder so an.

In São Francisco do Sul empfand ich deutlich, daß ich in einem fremden Lande war, Joinville verwischte diesen Eindruck wieder, hier hörte man nur deutsch sprechen und die Stadt selbst sah wie eine deutsche Kleinstadt aus. Das machten wohl die Gärten, die vor und neben den Häusern waren und in ihrem deutschen Blumenflor prangten, viel schöne Rosen gab es. Jeder suchte wohl hier ein Stückchen deutsche Heimat zu formen. Nur die schöne große Palmenallee mitten in der Stadt mahnte an Brasilien.

In Joinville befand sich auch die Druckerei der deutschen Kolonie-Zeitung, die damals schon erschien. Ich hatte die Freude die Inhaberin, die liebenswürdige alte Frau Boehm kennen zu lernen und habe sie später stets besucht, wenn ich einmal nach Joinville kam. Sie ruht schon lange aus von ihrem arbeitsreichen Leben und ihre Enkel führen ihr und ihres Mannes Werk weiter. Noch einige deutsche Familien lernte ich kennen und ich sah, daß alle sich wohl fühlten und hier zufrieden waren. Alle kannten sich und lebten fast wie in Deutschland, für Geselligkeit sorgten verschiedene Vereine. Doch wir sollten ja nicht hier in Joinville bleiben. 87 Kilometer waren wir noch von unserem Ziel entfernt, darum hieß es weiter.

Inzwischen war der getreue André, Gehilfe meines Mannes mit dem Fuhrwerk eingetroffen, um uns abzuholen. Ein Wagen mit Federn und Verdeck ließ man sich schon gefallen für die holperigen Strassen, aber die Pferde davor kamen mir doch sehr klein und mager vor. André dachte vielleicht ähnlich so von mir, als er mich betrachtete, denn ich reichte meinem Manne knapp bis zur Schulter und mit meinem hellblonden Haar sah ich wohl jünger aus, als ich war und machte wohl auf ihn nicht den Eindruck einer richtigen Bauersfrau, aber die wollte ich ja nun auch erst werden.

Vorläufig ging erst mal die Verladerei wieder los. Ein Fuhrwerk, hier Frachtwagen genannt, weil er die Frachten aus der Kolonie und Ortschaften befördert, nahm einige Kisten von uns mit, ein mit fünf Pferden bespannter Wagen wurde mit unserem Bullen und den Hühnern beladen, auf unserem Wagen kamen die Ziegen und zum Schluß wir, und langsam und gemütlich ging die Reise los.

Auf dem Schiff hatten unsere Hühner täglich Eier gelegt, sogar mit dem

No navio, as galinhas punham diariamente seus ovos, talvez pela dedicação dispensada e estes até eram datados. Agora isto acabou. Certamente o calor e o sacolejar nas gaiolas durante o transporte as incomodavam. O carro passava tranqüilamente pela paisagem verde e eu me lembrei então da travessia tempestuosa no golfo de Biscaia. Na cabine tudo rolava de um lado para outro, as toalhas e vestidos normalmente pendurados na parede estavam na horizontal. Como minha cama era muito grande, meu marido colocou uma mala junto aos meus pés para minha segurança. A maneira como o navio se inclinava para o lado era ameaçador. As gaiolas com os animais no convés precisaram de amarras de reforço para não serem lançadas ao mar. À noite, ficamos conversando durante bastante tempo com o administrador, éramos os únicos que ainda não haviam se recolhido. Depois que o administrador se despediu meu marido foi levar os cobertores para a cabine e, naquele momento o navio se inclinou de tal forma, que ele se desequilibrou e escorregou sem conseguir agarrar a corda de salvamento, sumindo da minha vista. Meu grito trouxe o administrador imediatamente de volta, e o navio se equilibrou novamente. Felizmente meu marido fora jogado contra a balastrada e conseguira agarrar-se a esta no último momento. Nesta noite escura e tempestuosa certamente não teria havido salvamento para ele, assim escapamos com um grande susto. Os dois me levaram para a cabine, onde apesar do incômodo provocado pela tempestade era mais seguro e não havia o perigo de escorregar no mar. Ainda bem que superamos esta viagem e logo estaríamos no nosso lar.

Enquanto pensava em tudo isto, pois devido ao calor estávamos com preguiça para conversar, já era meio-dia e paramos em um lugar para repousar.

Os donos da hospedaria também eram alemães, cumprimentaram-nos, bem como aos carroceiros, como se fôssemos velhos conhecidos, querendo saber notícias da Alemanha.

Quando nós e os animais havíamos recuperado nossas forças, seguimos até a hospedaria seguinte, onde pernoitamos. Fiquei surpresa ao ver como aqui tudo era simpático e acolhedor. A mulher era dinamarquesa, falava bem o alemão e dava uma boa impressão. Meu marido trouxera livros da Alemanha para ela, enquanto as outras mulheres, que havia encontrado durante o percurso não tinham interesse por isto.

A casa era rodeada por um belo jardim e, mais tarde, recebi várias mudas de flores e de plantas ornamentais. Após o jantar, meu marido e eu

Datumstempel darauf, weil sich freundliche Menschen um sie gekümmert hatten, nun war es vorbei damit. Sie mußten sich wohl auch über die Hitze hier wundern und über das Geschüttel in ihrem Käfig und hatten damit genug zu tun.

Gemächlich fuhren wir durch die grüne Landschaft und ich mußte zurückdenken an die stürmische Fahrt durch den Golf von Biskaya. In unserer Kabine polterte und kullerte alles durcheinander, Handtücher und Kleider, die sonst senkrecht an der Wand hingen, standen wagerecht. Mein Bett war für mich zu groß und damit ich besseren Halt hätte, verstaute mein Mann einen Koffer an das Fußende. Es war unheimlich, wie das Schiff sich immer wieder auf die Seite neigte. Unsere Viehkäfige am Deck mußten noch besonders befestigt werden, damit sie nicht über Bord gingen.

Am Abend waren mein Mann und ich noch lange oben geblieben, im Gespräch mit dem Verwalter, wir waren die Letzten, die noch nicht zur Ruhe gegangen waren. Als der Verwalter sich verabschiedete, ging auch mein Mann, um zuerst unsere Decken nach der Kabine zu tragen, im selben Moment legte sich das Schiff ganz seitwärt, mein Mann verlor das Gleichgewicht, rutschte aus, ohne die Notleine faßen zu können und verschwand vor meinen Augen.

Mein Angstschrei brachte den Verwalter sofort wieder an Deck, das Schiff hob sich auch und Gottseidank, war mein Mann gegen die Reling geschlagen und konnte sich im letzten Augenblick daran klammern. In dieser dunklen stürmischen Nacht hätte es wohl keine Rettung für ihn gegeben, so waren wir gnädig mit dem fürchterlichen Schreck davon gekommen. Beide Herren brachten mich zur Kabine, wo es trotz dem Hin und Herrollen doch sicherer war, man konnte nicht gleich ins Meer rutschen. Ja es war gut, daß wir diese Reise hinter uns hatten und bald in der neuen Heimat ankommen würden. Bei all dem Nachdenken, zum Reden war man zu faul geworden bei der zunehmenden Hitze, war es Mittag geworden und wir hielten bei einer Poso-Stelle. Wieder waren es Deutsche, die hier eine Wirtschaft hatten und uns und die Fuhrleute wie alte Bekannte begrüßten und von uns allerlei aus Deutschland wissen wollten.

Als Mensch und Tier neu gestärkt waren, ging es weiter zur nächsten Poso-Stelle, wo wir übernachten mußten. Ich war überrascht, wie nett und gemütlich hier alles eingerichtet war. Die Frau, eine Dänin, sprach ein gutes Deutsch und machte einen sehr guten Eindruck, mein Mann hatte ihr auch Bücher aus Deutschland mibringen müssen, wofür die anderen Frauen, die ich während der Wagenreise, in diesen Tagen gesehen hatte, keinen Sinn hatten.

fomos passear ao ar livre e escutei um constante martelar, assim como se um ferreiro ainda estivesse trabalhando. Perguntei quem estava martelando desse jeito. É o caldeireiro! foi a resposta. Transcorrido uma hora ainda o mesmo martelar. Esquisito! Perguntei mais uma vez se ele martelava durante a noite. Ao que parece, sim. Realmente o martelar continuou e tive de aceitar. Mais tarde fiquei sabendo que este diligente caldeireiro era um sapo...

Na manhã seguinte, bem cedo, continuamos nossa viagem. Paramos em outras hospedarias na hora do lanche e do almoço, mas nenhuma era tão confortável como àquela onde pernoitamos. Quanto mais nos afastávamos da cidade, tanto mais primitivo era o modo de vida.

Existiam muitas choças de palmito com fogo a céu aberto. As casas de madeira eram muito caras, pois a madeira era serrada manualmente. Havia algumas serrarias, mas ainda não havia caminhos para um transporte de porte. Ainda hoje existem choças de palmito, pois o negro modesto se sente bem dentro delas.

De dentro de uma destas ecoava o som de música. Lá, homens e mulheres negras cantavam e dançavam, festejando o ano novo. Eu também entrei num ano novo, e em uma vida nova.

Tarde da noite alcançamos a última hospedaria do percurso. O jantar nos foi servido de modo prestativo.

Para minha surpresa havia sobre a mesa um grande prato com biscoitos dourados. Falei para meu marido que havia biscoitos de fina qualidade. Ele começou a rir dizendo que aquilo não eram biscoitos. Era pão de milho e estava gostoso, porém só me servi um pouco, pois estava receosa. O pão de milho pode ser muito gostoso se misturado com um pouco de farinha de trigo, mas é preciso se acostumar ao pão feito somente com farinha de milho e batata doce.

Quantos imigrantes se sentiam felizes por terem farinha de milho para o pão, e não precisarem comer diariamente feijão preto com farinha de mandioca. Em nossa última parada pude perceber como era a vida do colono no Brasil. À nossa volta, o murmúrio da mata virgem, em toda parte o cricrilar e o sussurrar dos insetos. Quantos sons estranhos enquanto escurecia rapidamente.

Era hora de dormir, mas no pequeno puxado onde prepararam nossa acomodação, havia muitas baratas grandes e aranhas. Clitsch, clatsch, era o barulho que faziam ao cair. Várias baratas caíram nas armadilhas, colocadas

Ein sehr schöner Garten umgab das Haus und später bekam ich noch allerlei Ableger von Blumen und Ziersträuchern. Nach dem Abendessen gingen mein Mann und ich ins Freie, um nach der Wagenfahrt noch etwas zu laufen, da hörte ich wieder und immer wieder ein Hämmern, als wenn ein Schmied noch arbeitet. Schließlich mußte ich doch fragen, wer ist das, der da so hämmert? Der Kupferschmied! Erhielt ich die Antwort. Nach einer Stunde immer noch das gleichmäßige geklopfe. Sondebar, ich mußte wieder fragen, klopft der denn die ganze Nacht hindurch? Es scheint so, war die Antwort. Und er blieb wirklich noch lange bei seiner Klopferei, ich mußte mich damit abfinden. Viel später habe ich erst erfahren, daß dieser fleissiger Kupferschmied ein Frosch ist...

Früh am anderen Morgen ging unsere Reise weiter, Frühstück und zur Mittagzeit waren wieder Poso-Stellen erreicht, aber so komfortabel wie unser letztes Nachtquartier war keine mehr, je weiter wir von der Stadt kamen, desto primitiver wohnten die Leute.

Vielfach standen ganz kleine Buden aus Palmiten errichtet, mit Dachblatt gedeckt und mit einer offenen Feuerstelle als Küche. Häuser aus Bretter war damals noch eine teure Angelegenheit, da die Bretter zumeist mit der Handsäge gesägt wurden, Schneidemühlen gab es nur vereinzelt, auch die Wege waren noch nicht für große Transporte angelegt. Palmitohütten findet man auch heute noch, der anspruchlose Schwarze z.B. fühlt sich wohl darin.

Aus einer größeren Palmitobude ertönte klappernde Musik und schwarze Männer und Frauen sangen und tanzten dazu, sie feierten Neujahr, ich fuhr ins neue Jahr, ins neue Leben hinein.

Die letzte Poso-Stelle auf unserer Fahrt war erreicht, spät in der Nacht kamen wir an und bereitwillig wurde Abendbrot für uns aufgetischt. Zu meiner größten Ueberraschung stand auf dem Tisch ein großer Teller voll goldgelber Kuchen, ich machte meinen Mann darauf aufmerksam, daß es jetzt feinsten Biskuitkuchen gäbe. Der lachte nur und sah mich an und ich mußte feststellen, daß es gar kein Kuchen war. Was uns vorgesetzt war Maisbrot, es schmeckte allen gut, aber ich war vorsichtig geworden und nahm nur wenig. Maisbrot kann sehr gut schmecken, wenn etwas Mehl dazu gemischt wird, aber nur Maismehl mit Bataten, en Kartoffeln zu Brot gebacken, daran muß man sich erst gewöhnen.

Wieviele Einwanderer mußten das und waren glücklich, wenn sie überhaupt schon Maismehl zu Brot hatten und nicht täglich schwarze Bohn mit Farin (Maniok Mehl) essen mußten. Auf unserer letzten Station bekam ich den ersten wirklichen

especialmente para pegá-las. Então tentavam escapar raspando amedrontadas a parede da armadilha de folha de Flandres. À luz do lampião isto mais parecia uma assombração, principalmente quando os morcegos começaram a voar. Não tive coragem para me deitar, receando que pudessem me atingir. O pequeno puxado, cuja cobertura quase encostava em nossas cabeças era coberto com folhas, sendo este o lugar predileto das baratas. A folha usada para cobertura provém de uma pequena palmeira que cresce na mata virgem. Se a cobertura for bem feita, ela protege contra a chuva e pode durar alguns anos. Durante esta noite tive tempo para observar esta cobertura, pois deixei a lamparina acesa até que se apagou. Então meu marido cobriu meu rosto com um lenço e eu me enrolei bem no meu casaco.

Ao romper do dia os cavalos foram arreados, tomamos café e seguimos viagem. Mas não demorou muito e comecei a ficar enjoada, assim como no navio, devido ao constante balançar e por causa da péssima noite, talvez o pão de milho também não me tenha feito bem. A viagem estava terminando, e perto do meio-dia chegamos a Corupá (Hansa Humbolt).

Chegamos a um vale verde cortado por inúmeros rios, rodeado de morros, o qual nos trazia à memória a paisagem da floresta da Turingia, havendo alemães tanto aqui como lá. No Stadtplatz (centro da Colônia) já havia algumas casas de aparência simpática, três vendas e um hotel, mas nós continuamos nosso caminho através da mata virgem e, finalmente chegamos ao nosso destino. As crianças vizinhas me aguardavam à beira da estrada com flores. Crianças louras e de olhos azuis, nascidas aqui, vieram dar-me as boas vindas. Nossa casa ficava em meio a um pasto rodeada de um pequeno jardim. Mais atrás ficava o estábulo novo, orgulho de meu marido, pois ele mesmo havia serrado a madeira utilizada com a serra manual.

Vacas malhadas e um rebanho de ovelhas davam vida ao pasto. A primeira coisa a fazer foi libertar o touro de raça “Franz” da gaiola, pois neste meio tempo o espaço se tornara pequeno. As cabras e as galinhas foram colocadas nos respectivos cercados e, então nós também pudemos comer e descansar. Os cavalos que puxaram a carroça aproveitaram sua liberdade no pasto. Meu marido havia construído uma casa de madeira com alguns cômodos e uma pequena varanda. A cobertura era de telhas de madeira e no anexo dos fundos havia uma cozinha com um fogão, pois ele mesmo conhecera a dureza de trabalhar em frente ao fogo aberto, por isso fui poupada de enfrentar isso.

Eindruck vom Kolonistendasein in Brasilien. Rings um uns rauschte der düstere Urwald, überall zirpte und raschelte es, wieviele fremde Töne erreichten mein Ohr und ganz schnell wurde es ringsum dunkel.

Es war wohl Zeit sich zur Ruhe zu legen, aber in dem kleinen Anbau, wo ein Lager für uns errichtet war kribbelte und krabbelte es von großen braunen Baraten, dazwischen jagten große Spinnen, klitsch, klatsch fielen Baraten und Spinnen herunter, mehrere Baraten gelangten in die großen Blechlatten die zu ihren Fang aufgestellt waren und kratzten nun angstvoll an den Blechwänden. Bei dem flackernden, rußigen Schein der Petroleumfunzel sah alles aus wie ein Spuk, besonders als noch Fledermäuse den Raum belebten. Ich wagte garnicht mich hinzulegen, aus Furcht, das Ungeziefer kommt an meinen Körper.

Der kleine Anbau, dessen Dach fast über unsern Körper war, war mit Dachblatt gedeckt und darin fühlten sich Baraten wohl. Das Blatt zum Dachdecken nimmt man von einer Zwergpalme, die im Urwald wächst. Wenn das Dach richtig dicht gedeckt wird, kommt kein Regen durch und hält einige Jahre. Ich hatte Muße in dieser Nacht, so ein Dach zu betrachten, denn solange, bis sie erlosch, ließ ich die Funzel brennen, dann deckte mir mein Mann ein größeres Taschentuch übers das Gesicht und ich zog meinen Mantel so eng wie möglich an mich.

Beim ersten Morgengrauen wurden die Pferde angespannt, schnell Kaffee getrunken und fort ging es. Aber nicht lange dauerte es, da kam bei dem Gerüttel, nach dieser Nacht noch einmal die Seekrankheit gründlich zur ihrem Recht, vielleicht konnte sich das Maisbrot mit mir nicht vertragen. Doch auch diese Fahrt kam zu Ende, gegen Mittag trafen wir in Hansa ein.

Ein grünes Tal von Flüssen durzogen, rings von Bergen eingeschlossen, nahm uns auf und erinnerte leise an eine Landschaft im Thüringerwalde, hier wie dort deutsche Menschen. Auf dem Stadtplatze standen schon einige nette Häuser, drei Vendas (Geschäftshaus) und ein Hotel gab es schon, doch wir fuhren weiter, eine halbe Stunde durch Urwald und wir waren am Ziel. Nachbarskinder standen an der Strasse und brachten mir Blumen. Hier geborene, hellblonde, blauäugige deutsche Kinder begrüßten mich im fremden Brasilien und machten die Fremde vertraut. Mitten in einer großen Weide stand unser Wohnhaus, umgeben von einem kleinen Garten. Weiter hinten erhob sich ein großer neuer Stall, der Stolz meines Mannes denn das Holz dazu hatte er selbst mit der Hand geschnitten.

Schwarzbunte Kühe und eine Herde Schafe belebten die Weide. Die erste Sorge galt unseren Rassebullen, Franz, damit er endlich aus seinem Käfig, für den

Todo homem deveria trabalhar sozinho na mata virgem, pois então ele consegue ter mais compreensão para com o trabalho e com as preocupações da mulher.

Para mim o começo não foi tão difícil como para outras mulheres que chegaram aqui praticamente sem nada e precisavam ajudar seus maridos a arrotar a terra, para preparar o primeiro cultivo. Quantas adversidades tiveram que enfrentar até a primeira colheita.

Sua moradia era um rancho, onde descansavam após um dia exaustivo. Quantas vezes tiveram de procurar um cantinho seco para se protegerem de uma repentina e forte trovoada, acompanhada de ventos fortes que atravessavam o rancho. É muito difícil ser colono, os primeiros anos na mata virgem são cheios de privações. Quem mais sofre é a mulher, pois ela precisa ter muita boa vontade para agüentar até ter sua casa, como na pátria mãe. Para as crianças que nasceram aqui, tudo é bem mais fácil, elas não podem olhar para trás, nem comparar com aquilo que havia antes. Elas crescem livremente, ajudando os pais a construir uma nova pátria. Começam a trabalhar muito cedo, ainda não precisam ir à escola, pois uma nova comunidade está apenas começando a se formar.

Naquela época cada qual estava preocupado consigo próprio e precisava de toda determinação alemã para enfrentar as condições, às quais não estava acostumado, pois o que a terra lhe oferecia nos primeiros anos mal dava para sobreviver. A sorte do colono melhora, quando ele consegue formar um pasto e manter uma vaca leiteira.

Muitos recém-nascidos morriam devido à falta de leite, pois a farinha de milho não é um alimento para crianças, mas, muitas vezes não havia outro jeito do que alimentá-los desta maneira. Infelizmente, também havia comerciantes inescrupulosos que traziam vacas leiteiras, que não valiam nada, de outras localidades para vendê-las aos tolos alemães.

Como comerciavam e barganhavam naquele tempo! Tudo levavam como forma de pagamento. Eram camas, roupas, vestimentas e muitas outras coisas trazidas da pátria mãe, pois o dinheiro sempre era escasso, e a maior parte dos assentados eram pessoas pobres. Para a maioria teria sido impossível adquirir uma propriedade na Alemanha. Aqui elas tinham esta oportunidade e, foi isto que as ajudou a superar melhor as dificuldades. O simples pensar “estou trabalhando em minha propriedade”, para mim e minha família trás

er schon zu groß geworden war, erlöst wurde. Die Ziegen und Hühner wurden in ihre Ställe gebracht und nun durften auch die Menschen an Essen und Ruhe denken.

Die Wagenpferde freuten sich ihrer Freiheit auf der Weide. Mein Mann hatte ein Bretterhaus mit einigen Stuben und einer kleinen Veranda gebaut, gedeckt mit Holzschindeln und im hinteren Anbau war eine Küche mit einem richtigen Herd darin, er hatte selbst die Leiden einer offenen Feuerstelle kennen gelernt, deshalb blieben sie mir erspart.

Jeder Mann sollte erst selbst einige Jahre allein im Urwald wirtschaften müssen, dann hat er mehr Verständnis für die Arbeit und Sorgen seiner Frau. Der Anfang für mich hier war doch nicht so schwer wie für viele andere Frauen, die fast mit nichts herkommen und ihren Männern bei der schweren Urbarmachung des Landes helfen mußten, um Land für die erste Pflanzung zu gewinnen. Mit wieviel Widerwärtigkeiten hatten sie zu kämpfen, bis die erste Ernte herein geholt werden konnte.

Ein "Rancho" war ihre erste Wohnung, worin sie sich schwermüde auf ihr einfaches Lager streckten. Doch wie oft setzt ein plötzliches, heftiges Gewitter ein und der begleitende Wind peitscht den Regen quer durch den "Rancho" und jagt sie auf, um irgend ein trockenes Eckchen zu suchen. Schwer ist der Beruf eines Kolonisten, und überreich an Entbehrungen in den ersten Jahren im Urwald. Am schwersten empfindet aber die Frau und es gehört viel guter Wille dazu um durzuhalten, bis auch hier ein Heim geschaffen ist, das einigermaßen die alte Heimat ersetzt. Die Kinder haben es leichter, die hier geboren werden, für sie gibt es kein Zurückblicken und Vergleichen mit dem was einst war. Frei können sie hier gedeihen und den Eltern helfen, ihre Heimat hier zu befestigen, früh müssen sie mit an die Arbeit, denn noch ruft sie kein Zwang zur Schule, eine neue Gemeinschaft ist erst im entstehen.

Damals hatte der Einzelne mit sich selbst zu tun und brauchte seine zähe deutsche Kraft für die ungewohnten neuen Verhältnisse, denn was das Land in den ersten Jahren gab, reichte knapp zum leben. Erst dann, wenn Weide angepflanzt ist und der Kolonist eine Milchkuh halten kann, bessert sich sein Los.

Manches Kleinkind starb, weil Milch fehlte, denn grobes Maismehl ist kein Kindermehl, doch blieb mancher Mutter nichts weiter übrig, als damit ihr Kind zu füttern. Leider gab es auch gewissenlose Händler, die ausrangierte Milchkuhe von anderen Ortschaften brachten und an die dummen Neudeutschen verkauften.

Wie wurde damals gehandelt und geschachert und was wurde alles in

felicidade e ânimo para trabalhar. Meu marido e eu também tivemos de nos adequar para conseguirmos alguma coisa.

A última vez que meu marido esteve na Alemanha ficou comprovado mais uma vez, que o clima de lá não lhe era adequado, enquanto que no Brasil ele era saudável, apesar do trabalho pesado. É por isso que queremos nos fixar aqui.

Trouxemos muitas coisas, e na primeira tarde começamos a desempacotar. Em primeiro lugar colocamos os cobertores ao sol para tirar a umidade do ar marinho. Infelizmente as camas do estilo "Steiner" estavam na bagagem desaparecida e fiquei preocupada olhando o quarto vazio, talvez deveria arrumar as camas no chão. Então meu marido disse para eu esperar, pois ele buscava dois burros (camas de campanha). Ele desapareceu rapidamente e, a palavra "burro" ficou soando no meu ouvido. Logo ele voltou com os tais "burros". Eram dois travessões amarrados com cipó em dois sarrafos cruzados, enfim: cama de campanha.

Geralmente se coloca em cima um colchão de palha, um travesseiro e um cobertor, resultando em uma boa cama. Mas quando nos virávamos ela guinchava, talvez por isso a chamassem de "burro".

Estava bem satisfeita com nosso "burro" e fiquei contente em poder finalmente dormir na própria cama. Mas isto ainda não foi possível, pois eu sentia coceira e formigamento pelo corpo. Meu marido também estava inquieto. Enfim ascendemos a luz e constatamos que estávamos sendo atormentados pelas pulgas.

O quarto permanecera vazio durante meses e a cadela Buldogue se instalou com sua cria exatamente debaixo deste cômodo e as pulgas proliferaram. No dia seguinte meu marido espalhou cal debaixo do quarto. Esperávamos ter uma noite tranqüila, mas desta vez o céu estava enfurecido e eu vivenciei aqui a primeira trovada forte.

Chovia aos cântaros, a água atravessava as frestas entre as tábuas da parede, chegando até nossas camas. Empurramos tudo para o lado, mas logo começou a vazar pelo teto. As telhas haviam secado, deixando a água passar.

Nos dias seguintes havia sol, mas o ar era quente e úmido, tudo estava embaciado e sujeito ao mofo. Era preciso arejar freqüentemente e colocar tudo ao sol.

Em todo lugar ainda havia muita mata virgem, que retinha a umida-

Zahlung genommen, Betten, wäsche und Kleider und was sonst noch aus der Heimat mitgebracht worden war, denn Geld war immer knapp, da fast nur arme Leute angesiedelt wurden. Den Meisten von ihnen wäre es in Deutschland nicht möglich gewesen, zu einem Eigentum zu kommen, hier war diese Möglichkeit gegeben und dieses Ziel ließ vieles Schwere leichter überwinden. Der Gedanke, ich arbeite für mich und meine Familie auf eigener Scholle, macht froh und arbeitsfreudig. Mein Mann und ich mußten auch umlernen, um hier durch zu finden.

Der letzte Aufenthalt drüben bestätigte wieder, daß das Klima für meinen Mann zu rauh ist und Brasilien ihm volle Gesundheit gibt, trotz schwerster Arbeit, darum wollen wir seßhaft bleiben.

Vielerlei Dinge hatten wir uns mitgebracht und begangen am ersten Nachmittage mit dem Auspacken. Zuerst kamen die Betten an die Sonne, um die feuchte Seeluft zu verjagen. Leider waren meine Steinerschen Reformbettstellen bei meinem verschwundenem Gepäck und ich betrachtete mir kummervoll die leere Schlafstube, ob ich ein Lager auf dem Fußboden machen müßte. Da kam mein Mann und sagte er hole zwei "Esel" aus dem Schuppen, ich solle warten.

Fort war er und mir klang nur das Wort "Esel" noch im Ohr. Was wird nun wieder kommen? Bald kam er mit dem ersten "Esel" an! Zwei Holzkreuze durch zwei Stangenverbunden und mit "cipo" ausgepflochten ergeben den "Esel".

Meist wird drüber nur eine Strohmatten gelegt, ein Kissen und eine Decke dazu ergeben ein ganz gutes Lager. Nur meist quietscht beim Umdrehen das Gestell mit dem Geflecht, vielleicht heißt es deshalb "Esel"!

Ich war ganz zufrieden mit unsern "Esel" und freute mich, endlich wieder im eigenem Bette schlafen zu können. Doch dazu sollte es noch nicht kommen, denn es quälte mich hier und dort ein Jucken und Krabbeln, auch mein Mann wälzte sich unruhig und schließlich machten wir Licht, um festzustellen, daß uns Flöhe quälten.

Der Raum hatte monatelang leer gestanden und genau darunter hatte die Bulldogenhündin eine große Kinderstube eingerichtet und auch das Ungeziefer hatte sich breit gemacht und bis zu uns gefunden. Am nächsten Tage bestreute mein Mann die Erde unter dem Haus mit Kalk und hofften wir eine ungestörte Nachtruhe, aber dismal grollte der Himmel, ich erlebte mein erstes schweres Gewitter hier.

Der Regen kam wie aus Eimern gegossen und durch die Fugen der Wandbretter bis in unsere Betten. Wie rückten weiter, aber bald kam der Regen

de. Nossa propriedade era cortada por um ribeirão e um riacho, cujas águas transbordavam rapidamente durante uma trovoadas ou nos períodos de chuva. Nestas ocasiões os jovens marrecos eram levados pela corrente para outras paragens.

Nosso estábulo ficava no outro lado do ribeirão e durante a enchente o acesso era difícil. Assim foi necessário construir uma passarela de palmito bem alta, sobre a qual nos equilibrávamos ao atravessá-la.

Tínhamos o estábulo cheio de vacas em condições de produzir leite, porém a produção era fraca em virtude de uma forte geada no mês de agosto, que queimara todo pasto. Agora havia falta de forragem. Os colonos não contavam com geada. Normalmente não dá geada todos os anos e nem em todos os lugares, apenas durante algumas noites. Isto acontece com menos frequência nas montanhas. Para meu marido o efeito da geada foi uma péssima surpresa ao constatar que, por ora, não havia possibilidade de recolher a forragem.

Para o inverno seguinte nos prevenimos. Meu marido utilizou as abundantes gramíneas, que crescem entre a plantação para forragem. Mais tarde reservamos uma certa extensão de terra para o feno. Assim que há prenúncio de chuva, este é colocado em feixes sobre cavaletes. Apenas uma vez, durante uma enchente, perdemos tudo.

Nosso grande palheiro armazena o feno para todo o inverno e o gado o prefere quando chove, pois então o pasto está encharcado. Muitos colonos imitaram meu marido, outros riam dele. Após a geada preferiam se cansar na mata em busca de forragem como: bambu, palmeiras, folhas de caeté e outras coisas mais.

De um modo geral, apenas as vacas leiteiras eram alimentadas com forragem, o restante do gado desenvolvia bem nos pastos recém preparados. Quando queríamos matar uma ovelha precisávamos usar de muita astúcia para prendê-las no curral, senão elas fugiam como os animais selvagens. Uma ovelha guia gostava de comer milho e, quando sacudíamos os grãos dentro de uma vasilha ela vinha correndo, e todo rebanho em seu encalço. Antes disso abríamos os portões da frente e de trás, meu marido ia à frente e as atraía. Todas as ovelhas o seguiam. Eu ficava escondida na parte de trás do curral até que meu marido dizia: "Fecha"! Então eu fechava o portão com a ajuda de uma corda presa ao mesmo. Elas pulavam de lá para cá até conseguirmos pegar nossa vítima.

auch von oben, die Schindeln waren zu trocken geworden und ließen gern Regen durch.

In den nächsten Tagen gab es wieder Sonnenschein, aber immer hatten wir eine feuchtwarme Luft und die Sachen im Haus waren beschlagen und neigten zum schimmeln, sodaß man viel lüften auch sonnen mußte.

Es stand überall noch Urwald, der die Feuchtigkeit festhielt. Unser Grundstück wurde von einem großen Bach und einem Bächlein durchfloßen, die bei Gewitter oder anhaltenden Regen schnell zu rasenden Flüssen anwachsen und über ihre Ufer treten. Junge Entchen wurden leicht bei solchen Gelegenheiten in fernere Gegenden von dem Wasser mitgenommen.

Unser Kuhstall stand jenseits des Bächleins und machte uns Schwierigkeiten bei Hochwasser dort hin zu gelangen, es mußte ein ganz hoher Palmitensteg darüber errichtet werden, über den wir balancierten.

Wir hatten den ganzen Stall voll frischmilchender Kühe, aber nur wenig Milch davon. Im August hatte es großen Frost gegeben, die Weiden und Pflanzung waren erfroren, und nun Futtermangel. Die Kolonisten hatten mit Frost garnicht gerechnet. Es sind gewöhnlich nur einige Nächte, die Frost bringen, nicht in jedem Jahr und nicht in allen Siedlungen, auf den Bergen friert es sehr selten. Für meinen Mann war es eine böse Ueberraschung, als er die Folgen des Frostes vorfand und er feststellte, daß an Einnahmen vorläufig noch nicht zu denken war.

Für den nächsten Winter wurde aber vorgesorgt, mein Mann machte Heu von den üppig wuchernden Gräsern auf den Wogen, zwischen der Pflanzung. Später wurden größere Flächen Land zu Heugras gelassen. Das Heu wird draußen auf Hockenholzgestelle gebracht sobald Regen naht, und ist uns nur einmal bei Schwellung, verrät wo sie sitzen.

Dann und wann drehen sich die Bichos herum und verursachen einen stechenden oder bohrenden Schmerz. Menschen werden auch öfters von den Bichoberne belästigt, deshalb weiß man, wie weh es tut. Beim Menschen verklebt man die Bichoöffnung mit einem Pechpflaster, nach einem halben Tage entfernt man es und kann die tote Bichoberne herausziehen. Bei den Tieren drückt man sie lebend heraus, wenn man sie fassen kann, sonst muß sie auswachsen und selbst herausfallen. Pferde bekommen keine Bichos, wohl aber die Hunde. Je freier eine Weide ist und je entfernter der Wald davon, umsoweniger hat das Vieh unter den Bernes zu leiden.

Unser Franz hatte also einige am Vorderteil bekommen und trotz Verbot

Certo dia nossa ovelha guia foi morta por cães desconhecidos, e tivemos muito trabalho para conseguir uma substituta. Às vezes, acontecia que cachorros desconhecidos, que não conheciam ovelhas espalhavam todo o rebanho e as mordiam. Numa ocasião três cachorros atacaram ao mesmo tempo o rebanho. Meu marido ficou tão furioso que matou um deles, pois o proprietário passou cavalgando sem se importar com o prejuízo causado.

Sempre tentamos curar os animais, mas em geral o berne se instalava nas feridas e então não mais conseguíamos ajudá-los. Os bernes são um problema, eles se instalam no umbigo dos bezerros recém-nascidos e lá fazem grandes buracos. Para matar os bernes é preciso colocar algodão embebido com creolina nas feridas. O melhor a fazer é inspecionar diariamente o umbigo dos bezerros, besuntá-lo com banha, pois isto elimina imediatamente os ovos do berne antes que possam desenvolver-se.

Nosso touro Franz, o que trouxemos para ser o “patriarca” de nosso rebanho, logo se acostumou à nova situação, correndo pelo grande pasto, mas, à noite era preso no curral. Ele era nosso mais precioso bem e precisava de todos os cuidados.

Apesar disso também teve alguns bernes. Um tipo de mosca costuma depositar seus ovos na varejeira e esta os deposita no gado onde as larvas se desenvolvem, penetrando na carne até chegarem à maturidade, alcançando até dois centímetros de comprimento. Apenas o vazamento de um pequeno buraco e o inchaço revela onde o berne se encontra.

Quando os bichos se movimentam, provocam uma dor aguda. Às vezes as pessoas também são atacadas por bernes, por isso se sabe o quanto dói. Nas pessoas, coloca-se um emplastro de pez e azeite na ferida, depois de doze horas é possível retirar o berne morto. Nos animais, os bernes são espremidos vivos. Se isto não for possível, eles precisam maturar até saírem por si mesmos. Os cavalos são imunes aos bernes, mas os cachorros não. Quanto mais afastado e livre o pasto estiver do mato, tanto menos os animais sofrem com os bernes. Franz teve alguns bernes na parte dianteira e apesar da proibição, o empregado tentou espremê-los, mas sem sucesso. Isto provocou uma inflamação séria e Franz permaneceu com febre no curral. Um rapaz foi contratado para enxotar as moscas e refrescar a ferida. Durante oito dias nosso touro esteve gravemente doente, até que a ferida rompeu e o pus escorreu. Então ele melhorou e pudemos respirar aliviados!

hatte der Arbeiter sie heraus zu drücken versucht, ohne daß es ihm gelang. Eine böse Entzündung kam zustande und fiebernd stand unser Franz in seinem Stall. Ein Junge wurde angestellt, der die Fliegen verscheuchte, und die kranke Stelle kühlen mußte. Acht Tage lang war unser Bulle schwer krank, dann brach die Stelle auf und die vereiterte Masse kam heraus. Nun ging es zur Besserung und konnten wir wieder froh aufatmen! Es gab hier weder Menschen, noch Tierarzt, man mußte sich bei allem selbst helfen. Für unsere Ziegen zäunte mein Mann eine besondere Weide ein, damit auch sie frei laufen konnten, aber er mußte noch ein Graben herum aufgeworfen werden, da sie gerne über den Zaun sprangen! Um unseren Schweizerbock auszunützen, kauften wir noch zehn Ziegen dazu.

Leider hatten die Leute in Hamburg die Ziegen aus ihrem Käfig genommen und mit dem Bock zusammen in einen Stall gesperrt. Nun waren die jungen, halbjährigen Tiere tragend geworden und kamen beim Lammern sehr herrunter, gaben aber sehr viel Milch, zu ihrem Schaden. Einige Jahre hielten wir die Ziegen mit aller Sorgfalt, aber wir hatten kein Glück damit.

Die weiße Ziege riss sich den einen Strich lang auf, daß mein Mann ihn zusammen nähen mußte, doch sie konnte nicht mehr gemolken werden, trotz des von Milch strotzenden Euters. Allerlei versuchten wir, Umschläge, Dämpfe, u.s.w. Zweimal lammt sie noch und ging ein an Milchfieber. Der Bock bekam Bichos an seinem wertvollsten Körperteil und konnte nicht mehr decken. Zwei kleine Zicklein hatte ich noch mit der Flasche aufgezogen, eines davon wurde von einem unverständigen Menschen so roh geschlagen, daß es einging. Das letzte haben wir verschenkt. Eine junge Ziege wurde von einer Jaguatirica angegangen, in den Wald geschleppt und gefressen. Unsere Ziegenzucht, mit soviel Zukunftsmusik begonnen, mein Mann zählte mir immer auf, in wie kurzer Zeit wir eine "sooo" große Ziegenherde haben würden, endete kläglich und lerhte uns, daß man Ziegen am besten im Stall hält, aber im großen zu halten, nicht rentabel ist. Die Nachzucht von dem Bock traf man aber doch hier und in den Kolonien an.

Ein sehr stattlicher Bock war jahrelang in Jaraguá die Freude seines Besitzers. Die nachgezogenen Ziegen gaben alle reichlich Milch, die Stammutter hatte es ja auf neun Liter gebracht.

Es ist nur gut, daß man nicht im voraus weiß, wie alles wird, wo nähme man sonst den Mut her dies oder jenes zu beginnen?

Meu marido cercou um pasto especialmente para nossas cabras, a fim de correrem livremente, mas como elas gostavam de pular a cerca precisou cavar uma vala. Compramos mais dez cabras para termos um melhor aproveitamento do bode.

Infelizmente o pessoal de Hamburgo tirara as cabras de seu compartimento, prendendo-as num curral com o bode. Agora as jovens cabras, de apenas meio ano, estavam prenhas e ao darem cria ficaram debilitadas, porém davam bastante leite, o que lhes causava dano. Durante alguns anos tivemos o máximo de cuidado para com as cabras, mas não tivemos sorte.

A cabra branca cortou um dos bicos do úbere, de modo que meu marido precisou costurá-lo, porém não mais foi possível ordenhá-la, apesar do úbere estar muito inchado e cheio de leite. Tentamos de tudo, como compressas, usamos vapor e assim por diante. Ela ainda deu cria duas vezes, mas morreu em consequência da febre do leite. O bode teve bernas em sua parte mais importante e não podia mais ser usado como reprodutor. Consegui criar dois filhotes com a mamadeira, porém um deles foi tão espancado por uma pessoa sem consciência, que não resistiu. O último, demos de presente. Outro cabritinho foi atacado por uma jaguatirica, levado para o mato e devorado. Nossa criação de cabras, que havia começado com tanta esperança, e da qual meu marido sempre falava que em pouco tempo teríamos um grande rebanho, terminou de modo deplorável, ensinando que é melhor manter as cabras no curral e que uma criação de porte não é rentável. Mas, os descendentes do bode podiam ser encontrados na Colônia. Em Jaraguá, um bode foi a alegria de seu dono durante anos. Todas as cabritas descendentes deste bode deram leite em abundância, pois a matriz chegou a dar nove litros diários.

Ainda bem que não se sabe de antemão o que vai suceder, pois de onde conseguiríamos tirar a coragem para começar isto ou aquilo?...

Artigos

Natureza na Literatura Teuto-brasileira: Paraíso Natural x Paraíso Construído

TEXTO:
PROF. DRA.
VALBURGA
HUBER*



Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

No contexto histórico da imigração alemã, vê-se que os imigrantes alemães, como grupo étnico, com características bem definidas, têm sua própria literatura, expressão de um patrimônio cultural misto, que floresce por quase um século, indo até a Segunda Guerra Mundial.

A literatura teuto-brasileira tem, entre seus temas básicos, a imigração e as colônias alemãs. Nos primeiros imigrantes a natureza brasileira, principalmente a floresta, desperta um fascínio único, tal como nos descobridores e viajantes. Bachelard, no seu livro *A poética do espaço* (p.34) diz que essa "imensidão da floresta" está no ser humano, que toma consciência da sua fragilidade ante o conceito de infinito sempre um pouco ansiosa:

A floresta, sobretudo, com o mistério do seu espaço indefinidamente prolongado além da cortina dos seus troncos e de suas folhas, espaço encoberto para os olhos, mas transparente para a ação, é um verdadeiro transcendente psicológico...

A imensidão é uma categoria filosófica do devaneio... E a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular, que o devaneio põe o sonhador fora do mundo mais próximo, diante de um mundo que traz a marca do infinito.

Na atitude do imigrante, porém, a natureza não é apreendida só no nível da emoção e da contemplação. O imigrante conjuga contemplação e ação, emoção e razão, pois ele tem que dominar a natureza, enfrentando também o seu lado selvagem. A mata virgem tem que ser penetrada para se chegar

*Prof. Dra. Valburga Huber - Fac. de Letras - UFRJ. Prof. de alemão e Lit. Alemã - Pesquisadora da Imigração alemã e sua literatura

ao solo fértil. Portanto, vales e clareiras paradisíacas, ainda intocadas, têm que ser transformados em lugares habitáveis e aprazíveis para viver. Surge, assim, dentro do paraíso natural, o paraíso construído, a colônia alemã, fruto do trabalho do imigrante, seu novo lar e, aos poucos, sua nova pátria. A imagem edênica do Brasil dos primeiros imigrantes tem, pois, dupla face: a natural e a construída.

Os autores da primeira geração da literatura teuto-brasileira, todos nascidos na Alemanha, compõem um grupo heterogêneo e constituem o auge desta produção literária na virada do século XIX para o século XX. Deste grupo fazem parte, entre outros, Wilhelm Ahrons, Theodor Amstad, Rudolf Damm, Franz Donat, Mathias Ganzweidt, Karl Kleine, Georg Knoll e Ida Knoll, Otto Meyer, Karl Friedrich Niederhut, Arno Philipp, Emil Schlabitz, Mathias Schmitz, Ambros Schupp, Wilhelm Süffert, Alfred Wiedemann, Wilhelm Wustrow, Viktor Schleiff, Clara Sauer, Helmut Cullmann e Wolfgang Ammon. Como editores e mentores da vida cultural, bem como escritores, destacam-se Karl von Koseritz e Wilhelm Rotermund.

Se lermos poemas de apenas alguns poetas como Georg Knoll e Viktor Schleiff - que viveram grande parte de suas vidas em S.Catarina - e de Clara Maria Sauer e Helmut Culmann - que viveram no Rio Grande do Sul, por exemplo, percebemos imediatamente o encantamento do imigrante alemão ante a paisagem brasileira e seu orgulho e alegria de fazer com suas mãos um outro paraíso, seu novo lar.

Georg Knoll, nascido em 1861, na Alemanha, onde estuda Botânica, emigra em 1880 para o Brasil, por motivos de saúde. Aqui exerce diversas atividades como as de colono, professor, comerciante, procurador da justiça e escritor. Escreve também para diversos jornais e anuários gaúchos e catarinenses - pois viveu muitos anos em Blumenau - e traduz para o alemão obras de José de Alencar e Monteiro Lobato. Dos seus trabalhos destacam-se narrativas e poemas como "Eine Begegnung im Urwalde" (Encontro na Floresta), "Am Lagerfeuer im Urwald" (A fogueira do acampamento na mata virgem), "Kolonien" (Colônias), "Hochlandskrähe und Pinienbau" (Gralhas do planalto e o pinheiro), "Im Hochland" (No planalto) e "Am Wasserfall" (À beira da cachoeira), entre outros.

O encantamento ante a natureza brasileira, o paraíso natural, surge em poemas como "Brasiliade" (Brasiliade):

Eu te saúdo, sagrada terra do
Cruzeiro,
Outrora Santa Cruz, descoberta
por Lusitânia
Sublime tu despontas do mar,
Comparável ao paraíso,
o qual imagino para que o coração,
A saudade não o corresse,
A fim de que o além não se tornasse
um delírio para nós

*Ich grüsse dich, du heilig Land Cruzeiro.
Einst Santa Cruz, entdeckt von Lusitania,
Erhaben steigst du empor aus des Meere,
Dem Paradies vergleichbar
das ich ahne, damit im Herzen
nicht die Sehnsucht zehre,
Damit das Jenseits
uns nicht würd zum Wahne.*

Aqui a terra é claramente comparada ao paraíso, onde o estrangeiro se sente muito feliz, e onde não quer ver sua esperança destruída nem ser consumido pela saudade. O Cruzeiro do Sul torna-se símbolo da terra brasileira, outra Terra de Santa Cruz. O poeta canta um paraíso do qual ele se lembra e guarda na memória (o que o verbo “ahnen” expressa: imaginar, lembrar, ter idéia). Esta lembrança não deixa seu coração consumir-se de saudade (“Sehnsucht”) pelo além (“Jenseits”: além, o outro lado). Isto pode ser interpretado como o além-mar, a pátria que ficou para trás (também chamada pelos alemães de “drüben” que significa do outro lado do mundo)..

Já o poema “Colônias” (Colonien), também de Knoll, deixa transparecer os traços bucólicos do paraíso construído pelo imigrante:

Tu, formosa elevação, tu, verdejante vale,
Tu, céu azul-escuro, tu raio dourado,
Vós, montanhas cobertas de florestas,
Tu abismo escuro,
Vós, águas espumejantes,
Tu brisa refrescante
Vós, choupanas repletas de vida
Vós, pastos cheios de gado,
Vós, campos ondulantes
Por onde eu sempre passo;
Lá embaixo, entre as palmeiras, ouço
som familiar,
Vida germânica ao longo dos vales.

*Du liebliche Höhe, du grünendes Tal,
Du tiefblauer Himmel, du goldner Strahl,
Ihr Berge bewaldet,
du düstere Kluft,
Ihr schäumenden Wasser,
du kühlende Luft.
Ihr Hüttchen voll Leben,
Ihr Weiden voll Vieh,
Ihr wogende Felder
wo immer ich zieh;
Da unter den Palmen hör ich
traulichen Klang,
Germanisches Leben, die Täler entlang*

Aqui o poeta contrapõe a montanha e o vale. Ao campo semântico da montanha pertencem as florestas, o abismo escuro, as águas espumantes, ou seja, o natural. O vale, com suas choupanas habitadas, suas pastagens, os campos ondulantes, são as colônias alemãs. Nelas há abrigo, abundância, vida tranqüila entre as palmeiras – simbolizando o eterno verde, a vida aprazível. O poeta canta, portanto, os dois paraísos acoplados: o natural (as montanhas e florestas) e o construído (a colônia). O pequeno Éden da colônia está configurado no vale verdejante com os seus campos e palmeiras, a brisa e o sol radiante, a choupana dos colonos, os pastos cheios de gado, ou seja, a vida simples e bucólica da colônia alemã.

No poema “No planalto” (Im Hochland) Knoll mais uma vez celebra os aspectos aprazíveis da natureza tropical como um lugar ameno:

Escutas o farfalhar da copa das palmeiras	<i>Hörst du der Palmen Wipfel Rauschen</i>
Quando uma brisa a atravessa,	<i>Wenn durch sie eine Briesse zieht,</i>
Vieste escutar alguma vez o sabiá,	<i>Kamst du einmal der Amsel lauschen,</i>
Quando feliz entoava a sua canção de amor?	<i>Als froh sie sang ihr Liebenslied?</i>

Docemente corre o rio pelas verdes	<i>Sanft fließt der Bach durch grüne</i>
Campinas	<i>Fluren</i>
E em toda a parte os rastros da primavera	<i>Und überall des Frühlings Spuren</i>
Um ressuscitar no campo e no mato.	<i>Eine Aufersteh'n in Feld und Hain.</i>
O ar é puro, o céu azuleja,	<i>Die Luft ist rein, der Himmel blauet,</i>

Em minha volta um mar de flores,	<i>Um mich herum ein Blütenmeer,</i>
Os olhos miram extasiados	<i>Das Auge wonnetrunken schaur.</i>
A rica beleza ao redor	<i>Die reiche Schönheit ringsumher</i>

O ar puro, as campinas, a primavera, as flores, os pássaros, a beleza reinante são traços típicos do “locus amoenus” que extasiam o poeta. É a paisagem luminosa da primavera quando a vida ressuscita, as flores desabrocham, como se o mundo estivesse sendo criado. O Éden bíblico está ali, no verde vale onde a copa das palmeiras farfalha e o sabiá canta sua canção. Nessa visão romântica da paisagem que inebria e extasia, o poeta convida o leitor a escutar, com ele, o canto da natureza, a entrar em seu devaneio.

Em “Felicidade” (Das Glück), G. Knoll celebra e engrandece a vida no campo, como um lugar especial, cercado de paz e tranqüilidade:

A casinha na campina
Pintada de branco e verde
Ladeada por um galpão,
No jardim florescem rosas.

..... ..

Uma paz sobre montanhas e planícies
É solene paz domingueira!
Tu procuras a felicidade nesta terra,
Aceitas muitas decepções.
Para que então todos estes sofrimentos
Aqui está. Abre os olhos!

*Das kleine Haus dort in der Weide
Gestrichen ist es weiss und grün
Ein Schuppen steht an seiner Seite,
Im Vorgärtchen Rosen blüh'n*

*Ein Friede über Berg und Heide
Und feierliche Sonntagsruh!
Du suchst das Glück auf dieser Erde,
Nimmst viel Enttäuschung in den Kauf,
Wozu denn alle die Beschwerde
Hier ist es. Mach die Augen auf!*

Este poema remete-nos ao bucolismo tropical da paisagem e do homem simples, o colono. É um pequeno Éden o que o poeta descreve: a casinha na campina, a paz nas montanhas e planícies, o jardim com rosas. Dentro do espaço natural, bucólico, o poeta canta também o espaço colonial como um lugar aprazível e ideal, recompensando, assim, o trabalho e o esforço dos imigrantes. O prêmio, a felicidade está ao alcance das mãos, basta querer vê-la.

O outro poeta desta geração é Viktor Schleiff, que nasce na Alemanha em 1869, estuda na Alemanha e na França e emigra para o Brasil em 1920, (onde falece em 1953). Em São Paulo é professor e, mais tarde, em Blumenau-SC, torna-se diretor do jornal “Der Urwaldsbote”. Escreve poemas e narrativas, entre os quais se destacam “Ein Kamp Drama” (Um drama no campo), “Rückblick” (Retrospecto), “Alte und neue Heimat” (Velha e nova pátria), “Das Grab im Urwald” (A sepultura na floresta), “Heimweh” (Saudade), “Der Musterreiter” (O caixeiro viajante), “Die ersten Einwanderer” (Os primeiros imigrantes), e “Stimmungsbilder aus der Kolonie” (Impressões da colônia).

Em três poemas deste poeta, encontrados no Livro Comemorativo do Centenário da Imigração alemã, aparecem os dois tipos de paraíso. Em “Alte und neue Heimat” (Velha e nova pátria) lemos:

Uma terra rica para ser nossa
 Prodigamente a natureza engendra
 Para mostrar sua enorme pujança
 Aqui, em solo brasileiro, milagres
 Aqui amadurece o milho, a banana
 A seiva da cana de açúcar ferve nos caules
 As lianas florescem
 Enquanto a palmeira balança sua copa.
 A velha pátria deu à nova
 O que torna um país grande e forte
 Deu-lhe do seu sangue, da sua força
 Nós transformamos aqui, com mãos calejadas
 A selva em paraíso
 E em toda parte e todos os cantos
 Sorri o trabalho e a dedicação alemãs

*Ein reiches Land, das uns zu eigen!
 Verschwenderisch schafft die Natur,
 Um ihre höchste Kraft zu zeigen
 Hier Wunder auf Brasiliens Flur.
 Hier reift der Mais, hier die Banane,
 Im Rohre kocht des Zuckers Saft,
 Und über blühender Liane
 Wiegt sich de Palme schlanker Schaft.
 Die alte Heimat gab der neuen
 Das was ein Land macht gross und stark
 Gab ihr von ihrem Blut dem treuen
 Wirschufen hier mit schwiel'gen Händen
 Die Wildnis um zum Paradies,
 Und überall an allen Enden
 Grusst deutsche Arbeit, deutscher Fleiss*

Há inúmeros adjetivos de louvor (terra rica, natureza pródiga, pujança, milagres em solo brasileiro), na abundância de frutos maduros (o milho, a banana, a cana de açúcar com sua seiva doce), nas árvores (palmeira) e nas flores (liana) que compõem uma paisagem paradisíaca. Esta terra recebe também da velha pátria alemã, os seus filhos (seu sangue, sua força) que transformam, pelo trabalho, “a selva em paraíso” (selva em sua acepção selvagem, como espaço a ser dominado). Nesta contraposição de duas pátrias, a nova deu sua riqueza natural e a velha a sua civilização através dos seus filhos com sua força laboriosa (percebe-se nas entrelinhas apologia do trabalho alemão) e desta combinação surge o fruto: a colônia alemã - lugar bucólico, ameno, que propicia vida agradável.

Em outro poema, “Die ersten Einwanderer” (Os primeiros imigrantes) Viktor Schleiff descreve assim a nova terra:

Terra! Terra!” – Assim ecoou de boca em boca,
 Terra! Terra! Lá no oeste, além mar!
 Terra! Terra! – A âncora penetra no fundo

*“Land! Land!”! So schallt es von Mund
 zu Mund
 “Land! Land!”! – Da drüben im West!
 “Land! Land!”! – Der Anker, der bleibt
 in den Grund*

Se prendendo com seus dentes de ferro.
Nova pátria, nós te saudamos
Como terra da esperança

Foste para nós peregrinos do deserto,
Uma Canaã, onde escorre leite e mel

És tu a terra com a qual sonhamos?

Que serias o Paraíso,
Onde o futuro seria todo luminoso,

Onde as flores florescem tão docemente?
Por que nos ameaças, ó selva,
Tão terrível e silenciosa,
Em tua sombria e terrível pujança?
Como o trovejante rugido das onças
Atravessa o penhasco pela noite?

...

Para que Deus vos deu força nos braços?

Para que coragem no peito?
De pé, homens! Ao trabalho
Castiguem os músculos
Vocês têm nas veias sangue alemão!

.....

O milho brota, as sementes germinam

E os frutos sorriem, dourados, na árvore
E choupanas aconchegantes ao longo
do caminho,

E crianças trazem vida ao lugar

*Mit eisernem Zahne sich fest.
Sei neue Heimat, von Frau und Mann,
Du Land unsrer Hoffnung,
gegrüsst*

*Uns Wüstenwandlern ein Kanaan,
Drinn Milch und Honig fliebt*

*Bist du das Land? von dem
wir geträumt,*

*Du seiest das Paradies,
Hier wäre die Zukunft so
sonnen umsäumt,*

*Hier blühten die Blumen so süß?
Was drohst du, o Urwald,
so schaurig und still,*

*In finsterer, furchtbarer Pracht?
Wie rollet so grollend des Tigers Gebrüll
Vom zerrissenen Fels durch die Nacht?*

*Wozu gab euch Gott in die Arme
die Kraft?*

*Wozu in den Busen den Mut?
Auf Männer! – Zur Arbeit,
die Sehner, gestrafft!*

Ihr seid doch von deutschem Blut!

*Und es grübet der Mais, und es
spriesset die Saat*

Und die Frucht lacht golden am Baum

*Und freundliche Hütten
umsäumen den Pfad*

Und Kinder beleben den Raum.

O início deste poema é um grito de júbilo por ter o imigrante encontrado terras abundantes no Brasil, como se fosse um presente dos mares, depois de uma longa e penosa travessia.

A seguir é expressa a esperança, a expectativa de que a nova terra seja mesmo uma Canaã, como na Bíblia, onde “escorre leite e mel”. Mas a dúvida e o medo invadem o coração do imigrante ao ver a imensa selva. A terra maravilhosa, o paraíso mostra sua antítese, o anti-paraíso: a selva ameaçadora, os tigres, as cobras, os índios. Todavia, as barreiras serão superadas pela força do trabalho e pela ação e o temor transforma-se em desafio. Rompida a cerrada selva, a terra de Canaã fértil é preparada para ser plantada e dela se colhem os frutos do trabalho. O imigrante domina a selva, constrói sua casa, tem filhos – descendência – na terra que agora lhe pertence.

No poema, “Blumenau”, Viktor Schleiff descreve a próspera colônia alemã, também com traços edênicos:

Como uma ilha ali está Blumenau	<i>Wie eine Insel liegt dies Blumenau</i>
Em meio a um mar de jardins	<i>Im Meere schöner Gärten, angeschmiegt</i>
O largo rio refletindo-se no céu azul	<i>Dem breiten Fluss, an dem im Himmelsblau</i>
Onde a palmeira real balança suas folhas.	<i>Die Königspalme ihre Wedel wiegt.</i>
.....
Uma ilha de felicidade é este vale	<i>Des Glückes Insel scheint dies Schöne Tal,</i>
Onde a vida flui sem preocupação	
ou sofrimento	<i>Wo ohne Sorg' das Leben sonder Plage</i>
Onde a mesa está sempre posta	<i>Wo stets der Tisch gedeckt zum Freudenmahl</i>
E a semana toda é uma festa.	<i>Wo jede Woche sieben Feiertage.</i>

O poema celebra a natureza (o rio, a palmeira, o céu azul) e o vale, símbolo da fertilidade, da abundância e da tranquilidade, uma terra da promessa. (mar de jardins, vale feliz, mesa sempre posta, festa constante) uma pequena Canaã.

Clara Maria Sauer, poetisa bastante popular, nasce em 1898 na Alemanha e vem para o Brasil onde vive em Lomba Grande, em Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul. Poemas de sua autoria são, entre outros, “Spiel der Nacht” (Jogo da noite), “Riograndenser Heimatland” (Pátria riograndense) e “Unter Palmen” (Entre palmeiras). Ela também descreve a paisagem brasileira no seu bucolismo, como vemos justamente neste trecho do poema “Entre palmeiras”:

Sempre verdes são estes ramos
Em cada época e tempo,
A ponto de eles serem
O retrato da verdadeira fidelidade.
E onde não se deseja ficar
Na sua terra e chão
Ali não crescem palmeiras
Diz o ditado popular

*Stets grün sind diese Wedel
Zu jeder Zeit und Frist,
Dass sie der rechten Treue
Ein wahres Abbild ist.
Und wo man nicht will bleiben
Auf seinem Land und Grund,
Da wachsen keine Palmen
So sagt der Leute Mund*

A poetisa registra aqui sua admiração pelas folhas sempre verdes e brilhantes da palmeira em todas as épocas do ano e a sua emoção ao contemplá-las como o símbolo da constância e da fidelidade em terras brasileiras. A palmeira é uma espécie de divindade dos trópicos, eterna no seu verde, o que nos leva a associá-la às árvores do Éden. Subjacente está o contraste com a Alemanha onde as árvores, em sua maioria, perdem as folhas no outono e no inverno ficam como mortas entristecendo a paisagem, enquanto nos trópicos há eterna primavera.

Helmut Culmann, também poeta da primeira geração, nascido na Alemanha em 1898, vem para o Brasil como pastor do sínodo Riograndense, trabalha por quase uma década em Campo Bom-RS, escreve e publica diversos poemas, traduz o Hino Nacional Brasileiro para o alemão e faz estudos sobre a imigração. Entre seus poemas destacam-se também “Deutschland”, “Spruch” (Ditado) e “Am Wasserfall” (À beira da cachoeira). Ele descreve a bucólica paisagem brasileira no poema abaixo “Colônia Alemã” (Deutsche Siedlung):

Atrás das palmeiras brilham brancas cumeeiras
No jardim floresce a rosa e a murta
E o dourado peso das laranjas
Inclina sua roupagem para a terra brilhante

*Hinter Palmen schwimmern weisse,
Giebelwände
Im Garten blüht die Rose und die
Myrte
Und der Laranjen goldgeschwellte
Bürde
Neigt ihre Tracht ins leuchtende
Gelände*

.....

.....

Suave cai a noite em sua plumagem de sonho	<i>Leis sinkt die Nacht herab auf Traumgefieder,</i>
A lua resplandece na celeste melodia,	<i>Der Mond erglänzt, des Himmels Melodie,</i>
E no quintal ecoam canções da terra natal	<i>Und aus den Lauben schalle Heimatlieder.</i>
Pulsa o coração da colônia alemã.	<i>Es schlägt das Herz der deutschen Kolonie</i>

Numa atmosfera de sonho, (“atrás das palmeiras brilham brancas cumeiras... no jardim florescem a rosa e a murta”, as árvores estão cheias de frutos dourados..”), o poeta vislumbra a colônia alemã como um Éden. Chama a atenção o “dourado peso das laranjas” que, para os alemães, sempre foram frutos do sul, de regiões quentes, pelas quais anseiam. Tal referência nos remete ao poema de Goethe denominado “Mignon”, que se refere ao ensolarado sul da Europa, mas que, ouvíamos nossos pais e avós, imigrantes alemães, declamarem tendo na mente a nova terra:

*Kennst du das Land, wo die Zitronen blühn
Im dunkeln Laub die Goldorangen glühn,
Ein sanfter Wind vom blauen Himmel weht,
Die Myrte still und hoch der Lorbeer steht -
Kennst du es wohl?
Dahin! Dahin!
Möcht ich mit dir, o mein Geliebter, ziehn!*

Tu conheces a terra onde florescem os limoeiros?
Laranjas de ouro pendem incandescentes no verde escuro da folhagem
Um vento suave sopra do céu azul,
Onde estão a silenciosa murta e no alto as folhas de louro -
Tu a conheces talvez?
Para lá! Para lá!
Eu quero contigo, meu amor, ir!

Artigos

Rua Araranguá: memória e origem

TEXTO:
EVE MARA
FAUSTINO*

BLUMENAU
em Cadernos

Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

A afetividade de estar residindo na rua Araranguá, suscitou a curiosidade de conhecê-la com mais profundidade e escrever sua história.

Meu avô, José Elizeu Faustino (Juca), foi um dos primeiros moradores da rua Araranguá e um dos pioneiros nos movimentos sociais, como a construção do centro social, e trabalhava junto com a comunidade para melhor qualidade de vida.

Meu pai, Joel José Faustino, continua trabalhando nessa comunidade. Foi durante muitos anos presidente e vice-presidente da Associação de Moradores e da Igreja e participante da APP da Escola Básica Municipal Professora Alice Thiele, onde estudei e trabalhei como educadora.

Quando criança, sentia uma enorme curiosidade em saber o motivo que deu origem à formação da rua Araranguá, pois sentia que uma rua tão próxima ao centro tinha tantos problemas sociais como áreas de risco, poucos espaços de lazer e comentários de má fama por pessoas de outras localidades.

Para poder escrever sobre a história da rua Araranguá tive que investigar e recolher pequenos dados de lugares diferentes. Foram várias pessoas que contribuíram para a elaboração deste artigo. As primeiras informações busquei com meus pais (Joel e Elieti), que deram incentivo e suporte para destrinchar o tema a que me propus desenvolver, pois os mesmos têm o conhecimento pelo motivo de sua vivência nesta comunidade.

Uma segunda etapa foi através da professora Sueli Petry com o seu conhecimento sobre a história de Blumenau que proporcionou-me condições e instigou-me a pesquisar, quando em uma de suas au-

* Professora formada pelo Curso de História da FURB.

las falou da existência de uma favela que havia no centro de Blumenau e posteriormente transferida para as ruas Araranguá e Pedro Krauss.

Uma outra fonte veio da doutoranda Rafaela Viera, que ajudou a colher documentos que me auxiliariam a construir este artigo.

Em outro momento reuniram-se pessoas da comunidade para uma tarde de depoimentos que intitulamos “Lembranças da Rua Araranguá”, na igreja católica Santa Luzia, organizado por mim, no dia 12 de maio de 2001. E neste café estiveram alguns dos mais antigos moradores da rua Araranguá, como Dona Laura, Sr. Miro Busnardo e sua esposa Dona Licota, Dona Maria Tomé, Dona Rosa, Seu Sebastião e Dona Mercedes. Inicialmente foi colocado o objetivo da tarde e começado com os questionamentos do cotidiano da comunidade. Assim com a ajuda de todos pude desenvolver um pequeno resumo desta grandiosa história.

Entrevistei várias pessoas, entre as quais o Sr. Miro Busnardo, 76 anos, natural de São João Batista. Em sua entrevista relata que existiam apenas duas famílias, em 1934, data da sua chegada: O Sr. Pedro Pamplona e o Sr. João Klock. Pedro Pamplona tinha grande quantidade de terra na região que repartiu com seu irmão Alberto Pamplona.

O Sr. Klock era o morador do final da rua e o único a possuir uma carroça com burro que podia escoar sua plantação de abacaxi, que era plantada onde hoje se conhece como o Morro da Antena.

Podemos perceber que o surgimento da rua Araranguá deu-se em torno de um ribeirão, que na atualidade está canalizado. Neste processo de povoamento, surgira a formação da colônia Blumenau que se deu em torno de um rio. Segundo Claudia Siebert “a água definiu a demarcação dos lotes coloniais, pois era necessário que todos contassem com o acesso do rio e ribeirões, de forma a assegurarem transporte para todas as mercadorias e água para o cultivo”.

No início do povoamento, segundo o Sr. Miro, a rua Araranguá era chamada de Beco do Agrião, pois a umidade oriunda de vários córregos de água ajudava a cultivar esta hortaliça, que podia ser encontrada com facilidade. Também era conhecida como Beco do Hospital.

O Prefeito Municipal de Blumenau de acordo com o disposto no art. 5, do decreto-lei nº 120, de 8 de abril de 1939, decreta a mudança de nome de várias ruas da cidade, passando-a de Beco do Hospital para Beco Araranguá.

Em março de 1952, o prefeito em exercício Ingo Hering (atualmente

tem o nome de uma creche na localidade) decreta a lei nº 315 e passa a denominação Beco Araranguá para Rua Araranguá.

Hoje a denominação Beco ainda é usada por algumas pessoas por hábito da linguagem ou muitas vezes no sentido de qualificar os moradores como pobres, bandidos e maconheiros. A palavra beco vem como algo pejorativo e utilizado como discriminação. É comum as pessoas comentarem, quando acontece algo contra as regras da sociedade: “Só podia ser do Beco”.

O termo beco também é empregado para uma rua onde não existe saída, já que a localidade não dispõe de saída no final da rua para um outro bairro.

Vale ressaltar que um artigo publicado no Jornal de Santa Catarina (06 e 07/09/1998) coloca que a rua Araranguá surgiu na década de 40. Mas há indícios, através de entrevistas orais, que o surgimento da rua dá-se na década de 30. Em entrevista concedida pelo Sr. Marcos Stiler que veio morar na região na década de 40, ele afirma que já havia a existência de algumas famílias lá.

A partir do ano de 1945, vieram se estabelecer mais algumas famílias na localidade. Podem ser citadas a do Sr. José Elizeu Faustino, Sr. Venturiano e a família do Sr. Mauro Teixeira em 1948. Muitas destas famílias são de origem açoriana. Vieram de Camboriú, São João Batista e principalmente de Tijucas, o que explica as manifestações culturais açorianas que lá ocorreram como Boi de Mamão e Terno de Reis.

No entanto, a vida na comunidade era difícil. Jovelina Faustino (in memória), moradora do final da rua, coloca que não havia estradas e se alguém adoecesse, era muito difícil levar para o hospital pelo motivo do transporte.

Muitas dessas pessoas trabalhavam em gráficas, ou como o meu avô, em madeireira. Dona Licota comenta que todos iam trabalhar juntos a pé, para que ninguém andasse sozinho, por medo de encontrar o “Homem da Capa Preta”. Dona Maria Tomé relatou-me que quando ela chegou, a estrada era apenas uma picada. Em um outro depoimento, o Sr. Henrique da Conceição destaca que as pessoas demoravam uma hora do final da rua Araranguá até o centro a pé, e que no caminho encontravam sapinhos e cobras, percurso que hoje pode ser feito em apenas 20 minutos a pé.

Entre tantas dificuldades, Sr. Miro relatou-me, que o grande lazer que existia era um tipo de domingueira. As pessoas se reuniam para dançar na casa de alguma família. E os moradores, entre os quais o Sr. Edílio Correa, eram os

músicos. Geralmente havia a existência de bebidas e aconteciam brigas. Essa fama era o motivo de desqualificá-los na sociedade blumenauense.

Seu Miro descreve um outro fato interessante, dizendo que a ocupação da rua deu-se da metade em direção ao final. A ocupação com maior número de pessoas no final da rua ocorreu na década de 50 com a transferência dos moradores da Caixa D'água. E intensificou-se na década de 70, com a industrialização e a vinda de pessoas oriundas de outras cidades em busca de empregos. (mapa)

É importante frisar que o processo de ocupação da rua Araranguá deu-se de forma diferenciada, da metade da rua para o final da rua, porque as terras no início eram da família Odebrecht e que começou a vender os terrenos mais tarde.

Havia poucas construções no início da rua, destacando-se o Hospital Santa Catarina, construído em 1920 e uma fábrica de pente de chifre de boi.

O aumento populacional da rua Araranguá se intensificou a partir da transferência da favela Farroupilha. Esta favela formou-se porque no ano de 1929 começou a construção da ponte de ferro, hoje cartão postal da cidade de Blumenau. Para a construção desta ponte foi utilizada mão - de - obra de pessoas vindas de outras localidades. E essas pessoas formaram um aglomerado de 102 barracos, no centro da cidade próximo à ponte de ferro. Segundo Sr. Henrique, nem todos os moradores trabalharam na construção da ponte de ferro. Este aglomerado era considerado esteticamente feio para a maioria da população blumenauense.

Conforme entrevista do Sr. Henrique da Conceição, o poder público não dava assistência para as pessoas que moravam na favela. Mas entre 1957 a 1960 a comunidade passou a receber visitas semanalmente do médico Dr. Sandu. Primeiramente medicava em casa e depois, se necessário, levava para o hospital. O Sr. Henrique comenta que nesta mesma comunidade não existia o problema da fome. E que as casa eram cobertas por funília (parece ser uma espécie de latão) e o chão era de madeira, poucas as casas eram de barro. Disse que a localidade não era tão feia. Mas, conforme entrevista com dona Maria Tomé ela foi no mato buscar palha para cobrir sua casa.

O problema veio à tona, quando a Câmara Municipal de Blumenau, na pessoa do vereador Herbert Georg, apresentou uma indicação para a consti-

tuição de uma comissão especial para estudar o problema dos “farroupilhas” em nossa cidade (jornal Cidade Blumenau 17/03/1948). E no dia 18/03/1948, segundo o mesmo jornal, “deliberou a câmara sobre o problema dos “farroupilhas”, tendo sido nomeada para estudar o assunto e apresentar um relatório a seguinte comissão mista: Sr. Antonio Candido de Figueiredo, Sr. Oscar Leitão, Sr. Frederico Busch e Srs. Vereadores Georg e Octacileo Nascimento e o Sr. Roberto Baier, deixando de figurar um elemento do PSD por se ter recusado, embora convidado”.

Esta comissão teve como objetivo “acabar” com o favelamento no centro da cidade, ou melhor, esconder os problemas existentes e colocar atrás dos morros. A comissão iria escolher o melhor lugar para reportar as pessoas que moravam na favela.

Um outro artigo publicado no jornal Cidade Blumenau (20/04/1948) segundo o vereador que o subscreve, é de parecer que se torna urgente e indispensável estudar os meios compatíveis para preservar a nossa cidade do problema das favelas que, como populares “farroupilhas”, tornam-se verdadeiros cancos sociais, quando abandonados à revelia de quaisquer medidas oficiais. À comissão de educação, Saúde Pública e Assistência Social escreve no mesmo artigo como sendo a farroupilha um problema de Higiene e Saúde Pública e que representava um problema social que deveria ser solucionado com a maior urgência e boa vontade pelos poderes públicos.

A atenção sobre o problema do favelamento pode ter sido gerado pelo motivo dos festejos do Centenário de Blumenau. Foram criadas várias comissões para a organização da festa do Centenário. E nesta festa não poderia existir uma favela no centro da cidade. Uma outra problemática seria que o favelamento no centro da cidade estava aumentando e por isso deveria ser escondido. É o que posso chamar de limpeza urbana e varrer a sujeira debaixo dos tapetes, ou melhor, esconder a pobreza atrás dos morros e colocando o pobre como responsável pelos problemas existentes.

Em 1948 já existia a preocupação com a saúde e a limpeza pública. Como podemos perceber em artigos publicados no jornal Cidade Blumenau, a Câmara Municipal publica no dia 1º de setembro que os carros de praça à tração animal estavam estacionando em locais de grande movimento, causando mal estar e atestavam contra os preceitos da higiene, isto na rua 15 de No-

vembro. Outros artigos podem ser encontrados sobre os preceitos da higiene pública.

O problema para a retirada da favela do centro e transferência para outro local, pode ser comparado com o problema atual do aterro sanitário, em que existe a discussão para que lugares serão depositados os dejetos. Na ocasião o mesmo acontecia com o problema da favela. As pessoas que moravam na rua Araranguá também não aceitavam a vinda das pessoas estranhas, o que às vezes ocasionava brigas.

As terras da Caixa D'água, lugar onde existia a favela, eram do Sr. Roberto Baier. Dona Maria Tomé comenta que o Sr. Roberto Baier loteou os terrenos da rua Araranguá para as pessoas, tendo os moradores que pagar somente as escrituras e construir suas casas.



Favela da Caixa d'água

Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Década de 50 e 60

A partir da década de 50 com a transferência da favela Farroupilha, a rua Araranguá mudou completamente sua história. Houve um aumento populacional, desmatamento para construções de casas e pessoas com novos

hábitos e costumes.

Segundo o livro da ACIB “Blumenau 90 anos de memória”, as pessoas foram transferidas em 1949, e descreve que “o fruto de toda a miséria de uma época, a farroupilha (...), começa a desaparecer. Dos 102 barracos existentes no início do ano, 43 são demolidos e, por ordem judicial, fica proibido o afavelamento daquela área”. Podemos perceber, que a afirmação que o fruto de toda a miséria de uma época como o escrito começa a desaparecer é algo ilusório, pois o problema é somente transferido. No local do antigo favelamento, houve um reflorestamento.

Este descolamento é percebido até os dias atuais, quando percebemos e sentimos as conseqüências, pois estas pessoas vieram sem infra - estrutura, causando um problema social como construções em áreas de risco, mas escondidos e longe dos olhos da sociedade blumenauense. Quando aqui chegaram não possuíam um poder aquisitivo, construindo casas muito simples, não havia estradas e as pessoas começaram a construir em encostas, ocasionando áreas de risco, que podem ser percebidas até os dias atuais.

Segundo o Sr. Henrique, as pessoas ganharam o terreno e cada família construía sua casa. Vieram para lá aproximadamente 50 famílias e cada família tinha mais de 6 filhos, ocorrendo um acréscimo populacional repentino. A rua pacata com poucas famílias mudou seu cotidiano.

Por este motivo, houve a necessidade de no ano de 1953 de construir uma escola para as crianças da localidade. Estas mesmas crianças estudavam inicialmente no colégio Pedro II ou Luiz Delfino.

O prédio da escola foi construído no governo de Hercílio Deeke, tendo iniciado as atividades escolares no dia 1º de agosto de 1953. A primeira professora foi Laura Maria Bento. Foram matriculados no primeiro ano, 86 alunos. Conforme o histórico da escola, o prédio possuía uma única sala e quatro sanitários. E a água do poço não era potável e os alunos serviam-se do poço da vizinhança.

O prédio, no início, era utilizado, durante a semana para a educação, e aos finais de semana nele eram rezadas missas.

A comunidade começou a unir-se, conforme depoimento de Sr. Antônio Francisco, liderados pelo Sr. Pamplona e Sr. Antônio Curtipassi, formando uma comissão e foram pedir para o prefeito a construção de uma escola.

Em entrevista, o Sr. Antônio Francisco disse que seu sogro Antônio José Curtipassi, hoje nome de uma creche na comunidade, era inspetor de quartirão, responsável pela segurança. O mesmo também foi responsável pela chegada da luz elétrica e da água.



D. Laura, primeira diretora da escola.

O Sr. Antônio José Curtipassi era um homem que “tinha a autonomia de fazer o que fosse preciso”. O Sr. Antônio Francisco, reafirma que após o Centenário de Blumenau a favela existente no morro da Caixa d’água foi transferida e as pessoas que aqui já moravam não aceitavam. Isto ocasionava brigas com os dois grupos existentes na comunidade. Um que era tido como o grupo dos ricos, que moravam no começo, e os segundo o grupo, dos pobres, que moravam no final da rua.

Podemos nos reportar ao texto da Roberta Saccon onde escreve sobre relações interétnicas entre italianos e alemães. “Os que aqui já estavam não queriam ceder e os que estavam chegando queriam conquistar seu espaço”.

Seu Antônio fala da existência, na localidade, de clubes de futebol: o Araranguá e o Fluminense. Pela existência das fotos, podemos perceber bailes para escolha de Rainha de clube desportivo, no ano de 1962. O clube ouro verde era um ponto de lazer. Eram oferecidos bailes para a escolha das rainhas do Clube. Segundo Sr. Henrique da Conceição um dos poucos lazeres da comunidade era o futebol, pois favelado não tem lazer.



Acervo particular da família Reis

Na década de 60, com a ajuda da comunidade, foi criado um mutirão para a construção de um Centro Social. A comunidade da rua Araranguá sempre esteve presente na busca de melhorias.

Conforme o Boletim Oficial do município de Blumenau, ano II, de 31 de agosto de 1967, foi inaugurado no dia 19 de agosto do mesmo ano, o Centro Social da rua Araranguá. O Centro Social tinha como finalidade assistir diretamente os moradores. Contava com salas de ambulatório, sala para atendimentos sociais, sala para projeção de filmes e para serem ministradas aulas de corte e costura. O curso de corte e costura era para fornecer mão-de-obra para a demanda das indústrias. A creche era para que as mães operárias pudessem sair para seus empregos.

Década de 70

Nos anos 70, com o período de industrialização na cidade de Blumenau, aumentava o número de trabalhadores que saíram das cidades menores em busca de emprego. Segundo Rafaela Viera, “no decênio 60-70 a população urbana de Blumenau cresceu 61,2%, enquanto a população rural decresceu 32%. Já no período de 70-80 registrou-se um incremento na população urbana de 53,7%, ao passo que a população rural diminuiu em 19,8%”.



Acervo particular da família Faustino.

A comunidade trabalhando na construção do centro social

A rua Araranguá, por estar localizada próxima ao centro da cidade de Blumenau, suas casas serem construídas em grande quantidade em área de risco e os preços baratos das casas, favoreceu o aumento populacional.

Assim começou a haver uma quantidade de pessoas sem especialização em Blumenau. Conforme o jornal de Santa Catarina de 20/11/1971, as pessoas relatavam: “Estou desempregado e preciso de emprego; sei fazer qualquer coisa”.

Por isso foi criado o programa de Adestramento e Capacitação de Mão-de-Obra, que visava a construção civil, que vinha crescendo naquele momento. Os cursos seriam ministrados em pontos estratégicos. As primeiras aulas deste programa de adestramento e capacitação foram no Centro Social Araranguá. Foi um incentivo da prefeitura no governo de Evelásio Vieira e com o apoio de empresas como a Cia. Hering que concedia estágios para os alunos destaques do curso. Percebemos como uma ação do governo pode disciplinar as

peessoas com mão-de-obra qualificada.

No ano de 1972 deu-se a abertura de uma nova estrada que dá acesso à rua Araranguá: a rua Frederico Guilherme Busch Junior, hoje ao lado do Terminal da Fonte, facilitando o acesso à localidade.

Décadas de 80 e 90

Os anos de 80 e 90 foram caracterizados pelo crescimento da parte inicial da rua Araranguá. Os motivos foram a implantação de vários prédios voltados para a área da saúde. Sua construção deu-se próximo ao Hospital Santa Catarina. Podemos citar: Centro Pediatra CELP, Centro Clínico Osvaldo Cruz.

Em dezembro 1988 houve o fechamento do Centro Social, pois o mesmo não fornecia segurança adequada para o seu funcionamento. Foi reaberto em fevereiro de 1989 o CEI Antônio José Curtipassi, com sua instalação no início da Rua Araranguá, número 678.

Em 1997 foi construído, no antigo local do Centro Social, o CCEI Ingo Hering, que atualmente atende 90 crianças. Este prédio foi construído com ajuda de recursos da comunidade e da prefeitura. As pessoas que trabalham neste Centro Comunitário Infantil são pessoas da própria comunidade. Minha mãe, Elieti Fernandes Faustino, foi a primeira coordenadora deste centro educacional.

No ano de 1998 também foi criada uma segunda sede da Promenor. E no mesmo ano o Posto de Saúde.

Algo que se acentuou na década dos anos 90 foi o surgimento de igrejas de origem cristã, totalizando um número de 14 igrejas e seitas.

Hoje a rua Araranguá tem um total de 5.082 pessoas, que segundo o cadastramento do posto de saúde, residem em aproximadamente 1500 casas.

Jacob Levy Moreno, em um determinado momento de um trecho do seu poema, diz o seguinte:

“Um encontro de nós dois, olhos nos olhos, face na face, e quando você estiver perto arrancarei os seus olhos e os colocarei no lugar dos meus, arrancarei meus olhos, e os colocarei no lugar dos seus. Então, verei você com os seus olhos, e você me verá com os meus olhos”.

O teor deste pensamento nos remete a reflexões voltadas às condições

de vida das pessoas que moravam na favela Farroupilha, que ao serem alocadas para outro espaço da cidade, novos elementos foram incorporados ao seu cotidiano, havendo uma troca.

Assim, ao concluir o presente artigo, ficamos na expectativa de que o mesmo tenha contribuído para a abertura de novas discussões e forneça subsídios àqueles interessados em dar continuidade a esta pesquisa.

Fontes de Pesquisa:

- Biografia dos diretores da Escola Básica Municipal “Professora Alice Thiele”;
- Atas do antigo Centro Social e C.E.I Antonio Curtipassi; Centro Comunitário Ingo Hering.
- Mapa da rua Araranguá, ano 1980;
- Entrevistas com moradores da rua Araranguá;
- Jornal de Santa Catarina, matéria “Prefeitura de Blumenau abre luta contra o desemprego”, de 20 de novembro de 1971;
- Jornal Cidade Blumenau;
- Arquivo do posto de saúde Glodoaldo Lino de Amorim;
- Lei nº 315 de 13 de março de 1952;
- Boletim Oficial Do Município de Blumenau, Quarta-feira, 31 de agosto de 1967 “Novos Centros Sociais”
- Acervo privado de fotos;
- Fotos da favela Farroupilha (Arquivo José Ferreira da Silva)

Referências

- BOSSI, Eclésia. *Memória e Sociedade Lembranças de Velhos*, 3 ed., São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas: Papiros, 1989.
- BURKE, Peter. *A escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992, 354p.
- FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. *Estudo Histórico 15 história e região*, jan/jun 1995.
- SIEBERT, Claudia Freitas. *Estrutura e desenvolvimento da rede urbana do Vale do Itajaí*. Blumenau: ed. da Furb, 1996.
- Nosso passado in (comum): contribuição para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau*. Ivo M. Theis, Marcos Antonio Mattedi, FABRÍCIO Ricardo de Lima Tômio (org). - Blumenau: ed. da Furb: ed. Cultura em Movimento, 2000, pág. 241.

História & Historiografia

Trabalho, casa e fábrica: estudo das formas de sociabilidade das mulheres operárias de Blumenau

TEXTO:
CRISTINA
FERREIRA*



Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

Considerações Iniciais

O objetivo deste artigo é dar visibilidade às mulheres operárias enquanto sujeitos que constroem a sociedade e estudar as possíveis reações das mesmas frente às imposições da economia industrial e doméstica. Tornar visíveis as mulheres criadoras de práticas de sociabilidade e lazer para enfrentar o disciplinamento presente na sociedade blumenauense das décadas de 1950 a 1970.

Nesta pesquisa procuramos fazer uma análise crítica em torno dos discursos oficiais da historiografia, que rotulavam as mulheres como “figuras passivas”, com o propósito de contrapor esta abordagem e trazer à tona sentimentos e vicissitudes do cotidiano feminino, incitando à reflexão sobre o mundo contemporâneo e refletindo o espaço social, através do estudo do trabalho doméstico e assalariado exercido pelas mulheres.

Em todas as etapas concretas da investigação utilizou-se como método de procedimento a pesquisa histórica, cujo processo compreende o registro, a análise, a interpretação dos acontecimentos passados, com o propósito de descobrir situações que possam ser úteis à sociedade atual. Fez-se uma extensa revisão bibliográfica relacionada à temática em questão e, a partir de então, partiu-se para a confrontação com os dados pesquisados no Arquivo Histórico de Blumenau. Procedeu-se a análise documental, em especial das informações encon-

*Mestre em História do Brasil (UFSC) e professora do Departamento de História da Universidade Regional de Blumenau. Pesquisa intitulada “A Força de Trabalho Feminina na Indústria Têxtil de Blumenau: estudo das formas de sociabilidade das mulheres operárias do Vale do Itajaí (1940-1970)”, realizada com o apoio da FURB e da pesquisadora Ellen Annuseck, formanda do Curso de História.

tradas nos jornais regionais e periódicos de circulação interna das fábricas, bem como uma releitura crítica de diversas revistas de fotonovela. A pesquisa também utilizou como recurso metodológico a História Oral, colhendo depoimentos de algumas mulheres operárias para entender as relações entre lazer, trabalho, sociedade e família no período estudado.

Trabalho feminino e matrimônio

No mundo contemporâneo a participação da mulher na esfera pública foi sensivelmente ampliada. Isto se deve, em parte e não essencialmente, às profundas transformações sócio-econômicas, que trouxeram constantes modificações nos padrões urbanos industriais. As conquistas alcançadas pela mulher atual e a conseqüente intensificação de suas práticas culturais nas relações sociais, sem dúvida alguma contribuíram para a inclusão das mulheres e da abordagem das relações de gênero nos estudos historiográficos recentes.

Segundo Joan Scott, “gênero foi um termo usado para teorizar a questão da diferença sexual” e diz respeito também aos estudos de sociologia em relação aos papéis sociais designados às mulheres e aos homens. Sendo assim, pode-se destacar o aspecto relacionado do gênero: “não se pode conceber mulheres, exceto se elas forem definidas em relação aos homens, nem homens, exceto quando eles forem diferenciados das mulheres”¹.

Nesse sentido, a história das mulheres é também a dos homens, da relação entre os sexos e da diferença entre os sexos. Portanto, trabalhar com a categoria de gênero implica inevitavelmente em confrontar-se com o “dilema da diferença”. Ao estudar a importância das mulheres na história, conseqüentemente tem-se que empreender uma luta contra os postulados da história e suas “verdades” consolidadas. Isto porque a história das mulheres questiona “a prioridade relativa dada à *história do homem*, em oposição à *história da mulher*”, investigando e sugerindo modificações à própria história².

As mulheres, ao praticarem o exercício do trabalho assalariado, ofícios e profissões fora de casa, provocaram uma reviravolta na vida doméstica e conseqüentemente iniciou-se uma resistência dos meios populares, “que precisavam de suas donas de casa” dedicadas com exclusividade à esfera privada.

No discurso de diversos setores sociais, destacava-se a ameaça representada pelo mundo do trabalho à honra feminina. Aliava-se freqüentemente o trabalho feminino às questões de moralidade social. Muitos acreditavam que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, pois elas fatalmente “deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas se trabalhassem fora do lar”³.

O matrimônio deveria ser o maior objetivo das mulheres, ganhando grandes proporções nestas décadas. A maior parte das moças se preparava desde a adolescência para o casamento, principalmente para não passar da idade ideal e encontrar logo em frente uma vida de mulher solteira. Dizia-se que a solteira não conseguiria arcar com todas as predisposições relacionadas à sociedade, pois não seria mãe (a família é a casa segura para um filho), nem esposa, nem dona-de-casa (esta função ainda era considerada de sua mãe), portanto, “a solteirona era uma mulher que falhara”⁴.

Quando casadas, as mulheres deveriam se preocupar com o cumprimento de seus afazeres domésticos, conjugais e maternos. Precisavam estar conscientes de sua atuação social enquanto esposa e mãe, tendo o cuidado de não cometer nenhuma atitude que pudesse comprometer a honra do esposo e da família. Em contrapartida, o homem lhe concedia um lar e uma família, ou seja, todas as supostas condições necessárias para torná-la uma mulher realizada. Esta dependência da mulher em relação ao homem acabava legitimando o poder masculino sobre o sexo feminino⁵.

Neste sentido, muitos cuidados deveriam ser tomados no dia-a-dia da família e na relação conjugal. A imprensa industrial vem contribuir através de conselhos, advertências e lembretes que tornariam o casamento mais harmonioso e agradável. A maioria destas informações dirigia-se às esposas, mas também representava um reforço disciplinador para as jovens solteiras e trabalhadoras nas relações entre patrão/empregado:

- (1) Estar sempre bem humorada, na hora do marido chegar, ainda que tenha tido um dia de “morte”;
- (2) Proceder de modo a que seu marido sinta-se sempre como seu progenitor;
- (3) Não humilhar o marido em público, desmentindo-o diante da sogra, empregada ou de estranhos;
- (4) Saber reconhecer que errou, dizendo: é, você tem razão, com todo o seu bom humor;

- (5) Não reservar seu espírito, sua alegria, apenas para as visitas e estranhos;
- (6) Não vasculhar meticulosamente seus bolsos e gavetas, à procura de um fio de cabelo louro;
- (7) Escutar atentamente as divertidas “histórias” que ele sempre conta sobre a “turma” do seu ambiente de trabalho;
- (8) Não afirmar jamais, rejubilando-se: “Eu não disse?”;
- (9) Receber com espírito esportivo e cordialidade os amigos de seu marido, até os ruidosos e inoportunos,
- (10) Não ser ciumenta das amizades do marido, nem de suas relações de família⁶.

O bom humor, alegria, paciência, cordialidade, obediência, passividade, “docilidade” e submissão são características presentes nestas “pequenas atenções femininas”. Além de estarem latentes no âmbito familiar, estas particularidades ganham o interesse do meio industrial, pois tornam mais fáceis e cordiais as relações entre patrões e operárias, evitando possíveis conflitos ou movimentos de reivindicações. Quer dizer, enquanto o homem colocava a mulher numa redoma segura que era o lar, ela deveria propiciar carinho, atenção, “doçura, passividade e submissão”⁷.

Porém, o mais importante era que a mulher precisava “compreender que o homem não foi feito para ficar em casa; sua natureza exige atividade (...) compreender que o trabalho é a vocação do homem”⁸. Principalmente, perceber que a sua presença na fábrica é apenas um apoio ao homem quando a situação econômica vigente o impedia de estabelecer-se como o único assalariado.

No ambiente fabril elas ocupavam funções diferentes das empregadas pelos homens. Permaneciam em afazeres que exigiam pouca qualificação profissional, conhecimento técnico e escolarização. Exerciam atividades na “produção” propriamente dita, ou seja, nos “trabalhos mecânicos em série, no fabrico de peças finas ou na verificação; enfim, nas funções em que o seu rendimento é mais elevado”⁹ e nas atividades onde o trabalho era rotineiro e monótono.

Nem todas as operárias tinham contato com o salário fruto de seu próprio trabalho. Dependendo do acordo realizado com o pai, normalmente o dinheiro se restringia somente às necessidades básicas da casa. Havia a situação de “colocar na mesa”, ou seja, entregar aos pais o envelope, preferencialmente ainda fechado e assim, geralmente, ignoravam a quantia que recebiam. Isso

também pode ser direcionado para as esposas, que possivelmente desconheciam o saldo total do mês de trabalho. Quando era feita a divisão, uma parte era destinada ao pai, principalmente para acentuar seu caráter de “chefe de família” e, às vezes, a outra metade era destinada ao consumo próprio.

Ao completar 14 anos, muitas moças guardavam as bonecas, abandonavam os estudos e precisavam deixar a proteção da família para ingressar no universo social do trabalho¹⁰. A máquina de costura que antes divertia, agora vira instrumento de trabalho árduo e um meio de sobrevivência.

Não havia um período de preparação entre essas duas fases da mulher. Neste breve ritual de passagem, de um dia para o outro, ela repentinamente precisava “deixar de ser” criança e tornar-se uma adulta que exercia atividades de trabalho na fábrica. O contato inicial com o trabalho assalariado dificilmente era agradável, especialmente se as mulheres estivessem habituadas ao ambiente doméstico, sem uma relação muito abrangente com o mundo público e do trabalho: “o primeiro dia foi o pior dia! Porque a gente nunca tinha saído de casa. Esse dia não passava! Meu Deus que dia! Mas depois foi acostumando...”¹¹.

Muitas moças vinham de cidades vizinhas a Blumenau, separando-se da família para reforçar o orçamento familiar. Em grande parte elas moravam em casas de parentes, conquistando inclusive uma liberdade maior do que teriam se estivessem sob os olhares vigilantes dos pais. Em contrapartida, a relativa flexibilidade dos horários de quem trabalha no campo, cedia lugar aos rígidos horários da fábrica e se transformava na principal angústia das jovens. A liberdade de quem trabalhava no ramo agrícola, por exemplo, se dissipava com a exaustiva jornada de trabalho da indústria e se tornava a principal angústia da jovem:

No início foi muito difícil! A gente veio do sítio, não tinha liberdade. As pessoas eram muito boas mas a gente trabalhava no turno geral, das 7h00 às 17h00. As 12h00 a gente sai, daí começava 13h00 ou 12h30, dependendo o serviço. Tinha refeitório naquele tempo (...) mas tinha que pagar. Então eu já fazia a marmitinha em casa, uma coisinha, e levava para comer lá¹².

Apesar de se exaurirem física e mentalmente em serviços pesados e cansativos, para muitas mulheres o trabalho era visto de forma positiva. A indústria concedeu-lhes uma libertação parcial dos serviços domésticos e possibilitou também uma abertura em relação a sua restrita perspectiva de vida: o lar¹³.

Lazer e sociabilidade: mulheres em cena

A história tem se direcionado para o estudo de enfoques culturais da sociedade, verificando que este se torna tão importante quanto uma abordagem sócio-econômica. Desta forma, o historiador pode perceber a riqueza das relações humanas, de suas experiências, e entender “de que modo o sistema social se ajusta e como os seus participantes percebem a si próprios e ao mundo exterior”¹⁴.

A vida fora das fábricas mostra uma mulher envolvida em várias regras de conduta, com as quais raramente estabelece uma conexão consciente, construindo assim maneiras diferenciadas de conduzir seu período de “folga”. Por isso, muitas operárias consideravam o trabalho como atividade prazerosa, ou seja, enquanto para algumas traz a angústia do controle sobre suas ações, para outras torna-se fruto de extremo prazer¹⁵.

As mulheres, especialmente as casadas, tiveram pouco contato com o descanso físico, visto que o espaço de tempo entre um dia de trabalho e outro, inclusive as férias, estava pré-determinado a ser ocupado com os serviços domésticos pendentes. Tendo em vista o caráter de “comprometimento” do casamento, dependendo do horário de chegada ao lar, uma série de serviços estava a sua espera, seja na arrumação da casa, na preparação da comida ou na atenção dispensada aos filhos¹⁶.

Eram normalmente as solteiras que praticavam o lazer com mais evidência, fazendo passeios nas férias, encontrando amigos, dançando, indo ao cinema, ou reservando certa quantia do salário para a compra de objetos pessoais. Porém, em geral, nota-se que tanto para as solteiras quanto para as casadas a falta de dinheiro dificultava o anseio de fazer viagens, passeios longos ou, muito menos, férias inteiras fora da cidade. Mas, isto não impedia a vontade de desvendar novos lugares desconhecidos.

Percebeu-se, durante a pesquisa, que muitas das atividades executadas dentro do ambiente doméstico eram encaradas como prazerosas e aptas a se-

rem acatadas como formas de lazer. Mesmo sendo considerados serviços obrigatórios para uma mãe de família, ou filha, cuidar da manutenção do lar muitas vezes era motivo de prazer e descanso.

A casa era uma quebra com o mundo do trabalho fabril e, ainda que este não fosse visualizado de maneira negativa, estar no lar era estar num local onde as mulheres podiam perceber-se a si mesmas. Desta maneira, as vivências da casa tornavam-se agradáveis, não sendo imprescindível ultrapassar os limites espaciais para buscar o divertimento.

Isto porque “muitas pessoas encontram no rito familiar o prazer máximo de suas existências”, onde atividades simples como “os pequenos gestos do cotidiano, as manifestações afetivas entre os parceiros e com os filhos são capazes de preencher (...) as necessidades de exercício físico, de criatividade manual, de sonho, de informação, de sociabilidade”¹⁷.

O lazer é uma atividade contemporânea, proveniente de uma sociedade industrial que passou a ser determinada pelos horários da fábrica. Tendo um horário pré-determinado a um trabalho formal, o trabalhador teria o restante do dia para seus próprios objetivos onde “procura descobrir suas próprias potencialidades e elaborar um espaço só seu”¹⁸.

Analisando fatores como educação, estado civil, desenvolvimento urbano, economia, identificamos quatro atividades de lazer e sociabilidade que predominaram nas entrevistas e na pesquisa documental. Entre elas estão os cinemas, os bailes, os passeios e as leituras, e todas visam exercitar a criatividade e proporcionar o esquecimento temporário do mundo do trabalho.

O cinema, uma sala escura, confortável, curiosa, tentadora... Neste universo desinibido, encoberto pelas paredes forradas, através da penumbra se revela um outro mundo, uma outra vida, um esconderijo para chorar, beijar, sorrir e sonhar. Nele poder-se-ia viver por alguns instantes os sentimentos e as aflições de uma outra história de vida, ficar em contato com aspectos do cotidiano que a mulher poderia nunca conhecer, tais como: belas paisagens, diferentes histórias de amor, terror, suspense ou comédia. Poderia vestir roupas, usar maquiagens, poderia viajar e brincar, tudo isso através da imaginação e, acima de tudo, poderia esconder-se do mundo externo. A ilusão propiciada pelo cinema dura poucos instantes, mas representa momentos de satisfação, principalmente porque “não se vê toda a maldade que a vida encerra”¹⁹.



Cine Busch - década de 50

Os cinemas de Blumenau que englobaram o período estudado (1950-1970) foram o Cine Busch, Cine Blumenau, Cine Garcia e Cine Mogk, sem contar os projetistas que variavam seus locais de apresentação. Eram nas seções de cinema que amigos socializavam-se, moças encontravam rapazes e começavam os namoros, favorecendo o surgimento de novos casais como expectadores²⁰.

Desta forma, os cinemas eram considerados pontos de encontro e “também locais que favorecem os flertes, os ‘namoros sérios’ tanto quanto os relacionamentos ‘avançados’”²¹.

O cinema nos possibilita perceber o quanto “a mulher é um ser social, criativo e inovador”²² que, mesmo diante das regras, pode dar novos rumos a sua vida, contornando dificuldades financeiras, descobrindo meios de “burlar” regras e buscando formas alternativas para ter uma vida mais prazerosa e feliz.

Já os bailes, além de serem ótimas formas de entretenimento, permitiam às mulheres encontrar novas amigas em conversas descontraídas sobre o

cotidiano familiar e profissional. No baile, a dança possibilitava uma integração entre homens e mulheres, ou também entre diferentes casais, pois ele é “sobretudo, um local de aculturação à cidade e de encontro entre os sexos”²³.

Junto com a dança vinha a idéia de liberação, parcial ou não, dos movimentos corporais obrigatórios impostos pelo trabalho fabril. Estas frestas de liberdade proporcionadas pelos bailes estimulavam o desprendimento de muitas regras e possibilitavam, ainda que momentaneamente, esquecer a movimentação mecânica exercida no processo de produção da fábrica. A dança era a atividade de lazer predileta das mulheres, e uma ex-operária menciona que era “o sonho da minha vida!”²⁴, pois a mesma era sinônimo de alegria e descontração: “a gente dançava, se divertia!”²⁵.

Os passeios também estavam carregados de sociabilidade, pois eram praticados em conjunto, com os amigos ou a família e sua principal finalidade era viabilizar o encontro entre as pessoas. O ato de passear pode ser caracterizado como a ação de percorrer um caminho, com determinado meio de locomoção, cujo intuito principal “é a mudança de paisagem, ritmo e estilo de vida”, e também “pode, num curto período, alterar a rotina cotidiana”²⁶.

Havia os passeios que se estendiam a lugares mais distantes, cujo acesso seria possível somente através de automóvel ou ônibus. Porém, as mulheres não costumavam viajar muito porque o tempo normalmente era escasso e o custo era alto, sobretudo para uma família inteira. Mas para baratear um pouco, eram feitas excursões, mais comumente chamadas de lotações, que retornavam a cidade de origem no mesmo dia.

A bicicleta proporcionava a concretização de passeios mais curtos, além disso, era um importante meio de transporte entre o trabalho e a casa, tornando-se tão popular entre os operários que, às vezes, causava congestionamento na região das fábricas e, “por volta das 5h, 13h e 21h, à mudança das equipes de trabalho, a vizinhança dos grandes estabelecimentos era obstruída por uma onda de bicicletas”²⁷.

Da mesma maneira que a bicicleta possibilitava a chegada aos locais de divertimento, também conduzia a operária até o trabalho: “o pessoal vinha tudo de bicicleta (...) naquela época não tinha garagem de carro, tinha garagem de bicicleta”²⁸. Com certeza ela foi objeto de bastante apreço por parte das jovens e adultas, por isso era tratada com o mesmo esmero que recebia um automóvel.



Piquenique na Itoupava Seca - 1930
Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Os passeios de bicicleta favoreciam o contato com a natureza e outros ambientes e estimulavam a sociabilidade, fugindo de sua rota diária, limitada à casa e à fábrica. Contudo, dinamizavam as relações pessoais que também ficavam restritas, muitas vezes entre a operária e as colegas de trabalho ou a família. Neste caso, o contato com outros parentes e amigos diversificava a troca de informações e favorecia o relato de experiências, a formulação de conceitos, a expressão livre de opiniões muitas vezes omitidas, entre outras atividades que contribuía para o crescimento pessoal.

Além dos cinemas, bailes e passeios, a leitura também esteve muito próxima das mulheres enquanto forma de lazer. As revistas, em especial, tiveram grande aceitação entre os jovens, pois seu preço era mais acessível, e seu texto agradava muito às leitoras, que as utilizavam como passatempo nos períodos de folga. Como tinha a aceitação de um público extenso, principalmente daqueles que ainda não possuíam televisão ou rádio, as revistas tornaram-se responsáveis por propagar modismos e discursos voltados ao bom comporta-



Revista de Fotonovela "Fascinação" - 1960

mento, sobretudo através das dicas e lembretes para que certas atenções em relação ao sexo oposto não fossem esquecidas.

A partir da década de 50 em especial, evidenciam-se as revistas de fotonovelas. A variedade de fotonovelas era grande e algumas revistas tinham títulos muito sugestivos para a época como “Sedução”, “Noturno” e “Fascinação”. Eram revistas “próprias” apenas para mulheres acima dos 16 anos ou permitida para adultos, pois retratavam uma vida que fugia dos padrões de comportamento esperado para as moças. Muitas vezes insinuavam a prática sexual antes do casamento (relevando o amor do casal naquele momento) e, constantemente, mostravam beijos ardentes, traição, falsidade, vingança, divórcio e morte, características estas que contradiziam a vida harmoniosa de respeito e carinho de um lar estável. Sendo assim, a maioria das leitoras destas revistas precisava esconder que estava tendo acesso a estas fotonovelas.

Considerações Finais

O cotidiano na indústria reforçou a submissão da mulher, tanto no lar quanto na própria fábrica, em função da limitação e da disciplinarização presente no espaço fabril e doméstico. Ela desvencilha-se, não por completo, da dominação dos laços familiares, mas ingressa num espaço de disciplinamento e controle, onde o patrão torna-se figura de referência para ditar as regras de conduta no trabalho. Raramente havia uma reação explícita por parte das mulheres quanto a essas imposições e regras comportamentais convencionadas às mesmas, que encaravam muitas de suas funções diárias exercidas no lar como fonte de satisfação e prazer.

As atividades de sociabilidade e lazer concentravam-se no espaço doméstico, sendo que a dupla jornada de trabalho e os baixos níveis salariais eram os principais responsáveis por esta situação. As manifestações artísticas (bordado, os demais trabalhos domésticos (culinária, jardinagem, educação dos filhos) eram considerados como atividades de lazer e representavam uma ocasião para o cumprimento de suas “obrigações” de boa mãe, boa esposa e boa filha.

O cinema, os bailes, a leitura e os passeios representavam uma oportunidade de sociabilidade e lazer fora da esfera familiar e doméstica, no entanto, tinham uma estreita ligação com os fatores tempo e dinheiro, bem como com

a habilidade de conciliar as atividades de trabalho com as atividades de lazer. Mas, em geral eram formas de sociabilidade e lazer que, em grande parte, evitavam a rotina e abriam caminhos para a formação de novos laços de solidariedade.

Referências:

- BASSANEZI, Carla Beozzo. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BERNARDO, Andília. **Andília Bernardo: depoimento** [mai. 2001]. Blumenau: FURB, 2001.
- CAMARGO, Luiz O. Lima. **O que é lazer.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.** 2ª. Ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.
- DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E.P. Thompson e Natalie Davis. *In:* HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, cultura e história social: perspectivas de investigação. *Projeto história.* São Paulo: PUC, n.º. 4, dez. 1985.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp.** Florianópolis: Contemporânea, 1997.
- HÄRBE, Ingeborg. **Ingeborg Härbe: depoimento** [mai. 2001]. Blumenau: FURB, 2001.
- HOBSBAWM, Eric J.. **Mundos do trabalho.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MOSER, Anita. **A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial.** Porto Alegre: Edipaz, 1985.
- Noticiário Cremer.*
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- POLI, Irene Rosa. **Irene Rosa Poli: depoimento** [jun. 2001]. Blumenau: FURB, 2001.
- O Radar Sulfabril.*
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. *In:* DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (dir.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.
- SANTORUM, Katia M. T. Relações entre gênero, trabalho e saúde: um velho desafio para o novo milênio. *Redes.* Universidade de Santa Cruz do Sul. Vol.3, n.1 (jul.1998). Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1998.
- SCHWABE, Norma. **Norma Schwabe: depoimento** [abr. 2001]. Blumenau: FURB, 2001.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. *In:* BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- SOIHET, Rachel. História das Mulheres. *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve histórico do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). **História das mulheres no Ocidente - Vol.5**. Edições Afrontamento: Porto e Ebradil: São Paulo, 1991.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

Notas de Fim:

¹ SCOTT, Joan. História das mulheres. *In*: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 86-87.

² Idem, p. 78.

³ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. *In*: DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (dir.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 585.

⁴ BASSANEZI, Carla Beozzo. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p.127.

⁵ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. 2ª. Ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001. p.180.

⁶ *O Radar Sulfábril*, mar./1966.

⁷ CHALHOUB, op. cit., p.176.

⁸ *Noticiário Cremer*, ago./1968.

⁹ THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). **História das mulheres no Ocidente - Vol.5**. Edições Afrontamento: Porto e Ebradil: São Paulo, 1991, p.56.

¹⁰ HÄRBE, Ingeborg. **Ingeborg Härbe: depoimento** [mai. 2001]. Blumenau: FURB, 2001.

¹¹ SCHWABE, Norma. **Norma Schwabe: depoimento** [abr. 2001]. Blumenau: FURB, 2001.

¹² POLI, Irene Rosa. **Irene Rosa Poli: depoimento** [jun. 2001].

¹³ Em relação ao dinheiro, já no século XIX Augusto Comte entendia “que a mulher não deveria possuir dinheiro, pois era contrário à sua natureza” (RAGO, Trabalho feminino e..., op. cit., p.592).

¹⁴ DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E.P. Thompson e Natalie Davis. *In*: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.71.

¹⁵ SANTORUM, Katia Maria Teixeira. Relações entre gênero, trabalho e saúde: um velho desafio para o novo milênio. **Redes**. Universidade de Santa Cruz do Sul. Vol.3, n.1 (jul.1998). Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1998, p.129.

¹⁶ MOSER, Anita. **A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho indus-**

trial. Porto Alegre: Edipaz, 1985, p. 100.

¹⁷ CAMARGO, Luiz O. Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, p.16.

¹⁸ FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Florianópolis: Contemporânea, 1997, p.134.

¹⁹ *O Radar Sulfabril*, mar./1965.

²⁰ HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.265.

²¹ BASSANEZI, op. cit., p.167.

²² TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve histórico do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, p.10.

²³ PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p.222.

²⁴ POLI, op. cit.

²⁵ BERNARDO, Andília. **Andília Bernardo: depoimento** [mai. 2001]. Blumenau: FURB, 2001.

²⁶ CAMARGO, op. cit., p.25-27.

²⁷ MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das Indústrias de Blumenau. *In: Separata da Revista Brasileira de Geografia*, nº.3, ano XXVII, jul./set./1965. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de geografia e estatística, conselho nacional de geografia, 1966, p.469.

²⁸ SCHWABE, op cit.

Entrevista

História de Vida - Ingo Armim Bohn

TEXTO:
ISABEL MIR
BRANDT*



Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

Ingo Armim Bohn nasceu em 31 de março de 1930, em Ibirama, SC. É filho de Hermann Bohn, natural de Lins, na Áustria, e de Olívia Bohm, natural de Blumenau-SC. Seus avós paternos são Karl Bohn e Francisca Bohm, naturais da Áustria.

Até os 4 anos (1934) de idade residiu no Morro dos Carrapatos, onde seu pai era colono. No ano de 1935 seus pais mudaram-se para Dalbérgia, onde seu pai construiu um salão. Realizou os primeiros estudos na Escola Alemã de Dalbérgia e posteriormente em Camboriú, onde cursou o primário na Escola da Vila Real.

Aos 12 anos voltou para Ibirama, onde estudou no Grupo Escolar Eliseu Guilherme. A infância foi profundamente marcada pelo cinema. Com 14 anos iniciou no primeiro emprego como operador da máquina de projeção no Cine Holetz, de Ibirama. No ano de 1946, com apenas 16 anos, assumiu sozinho o cinema como forma de pagamento por dois anos trabalhados sem nada receber dos antigos proprietários do cine. Convocado para servir o exército em Blumenau, trabalhou como projetista no cine do Batalhão 23 RI.

Em 3 de fevereiro de 1951, aos 21 anos casou-se com Cunigunda Schifter. Nesta oportunidade já era considerado um empresário do cinema, mantendo salas de espetáculos nas cidades de Ibirama, Presidente Getúlio e Trombudo Central. Fazendo uso de um pequeno projetor movido a motor diesel, percorria as pequenas cidades do interior, principalmente onde não havia energia elétrica.

Por volta dos anos 70 o cinema começou a perder sua importância e o público frequentador caiu

* Mestre em História - Profª. História da Arte - FURB

consideravelmente. Os problemas financeiros começaram a surgir obrigando o Sr. Ingo a fechar os cinemas. Primeiro foi o cinema ambulante, depois o de Trombudo Central, Presidente Getúlio e finalmente Ibirama. Mas as máquinas de projetar permaneceram em seu poder. Para sobreviver, o Sr. Ingo mudou de ramo, abrindo uma loja de utilidades para o lar, a qual vem gerenciando até os dias atuais.

Em 1975, um grupo de amigos resolveu retomar as atividades cinematográficas. Desta feita é o filho de Ingo, Larry Bohm, quem assume a tarefa de reavivar o cinema em Ibirama. Porém com o seu falecimento em 1980, o cinema novamente ficou esquecido. Cinco anos depois o Sr. Ingo tornou-se um dos sócios da Associação Filantrópica e Beneficente Hamônia.

Aproveitando o acervo deste associado, a diretoria da Associação viu uma oportunidade de a cidade de Ibirama retornar ao seu cinema, tendo à frente o Sr. Ingo. E para homenagear o filho Larry, deram seu nome ao novo cine.

I.M.B.: Bom dia, Sr. Ingo! Gostaria que o Sr. iniciasse falando sobre sua pessoa. Onde nasceu, o que recorda da infância.

I.A.B.: Ah! Isso vai longe. Bem! Eu nasci aqui em Ibirama, mais especificamente no Morro dos Carrapatos. Fica junto a Dalbérgia, onde vai para o Caminho do Meio. Meu pai era colono. Quando eu tinha 4 a 5 anos, mudamos para a Vila de Dalbérgia onde construiu um salão. Lá apareceu na época um ambulante que ficou mais ou menos uma semana. Fizeram teatro, e no último dia anunciaram o cinema, que era novidade naquela época. Foi a primeira vez que eu vi o cinema mudo. A máquina era manual, com luz de gás carboneto. Foi uma coisa espantosa. Meu pai mudou-se para lá, construiu o salão, e lá ficamos um certo tempo. Aí surgiu a guerra. Antes de começar a guerra veio essa propaganda da Alemanha, que todos os alemães, que procurassem voltar, Hitler queria trazer esse pessoal para guerra. E Dalbérgia era totalmente um lugar de alemães. Começou a sair muita gente de lá. Como meu pai já tinha passado na Guerra de 14, ele já sabia o que era, ele não foi de jeito nenhum. A turma não gostou, porque eram alemães. Só que ele era austríaco, mas considerado alemão. Mas ele não foi. Como praticamente morreu aquele lugar, ele recebeu uma oferta de Camboriú e

assumiu um hotel lá. Meu pai era garçom de profissão. Ele foi para Camboriú. E lá ficamos alguns anos. No verão meu pai não podia sair, mas no inverno, não tinha viva alma naquela praia. Nós íamos até Itajaí e excepcionalmente até Blumenau para assistir a um filme. Em Blumenau íamos no sábado, ficávamos no Hotel da Rua das Palmeiras, íamos ao cinema e voltávamos no outro dia a Camboriú. Em Itajaí a gente ia e voltava na mesma noite. Aí o Brasil entrou na Guerra também, e já ficou mais difícil para ele que era estrangeiro. Mas, ele tinha muita amizade com as autoridades de Florianópolis, que iam ao hotel para almoçar e ficavam por lá um tempo, e ele pôde permanecer mais um pouco. Depois ele teve que sair, e transferiram-no para a Vila de Camboriú, mas lá também foi questão de meses e ele tinha que sair. Tinha que estar o mínimo 150 km longe do mar.

I.M.B.: O senhor tinha que idade mais ou menos na época?

I.A.B.: Na época eu estava entre sete ou oito anos.

I.M.B.: E já sentiu aquele clima ruim contra os alemães?

I.A.B.: Já naquela época senti. Em 40 eu tinha 10 anos. Os alemães daqui, que não ficaram presos, foram transferidos para Curitiba. Então como meu pai não tinha contato nenhum em Curitiba, não queria ir, e aqui em Ibirama tinha parentagem e pediu para vir. Ele conseguiu uma autorização para vir para Ibirama. E ficou aqui. Não houve nenhum problema. E aqui estava funcionando o Cine Holetz, que por sinal naquela época só falava em guerra. Eu não tinha idade, e havia censura, 14 anos, e eu não podia entrar. Mas eu gostava de assistir a um filme, e o dono do cine tinha interesse de ganhar o ingresso, então, eu pagava o ingresso bem no começo e ia pelo fundo do prédio e ninguém me via lá dentro. Aí fiquei "ladino". E eu vendo aquele brutamontes de máquina (risos), cheio de luzes ... é, aquilo sempre me interessou, e enquanto eles regulavam a máquina eu estava de fora olhando. Porém, passaram-se os anos, o cinema fechou. Terminada a guerra, voltou a funcionar o cinema com o Sr. Holetz.

I.M.B.: Durante a guerra o cine chegou a ser fechado?

I.A.B.: Sim, chegou. Fechou por falta de gente.

I.M.B.: O pessoal tinha medo de ir ao cinema?

I.A.B.: Não. Não era bom. Aquele tipo de filme que era exibido naquela época, era filme só de incentivo à guerra, aquilo desagradou. Havia dificuldade de transporte que vinha de Curitiba, tudo isso não era fácil, e simplesmente o Holetz fechou o cinema. E depois quando reabriu, foi com o Sr. Helmuth Arnold e o Sr. Erwin Radlof, os dois então reiniciaram o cinema. Nessa época eu já estava trabalhando na oficina do Radlof Schaefer. Eles sabiam que eu entrava escondido no cinema para assistir filme, justamente para ninguém me ver. E aí me convidaram e comecei a trabalhar como operador. Foi montada a cabine e comecei a trabalhar como operador. Eu estava feliz, assistia a todos os filmes.

I.M.B.: *De graça e ainda ganhava?*

I.A.B.: É, eu ganhava ... Era para eu ganhar, mas acabou funcionando dois anos. Depois o cinema fechou, quebrou, e eu tinha trabalhado dois anos sem receber nenhum centavo. Perguntei como iria ficar agora a minha parte?

I.M.B.: *O Senhor trabalhou dois anos por prazer?*

I.A.B.: É. Ele tinha prometido um salário pelo serviço, mas como sempre estava em má situação, não pagava. Assim passou-se o tempo e o cinema fechou, e eu não tinha recebido nada, e eu perguntei: “Mas eu trabalhei dois anos e eu não recebi nada”. Então o Sr. Arwin pensou e disse: “Bem! Você trabalhou dois anos. Então nós te emprestamos a máquina sem pegar durante um ano e você toca o cinema”. Falei com meu pai. Tudo bem. Só que exibir filmes como eles faziam, não queria. Resolvi escrever para a companhia. A companhia mandava o que bem interessava. Não dava. Tinha que ter seleção, então fiz uma viagem a Curitiba. Fui domingo à tarde com o trem até a Blumenau, onde pernoitei. Às quatro da manhã, saí de Blumenau com ônibus, chegando às dez da noite em Curitiba. Era uma viagem bastante rápida.

I.M.B.: *(risos) Viagem rápida?*

I.A.B.: Rápida. Era uma época que teve uma chuva muito forte, que tinha destruído algumas pontes na serra de Curitiba. Tenho até algumas fotos, onde improvisaram as pontes. Bem! Cheguei em Curitiba, comecei a ver umas Companhias. A primeira que localizei foi a Fox Filmes do Brasil. Eu me identifiquei lá, e tudo bem, começaram a mandar fitas. Entre essas fitas a

primeira que nós exibimos aqui foi a Máscara de Dimitrius. Nunca esqueci. Só que ali nesse primeiro salão, não deu mais, então mudamos para o Recreativo (), e nós montamos a máquina lá onde é o salão hoje, com as seguintes condições: Se eles precisassem do salão para uma domingueira ou um baile, qualquer coisa, eles me comunicavam com o mínimo de quatorze dias antes. Eu teria condições de mandar correspondência para eles não me mandarem o filme. Senão o filme vinha semanalmente.

E aquilo funcionou um tempo. Como eu tinha escolhido filmes melhores, comecei a ter uma frequência boa. E a coisa funcionava bem. Não sei porque, se foi desgosto deles, o que foi ou o que o dono do salão o Sr. Arlow, que era o sócio da máquina, começou a chegar em cima da hora e dizer: “Olha! Sábado tem baile e não dá para exhibir esse filme”. Mas eu já estava com a fita aqui e não tinha condições mesmo. O baile era sábado, eu ia no baile e domingo era para dormir. Assim foi indo até um certo ponto. Não deu mais. Meu pai viu que também não dava mais. Foi então que decidi a mudar aqui para o centro que é melhor ainda, porque o pessoal se deslocava a pé lá para cima.

Chegamos aqui no centro, procuramos um lugar. Meu pai já tinha um terreno aqui, onde hoje é a Loja, e existia um rancho onde funcionava a escola alemã antigamente.

I.M.B.: O rancho era de madeira?

I.A.B.: Era de madeira, no lado onde hoje está o prédio do Scmoelz. A livraria.

I.M.B.: Certo.

I.A.B.: Aquele era um pavilhão bem comprido. Então a máquina foi trazida aqui nesse prédio, e então melhorou. Nesse meio tempo chegou a época em que eu tive que ir para o exército.

I.M.B.: Toda essa andança, toda essa vida até os dezoito anos do senhor? O empresário do cinema?

I.A.B.: Pois é, até os dezoito anos. E eu tinha que ir para o exército. Aí queria ver se me livrava aqui. Como o prefeito era o inspetor, aí não teve jeito. E tive que abandonar o cinema. Meu pai queria tocar sozinho o negócio, mas ficou pesado. Então fomos a Blumenau e falamos com o comandante da Companhia, para ver se eu poderia ficar em Blumenau, em vez de ir para

Curitiba. Eu podia dar assistência aqui. Eles tinham mesmo naquela época recebido uma máquina de 16 mm. E como viram que eu tinha conhecimento disso, automaticamente disseram para mim: “Oh, vai para casa, só volta dia x”. Quando voltei quinze dias depois já estavam todos com vestimentas de soldado, todos uniformizados. Então eu parecia um desertor (risos).

I.M.B.: Ainda vestido de civil?

I.A.B.: Isso mesmo. Chegando lá me apresentei de novo e me levaram para o comando e lá lembraram de nossa máquina. Então estava bom. E aí passei uma vida boa, fiquei lá trabalhando com filme.

I.M.B.: O Sr. Serviu o exército dentro de um cinema?

I.A.B.: Perfeito, dentro do cinema.

I.M.B.: E a sua relação por ter sido filho de imigrante alemão, servindo o exército brasileiro? Não teve problema nenhum?

I.A.B.: Não. Não teve problema nenhum...

I.M.B.: O Sr. Ficou em Blumenau fazendo seu trabalho?

I.A.B.: Fiquei em Blumenau, fiquei trabalhando. Para dizer a verdade, fiquei bem melhor que os outros soldados. Só que eu passava um purgante, que era o filme da companhia. Eu passava duas vezes para cada companhia, porque não cabia todo mundo lá, a sala era pequena, então eu passava o filme a semana toda, começava de manhã e ia até a noite.

I.M.B.: Ia até a noite. Às vezes repetindo sempre o mesmo filme?

I.A.B.: Sempre o mesmo filme.

I.M.B.: Não chegou a enjoar de ver sempre o mesmo filme?

I.A.B.: Meu Deus do céu! ...Era muito filme de instrução, coisa assim.

I.M.B.: Eram filmes só dirigidos à instrução de soldados?

I.A.B.: Uma parte. Mas, uma parte foi negociada diretamente com Curitiba.

I.M.B.: Até isso o Sr. conseguiu fazer, negociar com a Fox Filmes do Brasil, de dentro do exército?

I.A.B.: Sim. Eu mandei uma correspondência para eles, que eu estava servindo e que o batalhão tinha uma máquina e que tinham interesses em filmes, que mandassem uns fotótipos. Eles mandaram. Eu negocieei, pedindo autorização e informações como podia conseguir preços melhores, e com tudo isso fiquei muito bem situado dentro do exército.

I.M.B.: Que maravilha, Sr. Ingo.

I.A.B.: É. De noite quando dava, eu escapava e ia para a cidade ver filme.

I.M.B.: Além de passar filmes o dia inteiro para os soldados, ainda escapava para ver outros. Qual o cine que o senhor freqüentava em Blumenau?

I.A.B.: Era o Cine Busch. Era o único. Quando tinha um filme melhor eu me mandava para lá. E no fim de semana eu vinha para casa, para dar assistência aqui. Para isso o exército me liberava. Tinha muito mais liberdade que qualquer outro.

I.M.B.: O senhor conseguiu inclusive manter o cinema aqui em Ibirama?

I.A.B.: Sim. Todo sábado e domingo eu estava aqui, dando assistência. O exército sempre me favoreceu em tudo o que era possível, quer dizer ... eu não fiz ordem unida nenhuma, não era soldado, porque lá eu só passava filme, até escolhia a companhia que podia assistir o filme.

I.M.B.: Ainda tinha esse privilégio?

I.A.B.: É. Havia companhias que para não fazerem ordem unida, vinham e diziam: "Por favor, vê se dá um jeito de passar para nós o cinema, deixa os outros para amanhã". E assim era feito. Passou meu tempo no exército. Depois voltei para casa e continuamos com o cinema e começamos a ampliar mais.

I.M.B.: O senhor chegou a tirar alguma foto dessa época?

I.A.B.: Do cinema?

I.M.B.: Sim.

I.A.B.: Eu olhei e não achei nada. Tenho só uma foto de onde estava a casa das máquinas. A única máquina que veio para cá naquela época, foi a primeira máquina do Cine Busch de Blumenau, e depois do Cine Holetz. Dessa eu

tenho uma foto, e a máquina eu vou expor.

I.M.B.: O senhor vai expor na Associação Filantrópica Hamônia, na festa do seu aniversário de fundação?

I.A.B.: Sim. Continuando, então fomos ampliando aqui e em Presidente Getúlio. Compramos mais uma máquina ambulante. Meu pai ficava cuidando daqui, meu pai e o “Tico”, meu irmão. Eu e minha mulher, naquele tempo éramos namorados, íamos para Presidente Getúlio. Depois fomos ampliando mais e mais, entramos em Lontras, compramos mais uma máquina portátil, fomos até Apiúna, atendemos toda a região. Depois instalei o cinema próprio, montei o cinema aqui.

I.M.B.: Aqui onde é a loja hoje?

I.A.B.: Sim. E foi feito de alvenaria, construído por cima do velho, que era pequeno naquela época.

I.M.B.: Quantos lugares eram na época? O senhor tem uma idéia?

I.A.B.: Nós tínhamos naquele tempo, 50 a 200 lugares. Em Trombudo Central eram 60 lugares.

I.M.B.: Como foi construído o cinema novo, em cima do velho?

I.A.B.: Construímos por cima, e quando estava pronto, foi tirado o de baixo. Isso levou só uma semana. E em uma semana estava aí o cinema novo. E funcionava direto em Ibirama, e sábado, domingo e quarta-feira nos outros lugares. Nos outros dias começamos como ambulantes: em Dona Emma, Witmarsun. Depois em todo o interior onde não havia luz. Naquela época nós compramos um gerador movido à gasolina, para fazer energia, porque nesses interiores todos ainda não havia energia elétrica. Assim fizemos praticamente Santa Catarina inteira com a fita Paixão de Cristo.

I.M.B.: Como era essa fita?

I.A.M.: Paixão de Cristo era uma daquelas fitas em preto-e-branco em que a filmagem saía tudo em “pulinhos”. Daquelas bem antigas. Essa fita já não era mais distribuída pelas companhias, nós compramos uma cópia em São Paulo, e é do tempo do cinema mudo que foi sonorizado depois.

I.M.B.: Como eram as pessoas que iam assistir a esse tipo de filme?

I.A.B.: (risos)... Nós procurávamos lugares religiosos. Onde chegávamos, procurávamos a igreja e o padre. Bem, e aí o problema: o padre queria dinheiro.

Os padres queriam 10, 15, 20% da renda, e a gente dava para o padre, daí podia passar o filme, que não era comprido, 1:15” ou 1:20”. Nessa época a gente também passava jornais. O Jornal Nacional de hoje.

I.M.B.: Explique melhor.

I.A.B.: Como se vê o noticiário hoje na televisão, assim mais ou menos tínhamos os jornais, onde apareciam dois a três minutos de futebol. Aquilo era o máximo.

I.M.B.: Canal 100?

I.A.B.: Isso mesmo. O Canal 100. Eu tenho hoje aqui seis ou oito jornais do Canal 100. Quando tiver uma fita mais curta no cinema hoje, eu vou passar um jornal desses sem ninguém saber. Tenho um jornal de quando foi construído Brasília.

I.M.B.: Era feito algum tipo de censura?

I.A.B.: Sim. Uma censura violenta. Naquela época a censura era braba. Era forte também a censura da justiça. Porque para exhibir uma fita naquela época, tínhamos que pedir uma autorização à Polícia Federal de Florianópolis. A fita vinha com o certificado de garantia, o número do certificado e a censura que constava lá. Tinha que ser feito um formulário, que nós preenchíamos e mandávamos para lá. Pelo regulamento eu só podia exhibir a fita depois de receber a confirmação de que a fita fora liberada ou não.

I.M.B.: Da Polícia Federal?

I.A.B.: É isso mesmo. Mas naquela época não vinha a tempo e a gente exibia o filme, depois eles carimbavam.

I.M.B.: Os padres assistiam à fita primeiro?

I.A.B.: Parte da fita. Paixão de Cristo não, porque essa eles sabiam o que era. Eles assistiam aos jornais, às vezes eu tinha que cortar uma parte fora, porque

eles não aceitavam que no filme aparecessem reuniões e as mulheres com vestidos decotados, isso não podia. Tem cada passagem disso...

I.M.B.: A censura chegava a um vestido decotado?

I.A.B.: Claro, imagina isso num salão paroquial, ou coisa assim.

I.M.B.: E nos filmes, eles cortavam as cenas?

I.A.B.: Isso nós tínhamos que cortar fora, geralmente o que eu fazia era botar a mão na frente quando chegava essa cena!

I.M.B.: Ah! Meu Deus!

I.A.B.: É, passava a mão na frente, só na máquina de 16mm, porque as máquinas grandes têm um cortador automático.

I.M.B.: Bom! O que acontecia com o beijo?

I.A.B.: Isso era coisa feia.

I.M.B.: Sim! Então só passava paisagens?

I.A.B.: Hoje a senhora vê nos filmes os pessoal se beijando e tudo. Naquela época geralmente, o próprio artista se torcia todo para ficar de trás ou de frente dela, quer dizer: nunca se via se realmente saía o beijo.

I.M.B.: E também não saía o beijo.

I.A.B.: Uma vez eu tinha anunciado aqui em Ibirama o filme Arroz Amargo. A fita não tinha nada, única coisa que tinha era uma plantação de arroz e as mulheres que plantavam à mão. Pegavam o vestido e arregaçavam até em cima do joelho, um pouco mais em cima. Ficavam os joelhos à vista, e tinha uma mulher no meio que estava grávida e ela teve depois um início de parto. Ela começava a sentir dor, virava um alvoroço entre as mulheres para levá-la para casa. Essa fita foi anunciada aqui, e o Padre José fez um sermão dizendo que quem assistisse ao filme seria excomungado.

I.M.B.: Ah, não!

I.A.B.: Em José Boiteaux o padre exibia os filmes num salão de um hotel que havia lá, porque sempre levava os 10%. Até uma época que nós não nos

entendemos mais, aí o padre fez uma procissão em frente do cinema, e quem quisesse cinema que agüentasse o troco.

I.M.B.: Ele proibiu a exibição do cinema ali.

I.A.B.: Ele fez uma procissão em frente do cinema, eu tive que empacotar tudo e vir embora.

I.M.B.: Ah, não! Quer dizer que naquela época o Sr. vivia na dependência, na vontade da Igreja?

I.A.B.: Sim. Principalmente porque eu tinha conhecimento.

I.M.B.: E a Igreja Evangélica também se envolvia com o cinema?

I.A.B.: Não. Não era tanto. Porque eu não tinha tanto contato com eles. Porque o contato era mais com aquelas fitas religiosas como as Meninas de Fátima. Para isso os padres faziam uma propaganda e tanto.

I.M.B.: Quer dizer que quando o senhor exibia filmes de interesse da Igreja o senhor era o melhor cidadão?

I.A.B.: Aí sim, eu entrava bem.

I.M.B.: O senhor teve problemas com o Padre José na época, por causa do pagamento dos 10% para à Igreja?

I.A.B.: Não. Aqui eu não pagava, só no interior.

I.M.B.: Então me diga, Sr. Ingo, por que o Padre José se encrencou com o senhor?

I.A.B.: Diretamente não se encrencou, ele combatia a exibição de um filme quando era censurado.

I. M. B.: Que tipo de filme era censurado?

I.A.B.: Naquela época um filme com qualquer coisinha era 18 anos. Aí ele achava que tal filme era imoral para ser exibido. Então ele fazia uma prática na igreja condenando o filme para que ninguém assistisse. Coisa leve, mas ele não gostava não. Fez uma prática bem pesada contra nós no cinema, e deu efeito, porque a casa ficou fraquinha. A gente também não queria encrência, então fechava um olho e dava para trás, porque precisava do apoio dele, e se

continuasse sempre nos combatendo, ele acabava com a gente.

I.M.B.: Acabava mesmo. Fechavam o cinema como fez o Padre de José Boiteaux?

I.A.B.: É, lá em José Boiteaux. Deixei passar muito tempo para poder voltar. O filme tinha que ser absolutamente livre, de preferência religioso, aí sim, aí trabalhavam bem, faziam propaganda para a gente, praticamente obrigavam o pessoal a ir ao cinema.

I.M.B.: Eles obrigavam e proibiam?

I.A.B.: Ah sim! Quando o filme não era o que eles queriam que fosse.

I.M.B.: Quando foi que a Igreja perdeu esse poder? Quando o senhor percebeu que os padres não tinham mais poder sobre o povo?

I.A.B.: Aqui no centro de Ibirama, como em Presidente Getúlio, já não tinham mais grandes poderes, a não ser que fizessem uma prática na Igreja, que pedissem para o povo não assistir à fita. No interior a gente tinha que se ligar ao padre, porque era o único meio de propaganda que se usava, que fazia efeito mesmo. Depois se era recomendado pela igreja todo mundo ia, se não era recomendado pela igreja ninguém ia.

I.M.B.: Aqui em Ibirama, quando foi que o senhor percebeu que os padres praticamente esqueceram o cinema?

I.A.B.: Quando a censura caiu no país. Aqui foi muito pouco a censura, foi só com o Padre José. Aqui só quando nós exibíamos fitas proibidas, ou coisa assim, aí ele condenava, senão, a gente tinha bom relacionamento. Também quando nós passávamos fitas religiosas, nós dávamos 10% para igreja e era bem aceito, lógico.

I.M.B.: Senhor Ingo, agora vamos partir para a fase de decadência do cinema. Na época de 1970, a televisão, a Coligadas que tinha repetidora em Blumenau, mandava o sinal para Ibirama, e aí?

I.A.B.: Aí, começa todo mundo a comprar televisores, e então entrou em decadência mesmo. Depois o que mais pesou foi principalmente em Presidente Getúlio, porque lá nós exibíamos os melhores filmes aos domingos. Aqui era exibido o cinema no sábado, tínhamos lá duas matinês e duas sessões à noite, às

7:00 h e às 9:00 h. Então começou a aparecer esse Fantástico, domingo à noite na televisão.

I.M.B.: Ah! O Fantástico?

I.A.B.: É, esse. Foi uma queda violenta para nós, porque ele trazia o noticiário resumido de toda a semana, e naquela época era muito assistido. Isso foi uma queda bem pesada para nós. Então entramos em contato com as companhias dizendo que não dava mais para pagar as fitas. As companhias também reduziram os preços. Achavam que era temporário... isso e aquilo. Diziam que o cinema ia voltar... E assim a gente foi agüentando. E o cinema não voltou mais. Acabamos gastando dinheiro em cima, com prejuízos e mais prejuízos.

I.M.B.: E então o senhor se viu na obrigação de encerrar?

I.A.B.: Estava num ponto que não dava mais para agüentar porque de fato estava há quase cinco anos perdendo dinheiro.

I.M.B.: Quatro ou cinco anos perdendo dinheiro e mesmo assim o senhor não vendeu as máquinas. Não vendeu porque ninguém quis comprar ou porque não tinha intenção de vender?

I.A.B.: Bem! É que na época que eu quis vender, mas ninguém quis comprar. Eu tive ocasião de vender quando o cinema estava florindo, tive oportunidade de vender as máquinas em Trombudo Central com o prédio e tudo, com bom preço. Também fui procurado em Presidente Getúlio. Mas enfim, eu ia vender uma coisa que está me rendendo bem, que era a minha profissão? Não vendi. Em diversos lugares enfrentei concorrência. Só que depois foi caindo, fui fechando um cinema, fechando outro e assim foi caindo.

I.M.B.: E o senhor guardou as máquinas?

I.A.B.: Ah sim, comecei a colocar no rancho.

I.M.B.: Quando o senhor percebeu a volta do cinema para Ibirama? Como foi essa volta?

I.A.B.: Como foi essa volta? Nessa Associação aqui em cima. Ali o Sr. Raul Duwe, que era o que trabalhava ainda com filmes 16 mm, esporadicamente exibia no Bela Vista e outros lugares por aí, mas, o que ele principalmente exibia e que dava renda para ele era filme pornô. Esse tipo de fita foi que o manteve.

Mas ele tinha isso como parte secundária, porque ele trabalhava no Escritório de Contabilidade do Bini, tinha o emprego dele. Depois ele com o Luizinho Muller resolveram abrir o cinema. O Luizinho tinha sempre intenção de trabalhar com cinema, era um bom freqüentador de cinema. Os dois resolveram colocar uma máquina aqui em cima na Associação.

Ele tinha uma máquina de 16 mm, mas era muito fraca a projeção, e ele foi a Porto Alegre e trocou a de 16mm por uma de 35 mm portátil. Mas o rapaz foi infeliz, porque ele pegou uma máquina que não teve mais condições. Um belo dia o Sr. Luizinho Muller chegou me disse: “Olha eu tenho uma máquina de cinema de 35 mm, não está dando..., o rapaz não consegue fazê-la funcionar. O senhor não quer dar olhada nela?” Fui lá. Até fiquei curioso. Tinha uma sala, era plana não tinha inclinação nenhuma. Quando vi a máquina, eu disse: “Não. Isso não têm possibilidade de funcionar”.

I.M.B.: Era obsoleta totalmente?

I.A.B.: Totalmente, nem funcionava mais, estava quebrada, era enjamburada de outras máquinas. Eles queriam começar o cinema. Eu vi aquilo tudo e disse a eles: “Eu estou com seis máquinas encostadas, vou doar duas máquinas, uma cabine completa, mas com a seguinte condição: Vocês levem as máquinas, montem, e não me incomodem mais, que eu não quero mais saber disso, porque eu passei praticamente minha vida trabalhando em cima do cinema para depois perder tudo”.

Daí, lógico, eles vieram e com rapidez, porque achavam que eu ia dar para trás ou qualquer coisa. Vieram aqui buscar as máquinas, com um funcionário da prefeitura, e levaram para a Associação. Arrumaram um rapaz para fazer a limpeza. Ele começou a limpar e chegou a um ponto: como montar? Quem vai montar? Quem é que conhece? Aqui não há ninguém que conhece uma máquina.

I.M.B.: Voltaram a conversar com o senhor?

I.A.B.: Sim. Vieram falar comigo. Fui montar a máquina. Eu disse: “Vocês arrumem um rapaz para fazer as linhas de força que eu vou montar as máquinas para vocês”. Muito bem! Estava tudo prontinho lá, e as poltronas? Disseram-me que iam conseguir as poltronas em Lages, conheciam o pessoal do cine de Lages, que eles iam arrumar. Bem! Estava tudo pronto e de novo as poltronas?

I.M.B.: Qual o motivo que não tinham poltronas!

I.A.B.: O principal motivo foi a falta de verbas. Lógico. Aí eu disse: “Vou lhes dar essas minhas poltronas também”. Ainda guardei umas 60 ou 70. Buscamos e instalamos as poltronas.

I.M.B.: O senhor tinha guardado do seu cinema?

I.A.B.: Sim, eu tenho hoje ainda. Vendi cento e cinqüenta para Presidente Getúlio para um hotel novo, que está construindo um auditório. Isso foi agora quando colocamos os estofados lá no cine da Associação. Mas antes eu tinha vendido... praticamente dado para o Colégio Hamônia. Todas as poltronas que estavam no Colégio Hamônia eram minhas. Era a época do João Mattos. Ele não tinha dinheiro, porque tinha investido muito, ficou um ano ou dois até que me pagou alguma coisa. Tudo bem, estavam lá jogados mesmo.

I.M.B.: Praticamente o senhor doou?

I.A.B.: Mais ou menos assim. Então colocamos as poltronas. E me disseram que iam começar com os filmes de Porto Alegre. “Sim. Mas qual é o filme?”, perguntei. “Ah, nós vamos passar o filme daquele rapaz o Marcelino Pão e Vinho”.

I.M.B.: Nossa!

I.A.B.: Aí eu disse: “Meus Deus do Céu! (risos...) Eu estou muitos anos fora do cinema, mas isso não dá. Isso não vai dar. Pelo menos um filme um pouquinho mais moderno, mais novo”.

I.M.B.: Certo, mas não dá para voltar a exibi-lo no cinema agora?

I.A.B.: Marcelino Pão e Vinho não dá. Eu posso fazer o seguinte: “Vou tentar em Curitiba, com quem trabalhei, na minha época”. E resolvi ligar para um amigo que vendia peças de reposição para as máquinas. Eu tinha o telefone dele na minha agenda. Liguei.

Ele me deu os endereços da Paramount e Warner, que ainda existiam em Curitiba. O resto não havia mais. Liguei para a Paramount, e quem atendeu foi um velho conhecido. Depois com a Warner a mesma coisa não houve problema nenhum. Mandaram as fitas já, porque me conheciam. E

começamos a exhibir. Resultado: Fiquei envolvido no cinema. Ali, no começo houve problemas, porque a aparelhagem de som ficou a mesma e aquilo com 10, 15 anos encostado ali, ficou ruim. E dinheiro de onde?

I.M.B.: Quer dizer que aquela condição inicial, que o senhor impôs, de apenas doar as máquinas e não se envolver com o cinema...

I.A.B.: Acabou por me envolver totalmente.

I.M.B.: Hoje o senhor abre e fecha a porta do cinema todo fim-de-semana?

I.A.B.: Sim.

I.M.B.: Em algum momento se arrependeu de ter voltado?

I.A.B.: Não. Porque a senhora sabe, o cinema é uma doença. E a doença estava no meu sangue ainda. Senti muito, sofri, dizia que nunca mais iria me meter no cinema. Mas também os amigos me envolveram... voltou a vontade do cinema e continuo hoje o mesmo sofrimento. Um filme dá, o outro a gente tem prejuízo e já estamos no quarto ano funcionando.

I.M.B.: O que o senhor vê, agora, esse tipo de freqüência que nós temos no cinema hoje? Se o senhor fizer uma comparação com as pessoas que freqüentavam o cinema nos anos 60, a nossa geração, com os de hoje?

I.A.B.: Hoje são os jovens, naquela época os jovens, os velhos de hoje. Temos praticamente só os jovens. Desses velhos espectadores, há um ou outro perdido aqui e ali. Mas não são mais freqüentadores.

I.M.B.: Existe uma nova geração dedicada ao cinema?

I.A.B.: É uma nova geração que está começando a se formar. A senhora vê. Estamos no quarto ano e está progredindo.

I.M.B.: Aqueles jovens que começaram com 10 anos, hoje com 14 ainda estão lá?

I.A.B.: É. Eles estão lá e trazendo outros. Está indo nessa média. Não é mais aquele público. Antigamente eram todos, tanto o velho como o jovem. Daí a gente passava a matinê. Hoje não se passa porque as crianças vão à noite também. A gente nota, de ano para ano está melhorando.

I.M.B.: Essa geração que está indo ao cinema hoje, é aquela que se cansou da televisão?

I.A.B.: Deve ser, porque realmente a televisão cansa. Depois os filmes de hoje, mesmo que se pegue para colocar no vídeo ele não tem o mesmo impacto que no cinema. Agora nós também estofamos a sala, isso também dá mais conforto.

I.M.B.: Para encerrar eu quero saber do senhor sobre seus planos futuros em relação ao cinema.

I.A.B.: Bem! Por mais três anos e meio eu estou ligado lá na presidência da Associação. A minha intenção é entregar o cargo quando tiver o prédio reformado. Vou lutar em cima disso aí, lógico, não sozinho, há uma equipe toda que trabalha lá. Essa equipe está desde o começo, desde eu entrei ali. Estamos lutando juntos, porque esse prédio tem 60 anos e nunca foi reformado. E a senhora vê que na parte externa não existe um saco de cimento, tudo areia e cal. É um patrimônio histórico que tem que ser preservado.

I.M.B.: Certo. Nós encerramos a entrevista por aqui, exclusiva da sua relação com o cinema. Nós sabemos que a sua vida pessoal que não foi incluída neste primeiro momento, também tem passagens fantásticas. Voltaremos a este assunto em outra oportunidade. Muito obrigada.

Memórias

Meus tempos de Colégio - VI Um incidente quase às vias de fato

TEXTO:
ARMANDO LUIZ
MEDEIROS*



Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

“O Paideco deu na cara do Peleco!” Era o comentário que corria entre os alunos do Ginásio, naquela manhã do fatídico mês de agosto de 1954, enquanto tanta história acontecia. Paideco era aluno da terceira série, recém chegado à cidade. (Teria vindo de São Paulo, ou minha memória está certa ao insistir que havia vindo do Ceará de sua mãe?) O espanto de todos era por seu pequeno tamanho em relação ao perdedor do dia, um forte e notório brigão.

Em pouco tempo, e depois de várias lutas, Paideco adquiriu de vez a reputação de bom brigador. Apesar de sua valentia e de sua mal controlada agressividade, era um rapaz bem apessoado, com modas de cidade grande e, provavelmente, algum conhecimento de artes marciais, coisa pouco comum naquela época. Fazia, talvez até mesmo por isto, grande sucesso entre as meninas. Pela classe que freqüentava deveria ter uns 14 ou 15 anos, mas aparentava mais, por sua barba cerrada e já bem desenvolvida.

Ah! Quase me esquecia de falar de sua irmã, uma moreninha linda de morrer, talvez um ano mais nova. Seria seu nome Ana Maria? Não importa muito, já que ela nada teve a ver com esta história ... Fica nestas páginas apenas o registro de sua incomum beleza juvenil.

Bem, aqui relato como tive eu, franzino e pequeno, que enfrentar o Paideco. Puxa, logo eu, que nas poucas vezes em que me meti em briga de rua ou de escola, o melhor que consegui foram alguns honrosos empates.

Foi por recomendação de meu pai - para defender meu nome, minha ética, e talvez também a moral e os bons costumes (e a civilização cristã ocidental) que tive que exigir satisfações do temido valentão, à força, se preciso fosse, quanto a uma calúnia por ele cometida. Durante uma noite de visita a um casal amigo (podem acreditar, antes da televisão as pessoas tinham o costume de se visitar!) ele soube que o tal garoto novo na cidade

*Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

havia comentado em público que o Medeiros (e acho que ele nem me conhecia!) não passava de um “colador”, e que era sabido por todos que ele se valia dos meios pouco recomendáveis da “cola” para obter suas boas notas.

Não que eu fosse anormalmente dedicado aos estudos, mas minha excepcional memória facilitava as coisas, permitindo-me levar ainda de carona vários colegas e vizinhos de banco...

Mas por mais valentão que fosse o estrangeiro, isto não podia ficar assim! Pelo menos era o que meu pai achava, pois não sabia das habilidades de briga do dito cujo (e se soubesse, provavelmente não se importaria nem um pouco). Eu até que nem ligava para tal infame mentira, talvez até mesmo por sentir-me incapacitado de qualquer ação ou reação. Pelo menos assim pensava.

Juntei coragem por uns dois ou três dias até que, finalmente, no segundo intervalo entre as aulas de uma certa terça-feira, (o primeiro intervalo, o das 9 horas, ainda foi usado para uma concentração final ...), fui em busca do bonitão. Encontrei-o no pátio, mais ou menos a meia distância da porta dos fundos do prédio principal até os banheiros. Antes que pudesse mudar de idéia, sem nem mesmo pensar como aquele ponto central poderia se transformar rapidamente em uma arena para uma rinha de galos (onde o sangue a correr seria o meu ...) interpelei-o com voz firme e decidida:

“Então és tu que andas dizendo que eu sou colador?”

Meu desafeto, espantado com tal inesperado pedido de explicações, gaguejou, ruborizado e constrangido, quase murmurando:

“Eu, eu não disse isto; mas, mas é o que todo mundo fala.”

“Pois não quero que tu repitas isto, senão vais te haver comigo”, acrescentei, quase decidido a dar-lhe logo uns trompaços, impulso felizmente logo controlado pelo bom senso, dando-lhe as costas, em demonstração de desprezo. Seu visível embaraço foi minha vitória moral.

Tornamos a nos encontrar ainda algumas vezes, mas mesmo sem palavras, era como que um encontro respeitável de iguais. Iguais, na verdade não, nem ao menos respeitável. Paideco nunca conseguiu despojar-se completamente daquele constrangimento, que voltava sempre que ele me via.

Um ou dois anos depois, deixou Blumenau com sua família, não sei com que destino.

O incidente terminou esquecido por mim durante estes todos quarenta e tantos anos. Sem razão aparente, veio-me hoje à memória. Sentei-me ao computador e resolvi registrá-lo, antes de algum mais definitivo olvido, para lembrar que, afinal, a razão pode representar mais do que a força, confirmando, talvez, que *a razão tem razões que a própria razão desconhece.*

Memórias

Histórias de Blumenau

TEXTO:

LOURE ELSA
HOLETZ



Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

Vou contar um pouco da história de minha infância, do lugar onde morava em Blumenau, no beco que fazia o fim da rua 7 Setembro e das pessoas com quem convivi naqueles tempos e cuja lembrança me enche o coração de saudade.

Este fim de rua começava na Alameda Rio Branco (antiga Kaiserstrasse = rua do Imperador) e terminava no portão da casa do Sr. Hermann Mueller Hering. Era então uma rua estreita, de barro, com poucos moradores.

Na esquina com a citada Alameda ainda existe o prédio onde funcionava a maternidade “Johanna-Stift”, posteriormente transferida para a rua Pastor Stutzer e que é hoje o ancionato Elsbeth Koehler. Lá eu nasci como muitos blumenauenses, antes e depois de 1934. Era um prédio lindo, muito bem cuidado pelas irmãs evangélicas (Schwestern), imponente, com um grande jardim, árvores de sombra e canteiros sempre floridos. Nos fundos da casa havia um grande quintal gramado com os varais para roupa, horta e galinheiro. A horta era o orgulho da Schwester Auguste, que, sempre que podia, ia ela mesma conferir se estava tudo plantado e limpo a seu gosto. Naquele tempo, a Schwester Auguste e a Schwester Lotte cuidavam da maternidade, sendo a primeira a Diretora e a segunda a Parteira, mas as duas dividiam entre si o trabalho como possível. Naturalmente tinham algumas auxiliares.

As terras da maternidade faziam divisas com as de meu pai. Nestas havia um rancho bem grande que servia de garagem e oficina para os ônibus que faziam linha para Florianópolis, viagem que na época levava de três a quatro dias. As estradas eram péssimas

* Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos.

e quando chovia então... Meu pai também tinha um táxi dirigido por seu primo Siegfried Bachmann, o “Schilick”. Ao lado ficava a casa de enxaimel que minha mãe ganhou de minha tia-avó Elsbeth Holetz, proprietária do Hotel Holetz. Esta casa meu pai alugava, pois já tinha construído outra ao lado, onde morávamos. Lembro-me ainda muito bem que na casa velha morava o casal Scheefer, pais da Sra. Neitzel. A Frau Scheefer era uma senhora muito disposta e muita querida. De manhã chamava-nos (as crianças) para darmos um bom dia ao seu marido, que estava acamado e era quase surdo. Ela possuía um tubo acústico de chifre que encostava ao ouvido dele e assim lhe dizíamos bom dia em alemão, o que o fazia muito feliz. Então ganhávamos uns biscoitos muito gostosos. Mais tarde foi morar lá a família Enders, um casal com três filhos. O Wolfgang tinha a minha idade, e juntos brincávamos muito. Andávamos de triciclo e inventávamos dúzias de outras brincadeiras. Minha mãe trabalhava muito. Nossa casa era grande, tinha vários quartos alugados e um jardim e quintal enormes.

Ao lado da nossa, separada por um muro ficava a casa do Dr. Osvaldo Espíndula, médico. O Doutor era um homem muito sério e fechado, falava pouco, mas a esposa, Da. Belinha era uma simpatia. Muito prestativa, ela mesma cuidava da casa, do jardim, da horta e criava algumas galinhas. Ela cultivava muitos cactos. Tinham apenas um filho, o Osvaldinho que hoje é cirurgião no Rio de Janeiro.

A propriedade do Sr. Walter Werner era a última daquele lado da rua. Um belo parque com uma casa enorme, já mais moderna. O Sr. Walter era casado com Da. Kaete, filha do Sr. Hermann Mueller Hering. Eles tinham duas filhas. A Marlene, um ano mais velha que eu, era minha amiga de todas as horas. Vivíamos sempre juntas e tivemos uma infância muito feliz. Éramos uma dupla de arteiras e aprontávamos bastante. O jardim e quintal da casa dela eram enormes. Na frente da casa havia um belo gramado onde os guris jogavam futebol com o Sr. Werner. Ele era muito ligado ao esporte e no verão, quando chegava em casa de tarde, reunia a gurizada que já o esperava e iam jogar. Era um alvoroço. Da. Kaete tinha o jardim lindo, sempre bem cuidado por seu jardineiro, o Vicente, e muitas vezes brigava quando as boladas atingiam suas flores, dizendo: *“Aber Walter! Meine Blumen”* (Mas Walter! As minhas flores). Mas os jogadores nada respeitavam. Do time faziam parte meus irmãos Harry e Ralph, Getúlio Braga, Gerhardt Blohm, Rony e Lothar Schmidt, os

irmãos Distel e outros, cujos nomes não lembro mais.

Em 1999 encontrei a Frau Werner no Lar Elsbeth Koehler e quando conversávamos ela me disse: “*Siehst Loure, so alt ist die alte Ziege geworden*” (Vê Loure como envelheceu a Cabra Velha). Ela tinha 97 anos e me lembrei então que nos tempos de que estou falando, ela costumava usar essa expressão: “cabra velha”. No dia 2 de maio ela completou 100 anos de idade, prêmio justo e merecido, sem dúvida, por uma vida saudável e irrepreensível. Ao tomar conhecimento da notícia, fiquei muito contente por saber que ainda está bem de saúde e muito lúcida.

Do fim do beco, um caminho estreito conduzia ao rio Garcia, naquela época largo e limpo, tinha muita água. Lá tomávamos banho no verão, pois a margem do rio, naquele lado, era uma praia bem grande. No outro lado o rio era fundo e a margem era coberta de capoeira. O Sr. Werner tinha uma canoa na qual nos levava a passear aos domingos até o rio Itajaí até Itoupava Seca, onde havia uma ilha, hoje quase sumida, na qual fazíamos piquenique. Em tempo de estiagem as pessoas também lavavam as roupas no rio.

Do outro lado deste caminho, na baixada do rio era pasto, limitado por um mato limpo ao qual se seguia o jardim com a casa do Sr. Mueller Hering, um castelinho que ainda existe. Esta casa, segundo sei, foi construída por um Sr. Froehner que em 1922 ainda lá morava com sua mãe. Ele era estilista ou modista e costureiro, vindo de S. Paulo para Blumenau à procura de um lugar sossegado para a mãe, já bem idosa. Não tendo encontrado aqui a freguesia com que contava, como em São Paulo, voltou para lá. Devia ser uma pessoa de posses, pois tinha uma carruagem igual à da novela “Terra Nostra”. Minha mãe contava que ele andava sempre impecavelmente vestido. De tal jeito brilhava que lhe deram o apelido “*Der Lackierte*” (O laqueado ou esmaltado). Sua irmã, a Sra. Ella Froehner Dona, a quem chamávamos Tante (tia), era governanta em São Paulo e, quando em férias, vinha para Blumenau e era sempre hóspede de minha tia Elsbeth Holetz. Era uma pessoa de fino trato, muito elegante, andava sempre de longo preto e usava jóias raras e caras. Sempre nos contava as histórias de suas viagens pelo mundo. Faleceu aqui em Blumenau e foi sepultada no cemitério evangélico do centro.

No jardim da casa do Sr. Mueller Hering nós brincávamos muito e também aprontávamos: trocar os ovos das galinhas por bolas de pingue-pongue, colher morangos e frutas maduras antes dele chegar etc. etc... Às vezes leváva-

mos uma bronca, mas, como dizia minha mãe: “*Schimpfe tut nicht weh und Haue dauert nicht lange*” (ralhos não doem e surras não duram muito). Alguns dias depois já repetíamos a dose.

A casa era a última do beco e ficava no lado esquerdo. A seguir, do mesmo lado, ficava a casa da Sra. Blohm. Viúva, ela lá vivia com dois filhos e um irmão que era afinador de pianos. Tinha uma pensão. Lembro-me dela, sempre de semblante severo, triste, parecia sofrida. Tínhamos medo dela, embora fosse uma pessoa muito bondosa. Andava sempre de avental branco impecável e ela mesma fazia suas compras na feira. Ao lado havia um terreno baldio, com muitas árvores e capim. Depois um estreito caminho levava à casa do Sr. Steinhof, o tipógrafo. A família Steinhof era o casal, o filho e a nora e os dois netos, Plínio e Mário. Frau Steinhof era costureira.

Bem em frente à nossa casa ficava a horta do Hotel Holetz. Nela minha tia Matilde plantava hortaliças, batatas e aipim. Havia também algumas bananeiras, mas ao longo da cerca ela sempre tinha flores lindas: dalias e margaridas. Outro caminho ao lado da horta era usado para conduzir as vacas de propriedade do Hotel ao bebedouro, ou seja, o rio Garcia. Era também o limite entre as terras do hotel e as do Sr. Leopoldo Weise, fabricante das famosas tachas Weise. Frau Weise, nascida Deeke, era pessoa boníssima. O Filho Jorge era nosso companheiro de brincadeiras.

Na esquina com a alameda Rio Branco havia a casa de enxaimel da família Kersanach, que pertenceu depois à Frau Schmidt, e mais tarde os Steinhof moraram lá. Hoje não existe mais e tudo está mudado.

A ponte sobre o rio Garcia transformou o beco no prolongamento da rua 7 de Setembro. A maioria das velhas casas de que falei ainda existe. Os terrenos baldios foram preenchidos com novas construções e o tranqüilo beco mudou para rua de intenso tráfego e movimento.

Bons tempos aqueles em que vivíamos sossegados, tranqüilos, despreocupados, sem medos nem traumas, gozando a mais plena e maravilhosa liberdade.

Maio de 2002

Memórias

A Saúde em Blumenau

TEXTO:
GRETE
BAUMGARTEN
MEDEIROS



Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

João José de Sousa Medeiros, farmacêutico, veio estabelecer-se no ano de 1926 em Blumenau. Abriu sua farmácia na rua 15 de Novembro no prédio do Sr. Joca Borba. Para grande satisfação de sua esposa, Dona Adélia, católica fervorosa, bastava atravessar a rua para chegar até a igreja matriz. A família morou lá longos anos. Sr. Medeiros era portador de larga experiência em assunto de saúde. Em pouco tempo a farmácia ganhou bom nome e grande clientela. Era farmacêutico, mas chegava quase a ser médico. Ele possuía o que poucos têm: Olho Clínico. A maior qualidade que ele tinha era a grande bondade que ele trazia no coração. De sua farmácia, por mais humilde que fosse, não saía sem ter sido atendido e sem levar o remédio e muitas vezes de graça...

Naquele tempo grande parte dos remédios eram manipulados na farmácia. O médico formulava e o farmacêutico manipulava, uma grande responsabilidade para ambos.

Dos quatro filhos homens, os dois mais jovens, Carlos Henrique e Luiz Gonzaga, mais tarde meu marido, estudaram farmácia em Florianópolis no extinto Politécnico. Uma vez formados, voltaram para Blumenau e foram trabalhar com o pai. Apareceu uma sala maior. Os padres do convento construíram algumas salas para alugar, a farmácia ocupou uma delas em frente do Hotel São José. Carlos ficou pouco tempo com o pai, seguiu seu caminho. Agora, já com mais idade, o Sr. Medeiros atendia os doentes em seu pequeno consultório. Luiz manipulava as receitas e atendia no balcão. Ambos tinham o dom de fazer amigos

* Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos.

e cultivar a amizade. Neste tempo, Luiz e eu nos casamos, em 1937. Tive em meu sogro um grande amigo, deixou saudades...

Luiz teve muito contato com os colonos de nosso município e muitas vezes ia à casa deles para uma pescaria. Nesta época Luiz recebeu uma oferta do Instituto Butantan de São Paulo. Em troca de cobras vivas receberia soro antiofídico. Luiz recorreu aos amigos do interior e a cada semana traziam cobras de todas as espécies que se encontram em nosso Estado. Do Instituto vinham caixas próprias para o transporte. Quero lembrar um pequeno episódio: Por trás das lojas havia uma faixa cimentada e as frágeis cercas de estaquetas de madeira as separavam. Luiz estava radiante, tinha recebido um “belíssimo exemplar” de Jararaca-Açu. Era a maior cobra até então recebida. Ao trocar de caixa a “preciosidade” acabou escapando, sumiu... ninguém sabia para onde. Os donos das lojas foram alertados e houve pânico como era de se esperar. Começou então uma busca frenética. Felizmente a cobra foi encontrada, tinha se refugiado no rancho das caixas vazias. Luiz estava feliz duplamente, por ter tudo acabado bem e o “belo exemplar” vivo.

Quando o Brasil entrou na Guerra houve a possibilidade de Luiz ser convocado como farmacêutico, ele já estava alistado. Fui então treinada na farmácia para neste caso poder ajudar. Lembro que muitas vezes meu sogro ao me entregar uma receita, dizia: Grete, não cobra nada, eles já tiveram despesa de viagem... Este era o farmacêutico Medeiros.

Naquela época, nos anos trinta, Blumenau tinha muitos problemas com a saúde. A malária tornara-se um verdadeiro flagelo. De algum lugar veio o mosquito Anopheles, transmissor desta febre que até então não conhecíamos. Veio com toda força possível. Posso dizer que não havia casa de família que não tivesse pessoas atacadas pelo mosquito. A gente não tinha como se proteger, usávamos mosquiteiros nas camas. Nos hospitais todas as camas tinham uma armação de madeira com o mosquiteiro preso. O remédio era unicamente Quinino. Alguns dias de tratamento, a febre cedia, mas ela era tihosa e sempre voltava, quando bem queria. Sempre chegavam novos remédios. Aliviavam, mas não curavam. Meu filho de apenas três anos foi infectado pelo mosquito. Apareceu um remédio alemão chamado ATEBRINA, tido como milagro-

so. Eram comprimidos de cor verde-amarela. O único milagre era que todos que os tomavam apresentavam esta cor, os blumenauenses adquiriam uma cor verde-amarela, mas não por patriotismo. Para o tratamento de meu filho fizemos de tudo, passava no máximo um mês livre da febre. Quando o pequeno estava com seis anos ganhou do avô uma pequena farmácia. Para brincar trazia da farmácia do pai as caixinhas vazias de remédios e colocava balas para fazer de conta... Um domingo de chuva, presos em casa, ele e o primo brincaram o dia todo nesta vendinha. À noite Luiz viu que a boca do menino estava azul por dentro. O que houve... o que foi que você comeu? Soubemos então que entre as caixinhas vazias eles haviam encontrado duas cheias. Eram comprimidos de PALUDAN, na base de Quinino, remédio contra malária. Eles dividiram fraternalmente, uma caixa para cada um, tomaram de uma só vez, dose cavalari para adulto. Luiz foi saber a opinião de nosso médico e amigo Dr. Renato Câmara. Por coincidência este estava voltando de um congresso em Curitiba sobre malária. Disse-nos ele que a última novidade era administrar uma dose maciça, e que talvez o menino se teria curado. O incrível aconteceu, nosso filho nunca mais teve um acesso da terrível febre. Sempre digo: nada acontece por acaso...

Outra doença endêmica era o Tifo. Todos os anos morriam pessoas contaminadas. Os hospitais mantinham isolamento, pois a doença era altamente contagiosa. Não respeitava idade, nem rico, nem pobre. Blumenau não dispunha de água tratada, todas as casas tinham um poço no quintal e toda água consumida era tirada destes poços. Nossa cidade também carecia de rede de esgoto, por falta de fossas usavam-se sumidouros. Pobres rios e ribeirões. Dr. Afonso Rabe era médico sanitarista e muito preocupado com esta situação. O médico constatou que havia residências onde anualmente surgiam casos de Tifo, quase sempre fatais. Dr. Rabe veio conversar com o Luiz e os dois resolveram tirar isto a limpo. O alvo foi um prédio na rua 15 de Novembro do lado do rio. Luiz preparou um litro Azul de Metileno e foram até lá. Pediram licença para fazer uma vistoria. Foram até o banheiro e colocaram o líquido azul no vaso sanitário e deram a descarga. Em seguida foram até o poço e colheram água. Esta água estava azul como o líquido colocado. Estava confirmada a contaminação da água do poço... Mais tarde com a vacinação em massa, água tratada e

fossas OMS, ficamos livres deste mal.

Os mosquitos continuaram e entre eles o Anopheles, causador da malária. Chegavam ambientalistas e sugeriram que se fizesse uma limpa nas matas. Tiraram principalmente as Bromélias, hoje tão em moda. Esta planta retém em suas folhas a água onde os mosquitos se criam, aliás eles se criam em água limpa. A Bromélia foi a vilã. Pelo sim ou pelo não, a malária desapareceu.

Tivemos mais uma vacinação em massa. Foi contra a Febre Amarela. Não sei se houve algum caso aqui, mas na mata foram encontrados macacos doentes atacados pela febre. Foram somente os macacos Mono, assim chamados por causa da cor amarelo-avermelhada. Em verdade esta não é a cor de suas peles que é de um branco acinzentado. A cor vermelha é de um pó que eles trazem solto no corpo. O nosso Estado era o que mais possuía destes animais no Brasil. Foram dizimados, quase extintos. Hoje temos na cidade de Indaial uma pequena reserva onde vivem mais ou menos 50 exemplares desta raça, cuidadosamente tratados pela funcionária responsável. Vale a pena visitar. Os macacos estão “quase livres” e parecem felizes. Quem sabe, um belo passeio para os alunos dos colégios. Bastante educativo!

Foram anos difíceis. Nossa cidade melhorou muito. Temos agora água tratada da melhor qualidade, as residências possuem fossas, os mosquitos estão mais comportados...

Blumenau merece!

Blumenau, maio de 2002.

Memórias

Talvez o melhor dos meus Natais

TEXTO:
ALBERTO PLÍNIO
BAUMGARTEN*



Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

Este conto é para os que crêem na maravilha do Natal e na alegria da mágica festa. Aos que acreditam em Papai Noel, com seu trenó e suas renas voando nas luzes e brilho das noites de dezembro.

Há dois mil anos, a grande festa dos cristãos se repete, a cada dia 24, do último mês do ano. Dizem os mais antigos, que na França, na Idade Média, viveu um lenhador que se chamava Noel. Tinha este nome, porque nascera no mesmo dia que nasceu Jesus. E, em francês, Noel é o mesmo que Natal. Noel fabricava brinquedos, estes feitos de madeira, para vender às famílias ricas do lugarejo onde vivia. Mas um dia, achou que deveria fazer uns bichinhos de barro, ovelhas, burrinhos, vacas e, na noite de Natal, os deixava às escondidas nas janelas das crianças pobres, aquelas que nunca haviam ganho um presente de Papai Noel. Esta é uma das muitas lendas que existem sobre as noites natalinas, que meu pai pacientemente contava por várias vezes. Quando criança ouvi muitas histórias. Lembro-me de muitos fatos. Ah! Quantas coisas me vêm à lembrança. Meu pai era um bom narrador de contos.

Outra pequena história, que não me sai da memória vou contar adiante. Quando Jesus nasceu, em Belém, há dois milênios, até as árvores, naquele dia tão especial, resolveram homenageá-lo, curvaram seus galhos e ofereceram seus frutos. Entre estas árvores existiu um pequenino pinheirinho, que foi alvo de risos e deboches, por ser pequeno e não ter frutos a oferecer a Jesus. Nisto as estrelas, lá no alto, solidárias com o frágil pinheirinho, desceram e pousaram em seus galhos, transformando-o numa árvore maravilhosa e resplandecente, todinha colorida.

Começava o mês de dezembro e o ambiente das festas natalinas, mudava complementemente a cabeça

* Colaborador da Revista Blumenuau em Cadernos.

da criançada. Principalmente a minha, pois, estava na incerteza, se ganharia ou não minha primeira bicicleta. Era natal de 1949, lembro-me bem e com certeza, pois, no próximo ano, seria o ano que comemorariamos o centenário de nossa querida Blumenau.

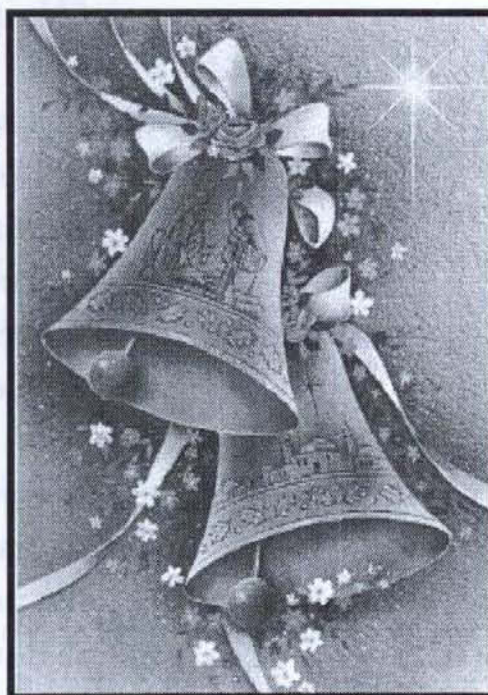
É chegado o momento. Era noite de Papai Noel, primeiro a ceia, que nossa mãe havia preparado com muito trabalho e carinho, depois, a ida à casa de meus avós e também de meus tios, para buscar os presentes, que O Bom Velhinho havia deixado por lá.

Após longa espera, chegara a hora. Apagaram-se as luzes, a porta da sala foi aberta e lá estava o símbolo maior, o “Tannenbaum” da nossa casa uma árvore alta, cheia de bolas coloridas e ricamente iluminada. Dispostas ao seu redor, estavam bandejas de coloridos docinhos de Natal, chocolates e uma farta travessa de apetitosas rabanadas. Meus olhos estavam deslumbrados e não via a hora de chegar o momento das surpresas. No antigo toca-disco o som de “Stille Nacht” dava o toque final; ao pé da iluminada árvore estavam inúmeras caixas e embrulhos de variadas formas, tamanhos e aspectos, envoltos em papel de presentes. No canto da sala, reluzente e tinindo de nova, vermelha com frisos brancos, a bicicleta tão sonhada. Esta visão jamais apagou-se de minha memória. Talvez, a melhor lembrança dos natais de minha infância.

Entre lágrimas e risos, os beijos e abraços aos meus pais, por terem realizado meu grande sonho, neste final de 1949. Já era muito tarde, quando fui dormir, minha mais recente companheira ficou ao lado de minha cama até o amanhecer, como se fosse a mais fiel das sentinelas.

Ah! Que Natal maravilhoso, que doce saudade! Vale a pena acreditar nas lendas...

Não deixem o Natal acabar,
Porque cada ano é um ano.
São 365 dias de emoções maravilhosas.
Mesmo que para algumas cabeças,
É época do mais agitado comércio,
Para a maioria, ainda será,
De amor, magia, alegria
E de muitas histórias para contar...



Memórias

A Festa do Natal

TEXTO:
AFFONSO BALSINI

BLUMENAU
em Cadernos

Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

A festa do Natal é uma das mais significativas e brilhantes que se comemoram em Blumenau. A celebração do dia de Nosso Senhor Jesus Cristo é festejada em nossa cidade com tal alegria e entusiasmo como em nenhuma outra parte de Santa Catarina. Não é porém uma festa que se caracteriza por grande massa popular reunida, em praça publicas ou lugares de diversões, mas que se desenrola na intimidade, em todas as famílias, sem exceção, sejam pobres ou ricas. Não vemos aqui os folguedos das pastorinhas, com fandangos, cantigas e “bumbas-meu-boi” que se observam no Norte do Brasil, mas o tradicional pinheirinho, com lindos enfeites luminosos e multicores, colocado no centro ou no canto da melhor sala da vivenda. Em redor da Árvore de Natal estão o inseparável presépio, representando a cena que se rememora, as cadeiras com os presentes para as crianças, a mesa com doces, nozes e bebidas, o piano ou outro qualquer instrumento musical ao som do qual são cantadas, em conjunto, as maviosas estrofes de “Noite Feliz ...”

Ao contrário do costume existente em outros lugares de nosso país, os presentes são distribuídos no dia 24 de Dezembro à noite, em que a festa se reveste da maior alegria e sob o ruído contínuo dos brinquedos infantis. É por isso que aqui as sociedades não promovem bailes nesta noite, como é comum nas cidades do Centro e Norte do Brasil.

Constitui uma questão deveras interessante a pesquisa da origem da festa do Natal e suas variedades, que são hoje comemorações universais, celebradas por todos os países em que penetrou a maravilhosa doutrina cristã.

É evidente que, como hoje festejamos a data do nascimento de qualquer personalidade ilustre, fosse celebrado com grande pompa e alegria desde os primeiros tempos do Cristianismo, o dia em que veio ao mundo o Redentor. Esta data entretanto não era comum para todos os fiéis pois alguns a festejavam em Dezembro, outros em Janeiro e até em Abril e Maio. Verificava-se isto devido a disparastes acerca do dia exato em que nasceu Jesus. O papa Julio I mandou fazer investigações durante o século IV, ficando provado que a data exata era a de 25 de Dezembro.

O nome Natal originou-se, provavelmente, de certos autos e canções chamados “natais” e que se faziam ouvir neste dia festivo. Os natais remontam á época em que as multidões deixaram de compreender e de falar a língua latina, empregada pela liturgia, eclesiástica, no século IX. Os mais antigos eram canções dialogadas nas quais a Virgem e os Anjos falavam latim ao passo que os pastores respondiam em linguagem vulgar. Tomaram grande desenvolvimento nos séculos XIII e XIV em que eram acompanhamento necessário para a representação dos mistérios. Quando estes foram proibidos, os natais tornaram-se canções destinadas a eleger a véspera do dia do nascimento de Jesus Cristo. Com o tempo, porém perderam o seu caráter exclusivo e confundiram-se com as poesias e cantigas vulgares.

S. Telesforo instituiu no ano 138 que no dia do Natal os sacerdotes rezassem três missas. Esta permissão aos sacerdotes tem por fim honrar os três nascimentos de Nosso Senhor: um, eterno, no seio do Pai, outro no seio da Virgem e outro espiritual, com a graça para os fiéis.

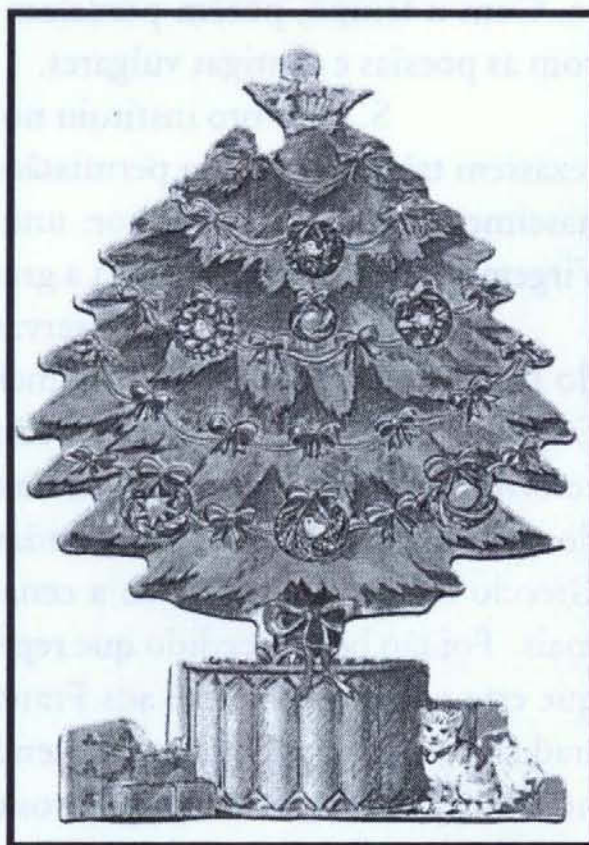
O presépio que observamos nas igrejas e casas particulares no dia do Natal foi imaginado pela primeira vez por S. Francisco de Assis em 1223. Estando o santo certa vez por ocasião desta festa no vale de Rieti, na Itália, resolveu representar a cena da vinda do Salvador do mundo de um modo capaz de impressionar e excitar profundamente os fiéis. Numa gruta do bosque de Greccio reconstituiu ao vivo a cena sagrada, com personagens, objetos e animais. Foi tão bem sucedido que repetiu a cena nos anos seguintes fazendo com que este costume passasse aos Franciscanos e depois ao povo em geral. Esta tradição foi aos poucos desaparecendo, permanecendo somente os presépios de hoje: simples esculturas ou quadros que representam o nascimento do Menino Jesus. Reminiscências dessas representações ao vivo são os folguedos pastoris

em que vemos personagens travestidos em pastores, conduzindo ovelhas e cordeirinhos, no meio dos quais vão a Virgem, S. José e o berço com Jesus recém-nascido. Estas representações são comuns no Nordeste e Bahia principalmente.

O uso do pinheirinho nos veio dos antigos bárbaros germânicos, que usavam, primitivamente, enfeitar suas cabanas com ramos verdes por ocasião da Festa do Sol, para que os deuses afastassem as desgraças de seus lares. Os bretões e os romanos seguiram este costume usando, porém, visgos, louros ou ramos de oliveiras, cuja finalidade era também supersticiosa. Mais tarde, com o advento do Cristianismo este uso passou para a celebração do nascimento de Jesus Cristo. Encontrou, entretanto, forte oposição dos sacerdotes que viam nisso um costume pagão e, portanto inadequado aos cristãos.

A árvore de Natal nas casas só foi usada depois do ano de 1.500, tomando tal grandiosidade que um magistrado de Strazburg viu-se na contingência de proibir a devastação das matas. Neste tempo a árvore era enfeitada com doces, e objetos coloridos, não existindo o costume das velinhas acesas. No dia 31 de Setembro de 1611 a duquesa Sybilla enfeitou um pinheirinho com velas e como o castelo foi visitado por grande número de camponeses dos arredores, propagou-se desde logo o novo método de ornamento.

Hoje em dia, pode-se dizer que a festa do Natal não é completa se nela faltar o tradicional pinheiro enfeitado, pois este lindo e poético costume germânico tornou-se universalmente conhecido e seguido com carinho por todos os povos cristãos da humanidade.



Crônicas do Cotidiano

Esse Velho Companheiro

TEXTO:
URDA ALICE
KLUEGER*

BLUMENAU
em Cadernos

Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

De quem será que a escritora vai falar desta vez? Um velho amigo de escola, um antigo namorado? Nada disso, vou falar é de um já velho companheiro de todos nós, que atende pelo nome de PLÁSTICO.

Olho ao meu redor, e verifico quanta coisa de plástico faz parte do nosso dia-a-dia: aqui, ao meu redor, tenho canetas, capas de livros, invólucros de papel-ofício, porta-clips, a estrutura do computador, tudo de plástico; lá na cozinha o plástico abunda, desde a garrafa do leite até os potinhos onde se guardam coisas na geladeira. E aí me ponho a pensar em como surgiu esse material sem o qual, agora, ficaria bem difícil viver.

Em 1966, quando eu estava com 14 anos, lembro bem de ter lido uma velha, velhíssima Seleções do Reader's Digest, datada de uns 20 anos antes, onde havia uma reportagem sobre o descobrimento de um novo material. Falava-se num material muito maleável, que poderia, inclusive, ser transformado em película e folhas. Creio que os cientistas de época não conseguiram vislumbrar o alcance do uso que teria o plástico, pois, uma das poucas utilidades previstas na reportagem era de que aquele material novo poderia ser usado, por exemplo, para embrulhar queijos. Como, nas minhas contas, 20 anos antes de 1966 dá 1946, acho que temos a data aproximada da descoberta do plástico.

Nessa época de 1966, o plástico já estava ficando conhecido; com ele, já se fabricavam bonecas, brinquedos, alguns utensílios de cozinha, que eram quebradiços e que exalavam um cheiro terrível caso acontecesse de queimar. E, mais ou menos então, fez-

* Escritora e Membro da Academia Catarinense de Letras.

se uma revolução na indústria das embalagens, que culminou com o luxo extremo de se substituir as velhas garrafas de leite, que tinham de ser areadas todos os dias, por moderníssimos sacos de plástico. Como, na ocasião, a maioria das pessoas ainda se abastecia das garrafas de leite de vaca do vizinho, virou coisa chique ter-se leite “de pacote”, e cada saquinho de leite era lavado e pendurado no varal, para ser reaproveitado.

Reaproveitavam-se os sacos de leite das mais diversas formas: para se levar lanche para a escola, para se carregar mudas de flores de um casa para outra, e por aí afora. Mas houve uma idéia para o reaproveitamento dos sacos de leite que foi genial: cortados em tirinhas, eles se transformavam em linha de crochê. E virou moda chique, chiquíssima, fazer-se bolsas de tiras de sacos de leite. Eu tive uma delas, redonda bolsa à tiracolo para usar na missa, feita por mim mesma com grossa agulha de crochê. As bolsas de saco de leite eram uma questão de status, deixavam bem clara a evolução das famílias, que usavam o leite “de pacote” e já não precisavam arear, todos os dias, as garrafas. É claro que, algum tempo depois, tais bolsas saíram da moda, pois o progresso foi acabando com as vacas dos vizinhos, e o consumo do leite “de pacote” tornou-se popular, o que popularizou, também, as bolsas de crochê de saco de leite. Não tinha mais graça usar o que já não era novidade, o que qualquer um, agora, tinha acesso. Algumas velhinhas adeptas do crochê, porém, nunca abandonaram os sacos de leite: Dona Noca, amiga da minha mãe, que faleceu há três ou quatro anos, lá na praia de Armação, até a sua morte muito produziu com seu crochê feito de tirinhas de tais sacos.

Bem, de 1946 a 1995 há um intervalo de quase cinqüenta anos, e nesse tempo, o material novo que se supunha fosse bom para embrulhar queijos, demonstrou ser de uma utilidade espantosa. Você, que está lendo este texto, dê uma olhadinha ao seu redor e pense na sua vida: como você faria para viver, hoje, sem a presença do plástico?

Ah! O plástico, esse velho companheiro!

Blumenau, 29 de Outubro de 1995

Esporte & Lazer

Três Colunas Marcantes de Mano Jango

TEXTO:
AURÉLIO SADA*



Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

Fosse qual fosse o assunto, entre os problemas – grandes ou pequenos – de uma cidade que nem era seu berço-natal; coisa séria ou brincadeira, longe daqui, tudo isso “mexido” com os nem sempre agradáveis (para os atingidos) temperos da zombaria, críticas de verdade e colocações bem-humoradas, o amigo comum João Vieira, nosso saudoso Mano Jango dos escritos agradáveis de se ler, topava qualquer parada.

“Espião a Maré”, como “Bolas Quadradas”, eram colunas essencialmente populares. A primeira, mais opinativa e abrangente.

Com raríssimas exceções, ocasionadas por noites mal-dormidas, ou dias de baitas ressacas, tinha “Espião a Maré” ampla repercussão ao tempo de sua publicação em jornal diário que circulava na região do Vale em meio a toda sorte de dificuldades.

Mano Jango, muito mais quando apresentada a sua coluna na última página de *A Nação*, não cansava de nos pedir, ou quase implorar, que seu trabalho fosse revisado com extremo cuidado, tal o temor de vê-lo comprometido por “erros de português”.

Qualquer descuido, nessa operação de vigilância, deixava mal-humorado o meu antigo colega ferroviário e da “cadeia associada” de Assis Chateaubriand.

Infelizmente, evitar deslizos dessa origem na preparação de um jornal de tantas imperfeições, era quase impossível. Importante é que o extinto “Mensageiro da Selva” saísse às ruas bem ou mal impresso.

De tantos “Espião a Maré” produzidos

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

por Mano Jango com aquela inspiração habitual, selecionamos três, para transcrição nas páginas de Blumenau em Cadernos.

A primeira, divulgada no começo de outubro de 1960, evidencia a sólida amizade – vez ou outra ratificada em quadrinhas – que havia entre o articulista e o sempre-lembrado Dr. Oscar Leitão, magistrado culto, inteligente e de uma simplicidade incomum.

Na coluna de 21 de março de 1962, Mano Jango implica com o mau uso de certas palavras no rádio e jornal.

Por fim, no “Espião da Maré” de dia 18 de abril de 1962, o colunista comenta e produz trocadilhos a respeito de outra esperada e preocupante elevação do preço do leite.

1 – Sem Título

“Hoje é véspera de eleições. O assunto é eleições, puramente eleições, nada mais que eleições.

Ora, se o assunto é este, vamos falar no assunto.

Foi no tempo em que o saudoso Dr. Leitão era juiz eleitoral.

Ele gostava muito de fazer quadrinhas, dessas que a gente faz de improviso, em desafios. Sempre que me encontrava – se o ambiente o permitisse – engatilhava uma trova para o meu lado e, depois da resposta, soltava aquela risada sadia e contagiante, risada que nos era tão familiar.

Pois bem.

No último dia permitido para requerer segunda-via de título, vi que havia perdido o meu. Fiz, às pressas, um requerimento e fui levá-lo ao cartório. Ao requerimento preendi, com um clips, um papel com uma quadrinha e pedi ao Schramm para botar tudo na mesa do Dr. Leitão. A quadrinha era esta:

Dr. Leitão vou contar

Da minha vida um capítulo

-Dia 3 quero votar

Mas não dá. Não tenho título!...

Passados alguns dias o Schramm me entregava a segunda-via pedida. Presa a ela, com o mesmo clips que eu havia usado e no verso do mesmo papel da minha quadrinha, lá estava a resposta do Dr. Leitão.

O teu título aqui está

Tijucano “das Tijuca”!

-Vota bem, vota para já,

Natal de “Nega Maluca”!...”

2 – Equívocos

“Ah, o equívoco dos equívocos.

Há poucos dias li num jornal – não sei se daqui ou de Florianópolis – um agradecimento de estudantes ao governador do Estado. E agradeciam um troço lá qualquer, que veio de encontro às aspirações da classe.

Ora, se veio DE ENCONTRO – e não ao encontro – a ordem era esculachar e não agradecer!... Outra coisa muito usada é a COIRMÃ. Há a confusão naturalmente com o co-autor. Co-autor é aquele que, com outrem, produz qualquer coisa, diz o dicionário. Mas COIRMÃ, é simplesmente prima. Filha de pais-irmãos. No entanto, a gente cansa de ouvir os locutores: Prezado ouvinte, vamos entrar em cadeia com a nossa COIRMÃ a Voz do Azul para transmitir a sensacional festa e coisa e tal. Ora, entrar em cadeia com uma prima é de arder!...

E o PLANTEL! O plantel, então, é o diabo. É o plantel do Flamengo, é o plantel do Vasco, é o plantel do Botafogo...

A gente vai ver o que é plantel, pega o dicionário – e lá está: “Grupo de animais de boa raça que o criador conserva para reprodução...”

Vocês já imaginaram o Antônio Cordeiro dizer: Agora vamos entrevistar um elemento do plantel do Vasco. Em primeiro lugar aqui está o microfone para que ele cumprimente os ouvintes.

E o entrevistado pegar o microfone e soltar:

- Muuú, muuuuú, béééé!...

Já imaginaram, já?”

3 – Derivados do Leite

“A questão do aumento do preço do leite, continua fervendo. E leite, quando ferve, derrama”.

Para resolver o enguiço o Sr. Roberto de Oliveira, Presidente da COAPE, ficou de vir aqui, anteontem. Mas não veio. Deu o bolo, verdadeiro bolo de leite!... Em todo caso, para deLEITE dos interessados, veio ontem...

A verdade é que quando as COAPS, COAPES e COMAPS se metem a resolver casos de preços, os preços sobem fogueteantemente, numa chaCOALHADA interminável! ...

Do jeito que a coisa vai, chegaremos ao tempo em que dois, três ou mais vizinhos, terão que fazer uma VACA para comprar um litro de leite!

Estava eu nessas considerações, quando me aparece o Descobrinho, com seu inseparável cachimbo de coco da Bahia, e foi falando:

-Sabes o que foi que a COMAP disse para o consumidor?

-Não!

-Quando a NATA dos tubarões impõe, eu fraQUEIJO!...”

Burocracia & Governo

Documentos da Colônia de Blumenau



Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

Doc. 597

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Tendo o colono Julio Klueger comprado a esta direção uma sorte de terras de 50000 braças quadradas a 3 réis e pago à vista a quantia de Rs 100\$000, evidenciou-se logo pelos primeiros derrubados, que a qualidade da mesma foi muito inferior e o preço proporcionalmente exagerado. O comprador pediu pois, que fosse reduzido por um terço, isso é à 2 rs pela braça quadrada, e atento à qualidade do terreno em questão, acho, que este preço de um lado é bem razoável e vantajoso para a fazenda pública e do outro equitativo para o comprador.

Peço pois respeitosamente, V^a Ex^a queira autorizar-me para efetuar a redução, solicitada pelo dito Klueger, de Rs 150\$000 à 100\$000 em tudo, extinguindo nos competentes livros pois a quantia de Rs: 50\$000.

Deus guarde a V^a Ex^a - Colônia Blumenau,
19 de fevereiro de 1865.

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
D^{mo} Presidente da Província
Etc. etc. etc

O Diretor da Colônia de Blumenau
Dr. H. Blumenau

Doc. 598

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Uma deputação de colonos ultimamente me entregou a petição um pouco confusa, que se acha

junta, e me pediu a abertura de uma estrada, que siga do arraial da Itoupava Norte na margem esquerda do Itajaí até defronte da povoação Blumenau, como também, que eu represente à V^a Ex^a sobre esta obra.

Prestando-me de boa vontade à este ultimo pedido, cumpre-me porém dizer, como verbalmente já o declarei aos requerentes, que a estrada em questão, bem que agradável e útil, atualmente ainda não é de urgente e indispensável necessidade e o cofre e orçamento da Direção no próximo tempo não podem suportar mais esta despesa, que importará em três contas, pouco mais ou menos, e ainda exige o estabelecimento de um novo catraio¹ de passagem com suas despesas inerentes.

Concorrendo ainda a desvantajosa circunstância, de que em todo o cumprimento desta nova estrada a direção não possui nem pode vender uma só braça de terra, e que se devem construir duas dispendiosas pontes, entendo pois, que tal obra só poderá ser contemplada num ano futuro. Mas V^a Ex^a determinará como mais acertado for.

Deus guarde a V^a Ex^a - Rio de Janeiro, 25 de março de 1865.

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

D^{mo} Presidente da Província

Etc. etc. etc.

O Diretor da Colônia de Blumenau

Dr. H. Blumenau

Doc. 599

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Constando-me, que neste rio Itajaí-Açu se requestam assinaturas e se pretende à V^a Ex^a apresentar uma petição, com o fim de solicitar a fundação de uma Colônia Nacional nas terras dos ribeirões grande e pequeno de Gaspar, Freguesia de S. Pedro Apóstolo, julgo do meu dever, participar a V^a Ex^a, que estas

¹ Pequeno barco, tripulado por um homem.

terras pertencem ao território privativo desta colônia, vendo que o seu distrito urbano em grande parte já se acha vendido e povoado, e que no distrito rural já procedi aos trabalhos preparatórios, para pouco a pouco instituí-lo no círculo da efetiva colonização. Estes preparativos, constantes de medições, conveniente divisão ou repartição de sortes de terras fatura de picadas e caminhos, em dois ou três meses serão acabadas, e então ali poderá comprar terras, quem se sujeitar ao regime da colônia, estabelecida sobre as instruções e ordens em vigor. E não só os imigrantes estrangeiros, como os filhos do país, de que já número existe estabelecido na colônia, podem entrar na mesma e adquirir terras, ficando todas com as mesmas e iguais vantagens e obrigações, unicamente exceto as diárias e mais adiantamento, aos quais tem direito somente os imigrantes, recém chegados de fora do país com família, que não possuem meios alguns.

Como porém desde quatro anos é observada a muita acertada regra, filha das ordens do Governo Imperial e sustentada pelos antecessores de V^a Ex^a, de que a colonização sobretudo fique dirigida para os lados de D^o Francisca e da Serra e só em estas partes aos colonos se conceda a venda de terras à prazo, devendo elas serem pagas à vista nos demais distritos, que são os de Gaspar e da Itoupava, tal regra à muitos não agrada e não querem pagar à vista no Gaspar, nem estabelecer-se em outras partes à prazo. Contudo, também não faltam compradores à vista para aquela localidade e sendo as terras, ali sitas, de subido valor, em pouco tempo serão vendidas à dinheiro, e isto tanto mais, quanto as últimas medições evidenciam, que a superfície disponível e aproveitável não chega nem à metade da, que até agora se presumia. Há de assim resultar uma receita líquida, que não é para desprezar.

Por todos estes motivos, e como a renda à prazo nas indicadas dos distritos desta colônia havia de não só contrariar as ordens existentes e até agora observadas, como ainda seriamente comprometer e contrariar a futura marcha da colonização e do estabelecimento de novos imigrantes, e enfim, como é útil para brasileiros e alemães, que se estabeleçam misturadas, aprendendo e ensinando-se mutuamente, e nisto consiste um dos principais fins da colonização, venho respeitosamente pedir, V^a Ex^a queira manter em vigor e não alterar as ordens e regras existentes e até agora seguidas por esta Direção na venda das terras.

Deus guarde a V^a Ex^a – Colônia Blumenau, 27 de março de 1865.

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

D^{mo} Presidente da Província

Etc. etc. etc.

O Diretor da Colônia de Blumenau

Dr. H. Blumenau

Doc. 601

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Tendo acabado os negócios concernentes à colônia à meu cargo, venho respeitosamente solicitar a permissão de V^a Ex^a, para na data de hoje entrar no gozo da licença de seis meses com vencimentos, que por portaria do Ministério da Agricultura de 26 de janeiro pro. ps. me foi concedida.

Outro sim tomo a liberdade, pedir a V^a Ex^a, queira dignar-se, mandar expedir as convenientes ordens, para que a gratificação adicional, concedida pelo mesmo Ministério ao guarda livros da colônia, Hermann Wendeburg, durante sua função de diretor interno, com 500\$000 anuais, fique paga ao procurador seu e meu nesta capital, Fernando Hachrad, com a quantia de 200\$000 pelo corrente trimestre de abril à junho.

Deus guarde a V^a Ex^a - Desterro, 1^o. de abril de 1865.

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

D^{mo} Presidente da Província

Etc. etc. etc.

O Diretor da Colônia de Blumenau

Dr. H. Blumenau

Autores Catarinenses

Notícia sobre um conto

Colecionador apaixonado

Quem escreve o quê e onde

TEXTO:
ENÉAS
*ATHANÁZIO**



Edição Especial
45 ANOS
1957 - 2002

Notícia sobre um conto

“Voo do Açor”, publicado em volume por PM-Palavra em Mutação, da cidade do Porto (Portugal - 1999), é um conto estranho e instigante. Para seu autor, o conto é “um lapidar e desnudar de fragmentos”, que ele não se preocupa em definir, como também o fazia Mário de Andrade, para quem conto é tudo que o autor considere conto. Mas, mesmo num conceito ortodoxo, este é um conto, uma vez que relata a história de um homem triste, mal sucedido no amor e na aventura do exílio voluntário.

Nele eu vislumbro três aspectos que ocuparam minha atenção. O primeiro é a linguagem personalíssima, reveladora de um escritor que domina sua arte, manifestando-se com grande riqueza de expressão, imagens e conceitos, atingindo e conservando o nível poético ao longo de todo o texto. É um poema em forma de conto.

Julgo perceber, no percorrer das páginas, uma preocupação com o tempo, mais intensa no início, mas nem por isso menos significativa. Logo no começo surgem o “pêndulo de relógio na justiça invariável das horas” e depois “as horas (que) não passavam de meros símbolos...” Conclui mais adiante que “diferentes são apenas os segundos em que cada homem repousa no seu segredo” e relembra os “pinheiros mansos de alegria e maturidade (que) destacam-se para os céus incendiados de argila, envolvendo

* Escritor e Advogado

pássaros de outros tempos.” E mais adiante, numa indagação eivada de certo conformismo: “Que fazer quando o corpo nos pede a herança dos tempos idos?” É o tempo, o tempo, o tempo, surgindo em outros tantos locais da narrativa, definindo talvez uma angústia diante de seu mistério. No futuro, havendo oportunidade, pretendo estender esse exame em outras obras do autor.

O terceiro aspecto a que me referi reside na mensagem libertária contida no conto. Todo ele retrata a luta contra a miséria e a exploração, a busca da justiça social e da liberdade. É um manifesto contra todas as tiranias, sem o caráter de panfleto, o que implicaria em reduzir sua qualidade literária. Como diz o contista, “não me propus falar de amor com petulância de quem o conhece, ou de um modus social que é anterior ao meu nascimento, mas que, no entanto, deixou vincadas marcas cruéis de intolerância e entroncamento na repressão.” Refere-se à longa e tormentosa ditadura que imperou em Portugal.

Seu autor, ANTÓNIO TEIXEIRA DE CASTRO, nasceu na cidade do Porto, em janeiro de 1964, por coincidência dois meses antes da implantação da ditadura no Brasil. Colabora em vários jornais, sendo colunista de “Artes & Espetáculos”, o mais importante suplemento cultural de sua região. Tem vários livros publicados e edita a revista “Palavra em Mutação.”

Contatos: Rua de Belomonte, 9 5 - cave - 4050-098 - PORTO - Portugal.

Colecionador apaixonado

Nascido na cidade de Porto União, em 1948, e hoje radicado em Itajaí, Carlos Guérios é um apaixonado pelo nosso Estado e suas coisas. Estudioso de assuntos catarinenses há quarenta anos, também coleciona objetos ligados às áreas do “Contestado”, da Companhia Lumber, da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, de uso do Exército em tempos antigos e das fazendas da região. Sempre disposto a rebuscar e a viajar, regatear, trocar e até comprar, reuniu um conjunto de livros e peças históricas que provocam a cobiça de colecionadores, museus e

outras entidades, tendo recusado diversas propostas de compra para que o acervo não saia do nosso território.

Formou uma biblioteca com mais de 1200 títulos sobre Santa Catarina, versando a respeito de sua história, literatura e muitos outros aspectos, sem contar a inacreditável quantidade de mapas, documentos, fotos, matérias de jornais e de revistas. Reuniu 118 livros sobre o “Contestado”, vendidos, com muita dor de coração, ao Governo do Estado, mas conformando-se porque estão em boas mãos. Formou ainda a maior biblioteca árabe do país em língua portuguesa. E também se interessa pelos índios e sua cultura, temas sobre os quais possui considerável bibliografia. Vem organizando o livro “Imigração Sírio-Libanesa em Santa Catarina”, que deverá ser lançado dentro de dois anos, homenageando seus ancestrais árabes.

Entre as peças que formam sua coleção, todas perfeitas e conservadas por ele próprio, estão “Winchesters”, espingardas de carregar pela boca (“pica-paus”), revólveres antigos, garruchas de dois canos, espadas, facões, azagaias, facas aparelhadas, balas e roda de canhão, apitos de locomotivas, estribos de montaria, peças militares e do maquinário da Lumber, pedras raras e muitas outras peças. Possui ainda lanças e facões de madeira e de metal feitos pelos próprios jagunços durante as hostilidades.

Como “hobby”, coleciona moedas e realiza estudos históricos e geográficos para estabelecer o contexto em que elas circularam. Possui moedas que circularam desde 2600 até 100 anos atrás, todas identificadas, catalogadas e fixadas em suas respectivas épocas e regiões. A coleção tem espécimes de cerca de 700 origens (países, colônias, províncias, regiões etc). Em vários casos, os governos e os países que as emitiram nem existem mais.

Formado em Letras, é um pesquisador apaixonado, inclusive pelo nosso Estado. Irrequieto, ele mostra, explica, indica e anda sem cansaço dentro do imenso museu-biblioteca que montou no andar térreo de sua casa. Passei com ele uma tarde inesquecível, desvendando os mais curiosos episódios históricos. Sem tempo para examinar tudo, muita coisa restou para uma futura visita.

Quem escreve o quê e onde

Em caprichada edição da Garapuvu (Florianópolis), o jornalista e escritor Mário Pereira acaba de dar a público o livro “Ao Pé da Letra – Escritores catarinenses contemporâneos e outros textos”, reunindo um punhado de artigos críticos a respeito de obras de nossos escritores, em sua maioria ilhéus. Analisa também Altino Flores, Tito Carvalho e Harry Laus, todos falecidos, como tributos à admiração, em ensaios mais amplos. No capítulo sobre apontamentos de leitura aborda inúmeros escritores estrangeiros, revelando uma visão panorâmica universal das letras de hoje, dedicando ainda vários textos ao cinema. No capítulo final, denominado Textos à Margem, reúne três ensaios mais alentados, abordando “A leitura como transgressão”, “De volta a Ítaca” e “Jornalismo fast food.” O volume, em seu conjunto, exhibe um autor afinado com a boa literatura, seguro na avaliação e hábil no exprimir seus julgamentos, enfim, um crítico como as letras catarinenses reclamam e que, caso se voltasse com preferência aos nossos autores, prestaria um serviço exemplar e preencheria uma lacuna. “A boa leitura – escreveu ele – exige reciprocidade, pressupõe que o leitor responda e reaja ao texto. Toda a leitura bem feita constitui também um ato de criação. Como tal, é um ato silencioso e solitário mas, como observa George Steiner, trata-se de um silêncio vibrante e de uma solidão abarrotada de vida.”

*

“Quem Escreve em Itajaí”, de autoria de Magru Floriano, acaba de ser lançado, em edição da Brisa Utópica (2002). Trata-se de um indicador da literatura e do jornalismo da região da Grande Itajaí, até 2000, e que custou ao autor três anos de longas e pacientes pesquisas, reunindo milhares de elementos informativos a respeito dos que escrevem nessa parte do território catarinense. Como salienta ele, é uma obra inacabada, sempre em evolução, buscando acrescentar, corrigir e

ampliar as informações, e que já nasce prometendo uma reedição ampliada e corrigida para 2005. Jornalista e professor universitário, o autor é presidente da Academia Itajaiense de Letras e conselheiro da União Brasileira de Escritores (UBE-SC). O livro é bem documentado, ilustrado e de excelente feição gráfica. Constitui-se numa excelente fonte de informação que vem complementar outras obras do gênero já existentes.

*

Victor Marcio Konder, veterano homem de imprensa e integrante das hostes libertárias, acaba de publicar o livro “Militância”, em edição da Siciliano. Nele o autor revive os dias agitados e muitas vezes trágicos de sua militância política em páginas densas e verazes que revelam a tenacidade de homens que expunham a própria vida na defesa de um ideal coletivo. Bem escrito, é um texto vivo e que documenta de maneira autêntica uma fase de nossa história contemporânea.

*

Realizou-se no plenário da Assembléia Legislativa uma sessão solene em homenagem ao centenário da “Associação Irmão Joaquim”, patrocinada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) e pelo Legislativo Estadual. Foi uma homenagem justa e merecida.

*

Hilda A. Hübner Flores, professora, historiadora e autora de vários livros sobre temática feminina, está convocando todas as mulheres que queiram integrar o “Dicionário de Mulheres”, impresso e em CD Rom, bastando para isso ter pelo menos um livro publicado. Para maiores informações, escrever para rua Aurélio Bittencourt, 219 - Apt. 401 - CEP 90430-080 - Porto Alegre/RS. As catarinenses não devem ficar de fora!

*

Nosso Brasil continental é repleto de mistérios. Cada região guarda muitos deles, nem sempre conhecidos e descritos, transmitindo-se apenas pela tradição oral. Quando visitei o “Parque Nacional de 7 Cidades”, no município de Piripiri, no Estado do Piauí, nunca imaginei que lá ocorriam tantos e tão variados fatos inexplicáveis e que desafiam a lógica dos pesquisadores. Só agora, lendo o livro “Arrepios e Assombrações em Sete Cidades” (Edições Tur-Troya - Teresina - 2001), que me foi enviado pelo autor, Reinaldo Coutinho, tomei conhecimento desses variados fenômenos que se repetem naquele recanto que preserva algumas das mais incríveis e insólitas formações rochosas conhecidas. Seres invisíveis que gritam, velórios alucinantes, estranhos ninhos de cobras, lobisomens, dançarinas fantasmas, mulheres de branco, telefonemas do Além, calor inexplicável e lojas fantasmas são alguns dos fatos que o autor pesquisou com extrema paciência, procurando testemunhá-los e gravá-los da forma mais convincente possível. E assim reuniu um dos mais arrepiantes conjuntos de fenômenos sem explicação dentre os tantos que costumam acontecer no local, segundo a “vox populi.” Livro delicioso, revela coisas nas quais se pode acreditar ou não, mas que as testemunhas relatam com inteira convicção. Em sequência, publicou o autor o livro “Cabeça-de-Cuia, Monstro ou ET?” (Edições Tur-Troya - Teresina - 2002), onde tenta desvendar esse estranho mito perseguidor das incautas virgens ao longo do rio Parnaíba. Os interessados nesses temas podem escrever ao autor para a Caixa Postal 1 0 5 - Agência Centro - CEP 54001-970 - Teresina/PI.

*

“À Janela dos Dias”, de Dalila Teles Veras (Alpharrabio Edições - Santo André - 2002), é o belíssimo livro em que a conhecida poeta, editora e agitadora cultural reúne sua “poesia quase toda.” É uma poesia que revela sensibilidade, onde o tempo, as lições da vida, os momentos fugazes, o amor, a felicidade, certas datas, a saudade têm presen-

ça forte e marcante. Seus poemas revelam, ainda, uma autora que bem domina o gênero e os compõe com inteira segurança. Como afirmou o poeta Tarso de Melo, “é este livro que renova o registro agudo da contemplação sensível, profunda e sempre iluminada pelo olhar cortante da poeta.” Muito bem dito, faço delas minhas palavras. Endereço: Rua Adolfo Bastos, 1 1 2 4 - Magnum II - Apt 8 1 - CEP 09041-000 - Santo André/SP.

*

Sergio Faraco, conhecido escritor, organizou para a Editora Garapúvu (Florianópolis) uma interessante antologia denominada “O Canto das Esferas Namoradas”, reunindo uma esmerada seleção dos poemas de Castro Alves. Contém poemas de “Espumas Flutuantes”, “Hinos do Equador”, “Juvenília”, “Os Escravos” e “A Cachoeira de Paulo Afonso.” É um livro que traz às livrarias o Poeta dos Escravos e permite um reencontro com sua mais expressiva poética.

*

Luciana Altmann, jornalista da equipe do “Jornal Página 3”, acaba de dar a público o livro “500 Anos de Pomerode - Histórias de Vida de Sete Personagens”, uma curiosa incursão no passado histórico e no meio social daquela cidade realizada através de depoimentos de pessoas idosas, reconstituindo, assim, a saga dos povoadores daquele trecho do Vale do Itajaí. São “situações e episódios narrados por pessoas comuns”, na linha dos ensaios históricos que vêm valorizando, em todo o mundo, os testemunhos de pessoas do povo, especialmente suas cartas e anotações, partindo do princípio de que elas não têm razões para mentir, ao contrário de muitos documentos oficiais que, não raro, têm o mau vezo de falsear a verdade dos fatos. O livro é bem ilustrado e revela uma pesquisa feita com muito cuidado.

*

“As Idades do Metal - A Arte de Guido Heuer” é o belíssimo livro-álbum que acaba de ser lançado, resumindo num ensaio biofotográfico as realizações do consagrado artista. Publicado em português, inglês e alemão, o volume contém excelentes fotos, muitas delas em cores, retratando obras do artista ou registrando instantâneos dele próprio no árduo exercício da criação. Também aparecem informações sobre as técnicas por ele utilizadas, seus princípios e tendências estéticas, notas biográficas e currículo, fornecendo imensa gama de elementos informativos aos leitores interessados na criativa obra do gravurista e escultor blumenauense.

*

“Momentos de Reflexão” é o novo livro de Júlio César Bridon dos Santos, escritor e poeta da cidade de Gaspar. Este livro retrata, segundo o Autor, “um momento de reflexão/ para fazer uma avaliação/ de tudo aquilo que ocorreu/ durante mais um ano que se finda.”O livro tem esmerada apresentação gráfica.

Flávio Colin

Faleceu em São Paulo, aos 72 anos de idade, o quadrinista Flávio (Barbosa Mavignier) Colin. Nascido no Rio de Janeiro, tinha fortes vínculos com nosso Estado, onde se criou e estudou, considerando-se mesmo um catarinense. Desenhista, caricaturista e chargista de muitos recursos, dedicou-se em especial aos quadrinhos, tendo criado personagens e realizado muitas histórias, publicadas em revistas, e tiras para jornais. Foi um pioneiro na luta pela nacionalização dos quadrinhos, libertando-os dos modelos estrangeiros, e procurando retratar nosso Estado e o Brasil em geral como pano de fundo de suas histórias. Recebeu vários prêmios da área.

Índice da Revista Blumenau em Cadernos – 2002

Título	Autor	Nº	Página
Aldo Pamplona	Méri Frotscher	05/06	035
Alegrias Ímpares	Urda Alice Klueger	05/06	088
Altamiro Romão de Oliveira	Altamiro de Oliveira Filho	09/10	086
Associações escolares: elementos históricos para o debate sobre o associativismo civil em Blumenau	Jaime Hillesheim / Camile Rebeca Bruns	03/04	060
Blumenau Cidade Limpa	-	01/02	101
Brasil Sport Club: em 18 anos três fundações/ G.E. Olímpico – Sede Própria	Aurélio Sada	01/02	093
Caixa Econômica de Iniciativa particular em Blumenau	-	01/02	041
Carnaval em Blumenau, O	Grete Baumgarten Medeiros	01/02	086
Cecília Weege Lischke	Maria Luiza Renaux Hering	07/08	050
Clube de Xadrez de Blumenau 1917-1947	-	01/02	107
Coisas Tenebrosas	Urda Alice Klueger	01/02	089
Colônias alemãs nos Distritos Brasileiros de Blumenau e Brusque, publicado por decisão dos membros do Senado 11/1897, As	-	07/08	009

Como a glória dos homens também passa a glória dos vapores	José Ferreira da Silva	03/04	032
Crispim Mira / O Publicitário do Diabo / São João Maria e outros assuntos	Enéas Athanázio	01/02	119
De Portugal e da Europa Medieval para o Brasil-Meridional	Dr. Walter F. Piazza	03/04	026
Discurso na Câmara Federal	Deputado Max d'Amaral	05/06	026
Ditos e Versos	Enéas Athanázio	09/10	119
Divertimento de Blumenauenses	Urda Alice Klueger	01/02	091
Documentos da Colônia Blumenau	Dr. Hermann Blumenau	01/02	043
Documentos da Colônia Blumenau	Dr. Hermann Blumenau	03/04	040
Documentos da Colônia Blumenau	-	09/10	110
Dona Hertha Deeke – Uma lembrança	Brigitte Fouquet Rosenbrock	03/04	076
Escolas Paroquiais: meta para a Igreja afirmar sua presença na sociedade, As	Claricia Otto	01/02	071
Esse Velho Companheiro	Urda Alice Klueger	11/12	098
Estrada para Blumenau	-	01/02	040
Excursão ao epicentro do Contestado 14/15 e 16/01/02	Enéas Athanázio	03/04	096

Família, o Meio Rural e a Memória no Distrito de Bananal – atual município de Guaramirim/SC, A	Gerson Machado	07/08	032
Feliz Páscoa	Grete Baumgarten Medeiros	03/04	067
Ferraria	Edgar Kielwagen	09/10	106
Franceses na Costa Catarinense na Época do Descobrimento	Jali Meirinho	05/06	018
Frederico Dix	Jader Rene Cipriani	09/10	069
Guido Vilmar Sassi	Enéas Athanázio	07/08	121
História de Vida – Ingo Armim Bohn	Isabel Mir Brandt.	11/12	069
Histórias de Blumenau	Loure Elsa Holetz	11/12	088
Homem chamado Jorge Amado, Um	Urda Alice Klueger	03/04	081
Hospital Santa Catarina / Hospital Santa Isabel	Karl Kleine	05/06	009
Integração e a Agricultura Familiar no Município de Quilombo, SC	Noeli Pertile	09/10	036
Inteligência empreendedora de Ernest Kieckbusch Secos & Molhados, A	Rafael Ernesto Kieckbusch	09/10	093
Jovem Cabeludo: este formidável controvertido homem do amanhã	-	1/02	105

Karl se torna professor	Karl Kleine	03/04	007
Lágrimas e risos na fundação de Camboriu	José Ferreira da Silva	01/02	032
Lembrando da Estrada de Ferro	Urda Alice Klueger	03/04	079
Meus tempos de Colégio – III – O Ginásio (2)	Armando Luiz Medeiros	01/02	082
Meus tempos de Colégio – IV – O Científico	Armando Luiz Medeiros	03/04	069
Meus Tempos de Colégio – VI – Um incidente quase às vias de fato	Armando Luiz Medeiros	11/12	086
Meus Tempos de Colégio V – O Contador	Armando Luiz Medeiros	05/06	083
Ministério da Fazenda e a Cooperativa Rural de Blumenau, O	-	03/04	038
Natureza na Literatura Teuto-brasileira: Paraíso Natural x Paraíso Construído	Prof. Dra. Valburga Huber	11/12	034
Nelson Rosembrock	Urda Alice Klueger	01/02	049
Nomes de clube viram passado já em 1944	Aurélio Sada	03/04	088
Notícia Sobre um Conto Colecionador Apaixonado	Enéas Athanázio	11/12	108
Ofícios do Dr. Blumenau para o Presidente da Província Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves, em 1865 (597, 598, 599, 601)	Dr. Hermann Blumenau	11/12	104

Olhos Azuis I	Raquel de Queiroz	05/06	023
Olhos Azuis II	-	05/06	025
Pobres Passarinhos!	Urda Alice Klueger	07/08	094
Primeira expedição de Karl à mata virgem, como ajudante na demarcação de terras, A	Karl Kleine	01/02	007
Primeiros imigrantes, Os	Victor Schleiff	03/04	092
“Problema dos Xokleng” no município de Blumenau (1900 - 1914): polifonias, O	Silvia Maria Fávero Arend / Luisa Tombini Wittmann	05/06	062
Procuero Terras no Sul do Brasil	Felix Moeschlin	09/10	009
Relato de minha vida	Gerold Konrad Gebler	03/04	105
Relatos de minha Vida	Gerold Konrad Gebler	05/06	090
Relatos de minha Vida – (final)	Gerold Konrad Gebler	07/08	119
Roda Mítica e o Arco –Íris da Tecnologia: Diferenças do olhar alemão e brasileiro em relação à tecnologia na década de 1930, A	Roberto Marcelo Caresia	01/02	020
Rua Araranguá: memória e origem	Evemara Faustino	11/12	044
Saúde em Blumenau, A	Grete Baumgarten Medeiros	11/12	092
Semana faz 80 anos, A	Enéas Athanázio	05/06	120

Sesquicentenário da Independência	Urda Alice Klueger	09/10	108
Sociedade de Artífices	Tradução Edith Sophia Eimer	01/02	037
Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau - 1907 – 2002	Brigitte Fouquet Rosenbrock	09/10	047
Talvez o melhor dos meus Natais	Alberto Plínio Baumgarten	11/12	096
Trabalho, casa e fábrica: estudo das formas de sociabilidade das mulheres operárias de Blumenau	Cristina Ferreira	11/12	056
Velhas calçadas e os nostálgicos locais da Quinze	Alberto Plínio Baumgarten	09/10	103
Venâncio Fiamoncini	Méri Frotscher	03/04	047
Velhas calçadas e os nostálgicos locais da Quinze	Alberto Plínio Baumgarten	09/10	103
Venâncio Fiamoncini	Méri Frotscher	03/04	047
Vivências de Clara Hermann, As	Clara Hermann	11/12	011

Descontos em folha: R\$ 100,00
 Salário: R\$ 1.000,00
 INSS: R\$ 100,00
 FGTS: R\$ 100,00
 Total: R\$ 1.200,00

Nome: _____
 CPF: _____
 Endereço: _____
 Cidade: _____
 Estado: _____
 CEP: _____

Assinatura: _____
 Data: _____



TOMO XLII I
Novembro/Dezembro de 2002 - Nº 11/12

Apoio Cultural:

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora



